

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE

# Sociologia

PARA O NÍVEL MÉDIO

MÓDULO  
2

## COMISSÕES DE SOCIOLOGIA

- Comissão de Acompanhamento** Aparecida do Rocio Freitas  
Cláudia Regina Santos de Almeida  
Profº Eduardo Fernando Montagnari – Comissão de Avaliação  
Profº Erlando da Silva Rêses – Comissão de autores  
Profº Flávio Marcos Silva Sarandy  
Profª Geovana Tabachi Silva – Comissão de leitores  
Guilherme de Paula Martins  
João Vicente Ribeiro Barroso da Costa Lima  
Tânia Elias Magno da Silva  
Kátia Morosov Alonso – UFMT
- Comissão de Avaliação** Profº Eduardo Fernando Montagnari – UEM-PR • ef.montagnari@uol.com.br  
Profª Maria Regina Clivati Capelo – UEL-PR • capelo@sercomtel.com.br  
Profª Tânia Elias Magno da Silva – UFS • taniamagno@uol.com.br
- Comissão de Autores** Profº Carlos Eugênio Soares de Lemos • eugenioleamos@hotmail.com  
Profº Erlando da Silva Rêses • erlandoreses@uol.com.br  
Profº Flávio Marcos Silva Sarandy • flaviosarandy@yahoo.com.br  
Profº José Henrique Organista • organista@uol.com.br  
Profº Mário Bispo dos Santos • mariobispo@hotmail.com  
Profº Nelson Dacio Tomazi • ndtomazi@uol.com.br  
Profª Shirlei Daudt Rodrigues Leal • shirleidaudt@yahoo.com.br
- Comissão de Leitores** Profª Cassiana Tiemi Tedesco Takagi • cassiana@uol.com.br  
Profª Geovana Tabachi Silva • tabachi@uol.com.br  
Profº Silvio Antonio Colognese • silviocolognese@ibest.com.br
- Coordenadores** Elisabeth Guimarães – janeiro de 2009 a julho de 2009  
Nelson Dacio Tomazi – agosto de 2009 a dezembro de 2009  
Flávio Marcos Silva Sarandy – janeiro de 2010 a agosto de 2010
- Coordenadores Adjuntos** Erlando da Silva Rêses – agosto de 2009 a dezembro de 2009  
Mário Bispo dos Santos – janeiro de 2010 a agosto de 2010



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE

# Sociologia

PARA O NÍVEL MÉDIO

MÓDULO 2

Carlos Eugênio Lemos  
Erlando da Silva Rêses  
Flávio Marcos Silva Sarandy  
José Henrique Organista  
Mário Bispo dos Santos  
Nelson Dacio Tomazi  
Shirlei Daudt Rodrigues Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Curso de especialização em ensino de sociologia :  
nível médio : módulo 2. -- Cuiabá, MT : Central  
de Texto, 2013.

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-8060-024-7

1. Sociologia - Estudo e ensino 2. Sociologia -  
Formação de professores 3. Prática de ensino.

13-07118

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores de sociologia : Formação : Educação 370.71

<i>Produção editorial</i>	<b>Central de Texto</b>
<i>Editora</i>	<b>Maria Teresa Carrión Carracedo</b>
<i>Produção gráfica</i>	<b>Ricardo Miguel Carrión Carracedo</b>
<i>Projeto gráfico</i>	<b>Helton Bastos</b>
<i>Paginação</i>	<b>Maike Vanni • Ronaldo Guarim</b>
<i>Revisão para publicação</i>	<b>Henriette Marcey Zanini</b>
<i>Foto da capa</i>	<b>Absolut/Shutterstock</b>



Núcleo de Educação Aberta e a Distância  
Av. Fernando Corrêa da Costa, s/ nº  
Campus Universitário – Cuiabá-MT  
www.nead.ufmt.br – tel: (65) 3615-8438

# Apresentação

Caro(a) cursista,

Este módulo tem dois objetivos bem distintos mas completamente interligados:

- ▶ estudo dos conteúdos científicos e acadêmicos indispensáveis à formação do professor da disciplina;
- ▶ compreensão dos fundamentos epistemológicos e das possibilidades metodológicas para a prática didática no ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Assim, para alcançar estes objetivos, o Módulo II ficou constituído por seis disciplinas, 31 aulas e uma atividade de conclusão.

Inicialmente será apresentada a história das Ciências Sociais, a primeira disciplina, pois que trata-se de um campo científico onde o conhecimento das teorias e dos conceitos não prescindem da perspectiva histórica. O conhecimento em Ciências Sociais tem se produzido como resposta a contextos históricos determinados, e conhecê-los é fundamental para a compreensão deste conhecimento.

Este módulo, através de suas disciplinas e aulas, levando em conta seus objetivos, procura favorecer o estudo, a compreensão e apresentar à discussão teorias e conceitos fundamentais à formação em Ciências Sociais, de modo a permitir sua revisão ou, no caso desta não ser sua formação original, permitir que você se aproprie dos conteúdos básicos da disciplina. É o momento de estudo de determinados conteúdos disciplinares.

A última disciplina do módulo procura problematizar a prática pedagógica e estimular sua investigação, construindo uma ponte para a confecção do TCC, no último módulo deste curso.

*Os autores.*



# Sumário

## DISCIPLINA 1 | **História da Sociologia** **11**

*Nelson Dacio Tomazi*

1ª Aula	Pressupostos e origem da Sociologia .....	15
2ª Aula	A Sociologia na França .....	27
3ª Aula	A Sociologia na Alemanha .....	35
4ª Aula	A Sociologia nos Estados Unidos da América .....	43
5ª Aula	A Sociologia contemporânea .....	53
6ª Aula	A Sociologia no Brasil .....	63
7ª Aula	Juventude e Sociologia .....	77

## DISCIPLINA 1 | **Cultura e identidade** **87**

*Mário Bispo dos Santos • Shirlei Daudt Rodrigues Leal*

1ª Aula	Cultura, identidade e estranhamento .....	89
2ª Aula	Cultura, identidade e nacionalidade: local = e ≠ nacional = e ≠ global. ....	97
3ª Aula	Cultura brasileira e identidade nacional .....	107
4ª Aula	Indústria cultural e o universo jovem. ....	115
5ª Aula	Cultura, identidade e educação .....	125
6ª Aula	Cultura, identidade e espaço escolar .....	137

**DISCIPLINA 3 | Estrutura social e mudanças sociais** **151**

*Carlos Eugênio Lemos • José Henrique Organista*

1ª Aula	Estrutura social e estratificação . . . . .	153
2ª Aula	Instituições sociais e socialização . . . . .	161
3ª Aula	Relações de poder no interior das instituições . . . . .	169
4ª Aula	Teorias sociológicas da mudança social . . . . .	177
5ª Aula	Educação e mudança social no mundo contemporâneo . .	183

**DISCIPLINA 4 | Participação política e cidadania** **189**

*Erlando da Silva Rêses*

1ª Aula	Mundo da política e o significado do poder . . . . .	191
2ª Aula	Cidadania e espaço escolar . . . . .	199
3ª Aula	Participação política e espaços de representação . . . . .	207
4ª Aula	Ação coletiva e movimentos sociais . . . . .	213

**DISCIPLINA 5 | Metodologia e recursos didáticos** **223**

*Flávio Marcos Silva Sarandy*

1ª Aula	Introdução: relembrando os fundamentos metodológicos . .	225
2ª Aula	Propostas curriculares em Sociologia . . . . .	229
3ª Aula	Elementos formais do trabalho didático rotineiro . . . . .	243
4ª Aula	Prática de ensino em Sociologia . . . . .	257
5ª Aula	A pesquisa como estratégia de ensino . . . . .	267

# Sociologia

P. Bourdieu

Sobre a ilusão  
biográfica ou  
lembrar

Karl M

aut

in

f



# História da Sociologia

## EMENTA:

Pressupostos e contexto do surgimento da Sociologia: os precursores e suas ideias. O desenvolvimento da Sociologia acadêmica e o seu ingresso nas universidades. A Sociologia na França, na Alemanha, nos Estados Unidos da América e sua dispersão por outros países. O desenvolvimento da Sociologia no Brasil. A importância da história da Sociologia e a contribuição dos clássicos para o professor se situar metodologicamente perante o programa que irá elaborar para o Ensino Médio.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BIRBAUM, P.; CHAZEL, F. (Orgs.) *Teoria sociológica*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1977.

BOTTOMORE, T.; NISBET, R. (Orgs.) *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo F. *Introdução ao pensamento sociológico: Durkheim/Weber/Marx/Parsons*. 15. ed. Rio de Janeiro: Centauro, 2001.

COLLINS, Randall. *Quatro tradições sociológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia. Para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

COMISSÃO GULBENKIAN. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.

CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. *História da sociologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

DOMINGUES, José Maurício. *Teorias sociológicas no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

GERTZ, René E. (Org.). *Max Weber & Karl Marx*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social*. Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo e moderna teoria social*. Uma análise das obras de Marx, Durkheim, Max Weber. Lisboa: Presença, 1976.

GIDDENS, A.; TURNER J. (Orgs.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 2000.

HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e desespero*. Uma história da sociologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LALLEMENT, Michel. *História das ideias sociológicas –V.I*. Das Origens a Max Weber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *História das ideias sociológicas –V.II – De Parsons aos contemporâneos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LEVINE, Donald N. *Visões da tradição sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MOYA, Carlos. *Teoria sociológica*. Una introducción crítica. Madrid: Taurus, 1971.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de O.; OLIVEIRA, Maria Gardência de. *Um toque de clássicos*. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: EdUFMG, 1995.

REX, John. *Problemas fundamentais da teoria sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia clássica*. 4. ed. Itajaí-SC: Ed.Univali/Edifurb, 2006

SKIDMORE, William. *Pensamento teórico em sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TIMASHEFF, Nicholas S. *Teoria sociológica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ZEITLIN, Irving M. *Ideologia y teoria sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

➔ **Obs.:** A bibliografia da 7ª aula estará na própria aula.

## INTRODUÇÃO:

---

A Sociologia, como toda ciência, nasceu e se desenvolveu em diferentes lugares e épocas determinadas. Por essa razão, faz-se necessário retornar um pouco no tempo e analisar o contexto de cada caso. Para tanto, é fundamental conhecer as transformações que ocorreram a partir do século XV, quando se iniciou uma grande transformação: a passagem da sociedade feudal para a sociedade capitalista.

A História sempre registrou as explicações que os homens encontraram para os acontecimentos presenciados, mas é somente no século XIX que vamos ver o surgimento de uma ciência – a Sociologia – tendo essa preocupação como objeto de estudo. Para compreender como isso ocorre é necessário conhecer alguns dos antecedentes que permitiram que apenas no século XIX emergisse uma *ciência da sociedade*.

É comum pensar a trajetória da constituição da Sociologia do ponto de vista das ciências sociais, ou seja, pensar a constituição da Sociologia sociologicamente, historicamente. Pensar a sociedade em que vivemos, dessa forma, significa pensá-la em movimento, não estaticamente.

Neste processo aparecem pensadores que sobressaem mais que outros e, por essa razão, ao analisar alguns nomes estaremos fazendo isso em função de dois critérios: o espaço desta disciplina para analisar a história da Sociologia e a influência de autores na constituição da Sociologia no Brasil.

O que enfatizamos é que para se entender as ideias de um autor ou de uma determinada época, o fundamental é contextualizá-las historicamente, para serem compreendidas como parte de um período. Pode-se afirmar que os indivíduos e grupos pensam a sociedade em que vivem mediante categorias do pensamento que emergem das tradições, do universo religioso, das raízes filosóficas e do conhecimento científico existente até então.

A Sociologia surgiu e se desenvolveu em vários países para chegar a determinadas características que nos permitem pensar uma sociologia mundial que hoje se apresenta como uma ciência que, embora não se prenda a características deste ou daquele país (que em alguns casos certamente permanecem), privilegia características mais globais. A opção presente de analisar a Sociologia na França, na Alemanha e nos Estados Unidos da América ocorre em virtude de que é nestes países que ela se desenvolveu no final do século XIX e início do XX com mais vigor, influenciando o desenvolvimento da Sociologia em outros países e, principalmente, no Brasil.

Franco Ferrarotti, sociólogo italiano, assim se expressa quando escreve sobre a opção de analisar a história da Sociologia por países:

[...] Isto quer dizer que as características e as orientações de fundo da Sociologia nos vários países não remetem apenas para o plano cultural, nem se explicam totalmente apenas nesse plano, não são um fato puramente científico, não podem ser explicadas tendo em conta só os aspectos internos da disciplina.

*Essas características e orientações põem em jogo a sociedade no seu conjunto, o conceito e a prática do poder que nela predominam, as suas instituições formalmente edificadas e juridicamente reconhecidas e os comportamentos típicos que caracterizam o seu real funcionamento quotidiano, o seu grau de maturidade como sociedade moderna, isto é, dinâmica e funcional, e, portanto, a sua história, os seus «valores», comuns e compartilhados, se como tal se manifestarem relevantes, e os seus costumes. Reduzido ao essencial e expresso numa forma só aparentemente paradoxal, o problema da Sociologia é que não pode haver Sociologia sem sociedade.* (FERRAROTTI, Franco. *Sociologia*. Lisboa: Teorema, 1986. p. 27).

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES:

---

- Estas aulas constituem apenas um panorama da história da sociologia. Tratam-se de uma pequena introdução para que você se sinta motivado a ler os textos indicados e outros que entender sejam convenientes para o desenvolvimento da sua formação.
- Além dos livros indicados na bibliografia geral (acima exposta), as aulas contemplam outras indicações de textos e livros que devem ser lidos ou consultados para se ter um bom desenvolvimento neste curso. Mas, veja bem, são todos textos de comentaristas, com apenas algumas citações de autores.
- A leitura dos livros e textos indicados não exclui a necessidade da leitura dos textos dos próprios autores (não comentaristas). Assim, por exemplo, os comentaristas de Comte, Marx, Durkheim, Tarde, Weber e Simmel são importantes, mas é fundamental – para quem deseja uma boa e sólida formação – ler os livros, ensaios e artigos originais para poder formar um universo de juízo próprio, ou seja, ter autonomia e assim poder elaborar suas próprias ideias sobre aqueles e outros autores contemporâneos.



# Pressupostos e origem da Sociologia

Nelson Dacio Tomazi

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

Ao longo da história da humanidade encontramos muitas teorias e explicações sobre a vida em sociedade e sobre os mais variados e diversos acontecimentos sociais, políticos e econômicos. Mas é somente no século XIX que surge a Sociologia como um ramo de conhecimento específico tendo essa preocupação científica como objeto de estudo.

Deste modo, em um primeiro momento vamos abordar uma série de acontecimentos que têm por finalidade oferecer uma visão do processo histórico que fundamenta e contribui para o surgimento da Sociologia. Esperamos assim que todo(a)s estejam disposto(a)s a empreender esta viagem, esta “aventura histórico-sociológica”.

## PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Entender os pressupostos históricos-políticos, sociais e econômicos e culturais – que fundamentam o surgimento da Sociologia. Demonstrar como o pensamento social foi se estruturando e sendo estruturado historicamente até o início do século XIX, quando as circunstâncias históricas criaram as condições para que a Sociologia surgisse como uma nova forma de ver, pensar e agir, isto é, como uma nova configuração do saber sobre a sociedade humana.
- ▶ Conhecer os principais pensadores que fundamentaram a emergência da Sociologia.

## CONHECENDO SOBRE

### ***Os antecedentes e a origem da Sociologia***

#### *As transformações no Ocidente e as novas formas de pensar a sociedade*

A Sociologia surge como um corpo de ideias que se preocupa com o processo de constituição, consolidação e desenvolvimento da sociedade moderna. Ela é fruto da Revolução Industrial e, nesse sentido, é denominada “ciência da crise”, porque procura dar respostas às questões sociais colocadas por esta Revolução que, num primeiro momento, altera toda a sociedade europeia e, depois, a maior parte do mundo.

Ela não surge de repente, como num passe de mágica, ou da reflexão de algum autor iluminado; ela é fruto de todo um conhecimento sobre a natureza e a sociedade, que se desenvolve a partir do século XV, quando ocorrem grandes mudanças decorrentes da transformação da sociedade feudal e constituição da sociedade capitalista. Essas transformações – a expansão marítima, as reformas protestantes, a formação dos Estados nacionais, as grandes navegações e o comércio ultramarino, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico – estão todas vinculadas entre si e não podem ser entendidas de forma isolada. Elas são o pano de fundo que pode iluminar o movimento intelectual que altera profundamente as formas de explicar a natureza e a sociedade.

#### *Expansão marítima (as grandes navegações)*

Trata-se de um grande acontecimento configurado pela circum-navegação da África e pelo descobrimento da rota para as Índias e para a América. A definição de um “novo mundo”, territorialmente muito mais amplo, com novos povos, novas culturas, novas formas de explicar as coisas, exigiu a reformulação do modo de ver e de pensar dos europeus.

Ao mesmo tempo em que novos povos e novas culturas foram conhecidos, colônias eram instaladas na África Negra, na Ásia e na América, acarretando com isso a expansão do co-



As grandes navegações portuguesas...

mércio entre as metrópoles e os novos territórios, bem como entre os países europeus. Com o surgimento de novas mercadorias (sedas, especiarias, produtos tropicais como açúcar, milho, tabaco e café, entre outros) nasceu e cresceu a possibilidade de um mercado muito mais amplo e com características mundiais.

A exploração de metais preciosos, principalmente na América, e o tráfico de escravos para suprir a mão de obra nas colônias, deram grande impulso ao comércio, que não ficou mais restrito aos mercadores das cidades-repúblicas (Veneza, Florença ou Flandres), passando também para as mãos de grandes comerciantes e dos soberanos dos grandes Estados nacionais em formação na Europa.

Toda essa expansão territorial e comercial acelerou o desenvolvimento da economia monetária, com a acumulação de capitais pela burguesia comercial que, mais tarde, terá uma importância capital na gestão do processo de industrialização da Europa.

### Surgimento do Estado Moderno

As mudanças que se operavam nas formas de se produzir a riqueza só poderiam funcionar se ocorressem modificações na estruturação política. Assim, pouco a pouco vai se desenvolvendo uma estruturação estatal com base na centralização da justiça e com um novo sistema jurídico baseado no Direito Romano. Houve também a centralização da força armada com a formação de um exército permanente, e a centralização administrativa com um aparato burocrático ordenado hierarquicamente e um sistema de cobrança de impostos com uma arrecadação constante para manter todo esse aparato jurídico, burocrático e militar sob um único comando. Nascia, dessa forma, o Estado moderno, que veio favorecer tanto a expansão das atividades vinculadas ao desenvolvimento da produção têxtil quanto à mineração, a siderurgia, bem como o comércio interno e externo.

### Reforma protestante

O século XVI conheceu outro movimento chamado Reforma Protestante. Ao entrar em conflito com a autoridade papal e a estrutura da Igreja, este movimento criou uma tendência que valorizava o indivíduo ao permitir a livre leitura das Escrituras Sagradas que se confrontava com o monopólio do clero na interpretação baseada na fé e nos dogmas. Várias partes do mundo ocidental passaram não apenas a interpretar as Escrituras Sagradas como também a estabelecer uma relação particular com Deus, sem a intermediação dos ministros da Igreja. A Reforma pôde assim se vincular a uma tradição de resistência à autoridade e à tradição que preparou a Ilustração (o Iluminismo). As figuras centrais dessa reação foram Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564).

Assim, havendo uma nova maneira de se relacionar com as coisas sagradas, houve também um movimento no sentido de se analisar o universo de outra forma. A razão passou a ser soberana e passou a ser o elemento essencial para se conhecer o mundo; isto é, os homens deveriam ser livres para julgar, avaliar, pensar e emitir opiniões sem se submeterem a nenhuma autoridade transcendental ou divina, que tinha na Igreja Romana a sua maior defensora e guardiã (ao menos no Ocidente).

Do século XV ao século XVII, o conhecimento racional do universo e da vida em sociedade começou a ser uma regra seguida por alguns pensadores. Foi uma mudança lenta, sempre provocando embates contra o dogmatismo e a autoridade da Igreja, a exemplo do Concílio de Trento (1545-1563) e dos processos da Inquisição. Estes procuraram impedir toda e qualquer manifestação que pudesse pôr em dúvida a autoridade eclesiástica, tanto no campo da fé quanto no campo do conhecimento secular que propunha novas explicações para a sociedade e a natureza.

Essa nova forma de conhecer e explicar a natureza e a sociedade, em que a experimentação e a observação se tornaram fundamentais, apareceu nesse momento representada pelo pensamento e pelas obras de diversos autores, entre os quais podemos citar Nicolau Maquiavel (1469-1527); Erasmo de Rotterdam (1466-1536); Nicolau Copérnico (1473-1543); Galileu Galilei (1564-1642); Thomas Hobbes (1588-1679); Francis Bacon (1561-1626); René Descartes (1596-1650) e Baruch Spinoza (1632-1677).

Além desses pensadores existiram outros que fizeram a ponte entre esses novos conhecimentos e os que se desenvolveram no século seguinte: John Locke (1632-1704); Leibniz (1646-1716) e Isaac Newton (1642-1727), que propuseram novos princípios para a compreensão da sociedade e da natureza.

Nesses dois séculos, XVI e XVII, encontramos na arte e na literatura as obras de alguns dos maiores artistas ocidentais que ainda hoje são importantes para entendermos alguns elementos da sociedade de então. Entre outros, podemos citar:

- **Leonardo di ser Piero da Vinci** (1452-1519) – *pintor/escultor/cientista*;
- **Michelangelo** di Ludovico Buonarroti Simoni (1475-1564) – *escultor/pintor*;
- **Rafael Sanzio** (1483-1520) – *pintor*;
- **Pieter Brueghel** (1525/1530-1569) – *pintor*;
- **El Greco** – Doménikos Theotokópoulos – (1541-1614) – *pintor*;
- **Rembrandt** Harmenszoon van Rijn (1606-1669) – *pintor*;
- Luís Vaz de **Camões** (1524-1580) – *escritor/poeta*;
- Michel Eyquem de **Montaigne** (1533-1592) – *filósofo/escritor*;
- Miguel de **Cervantes** Saavedra (1547-1616) – *poeta/escritor*;
- **William Shakespeare** (1564-1616) – *dramaturgo/poeta*;
- Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como **Molière** (1622-1673) – *dramaturgo*.

## As transformações no século XVIII

No final do século XVII, na maioria dos países europeus, a burguesia comercial, formada basicamente por comerciantes e banqueiros, tornou-se uma classe com muito poder, devido, na maior parte das vezes, aos vínculos econômicos mantidos com as monarquias. Essa classe, além de sustentar ativo o comércio entre os países europeus, estendia os seus tentáculos a todos os pontos do mundo, até não mais poder, comprando e vendendo mercadorias, tornando o mundo cada dia mais europeizado, impondo seu modo de vida, sua religião, seus costumes e crenças. Em bem pouco tempo o mundo não seria mais o mesmo que tinha sido até então.

O capital mercantil se estendeu também a outro ramo de atividade que gradativamente se organizava: a produção manufatureira. A compra de matérias-primas e a organização da produção, fossem através do trabalho domiciliar ou do trabalho em oficinas, levavam ao desenvolvimento de um novo processo produtivo em contraposição ao das corporações de ofício.

Ao se desenvolver a manufatura, os organizadores da produção passaram a se interessar cada vez mais pelo aperfeiçoamento das técnicas de produção, visando produzir mais com menos gente, aumentando significativamente os seus lucros. Para tanto, procuravam investir nos “inventos”, isto é, buscavam financiar a criação de máquinas que pudessem ter aplicação no processo produtivo. Assim, o conhecimento científico, gradativamente, passou a ter reconhecimento e tornou possível desenvolver novas tecnologias para potencializar a produção.

Desse modo, criou-se a máquina de tecer, a máquina de descaroçar algodão, bem como teve início a aplicação indus-

trial da máquina a vapor e de outros tantos inventos destinados a aumentar a produtividade do trabalho. Desenvolveu-se então o fenômeno que veio a ser chamado de maquinofatura. O trabalho que os homens realizavam com as mãos ou com ferramentas passava, a partir de então, a ser feito por meio de máquinas, elevando muito o volume da produção de mercadorias.

A presença da máquina a vapor, que podia mover outras tantas máquinas, incentivava o surgimento da indústria construtora de máquinas e, conseqüentemente, incentivava toda a indústria voltada para a produção de ferro e, posteriormente, de aço. É importante lembrar que, já no final do século XVIII, produziu-se o ferro e o aço, com a utilização do carvão mineral.

Nesse mesmo contexto de profundas alterações no processo produtivo encontrava-se também a utilização cada vez mais crescente do trabalho mecânico convivendo com o trabalho artesanal. A maquinofatura se completava com o trabalho assalariado, aí se incluindo a utilização, numa escala crescente, da mão de obra feminina e da infantil.

Ao mesmo tempo, longe da Europa, mas ainda vinculada a ela, havia a exploração do ouro no Brasil, da prata no México e do algodão nos Estados Unidos da América e na Índia, onde, na maioria dos casos, essas atividades se desenvolveram com a utilização do trabalho escravo ou servil. Esses elementos, conjugados, asseguravam as bases do processo de acumulação necessária para a expansão da indústria na Europa.

Todas essas mudanças, somadas à herança cultural e intelectual do século XVII, definiram o século XVIII como um século explosivo. Se no século anterior a Revolução Inglesa determinou novas formas de organização política, foi no século XVIII que tanto a Revolução Americana quanto a Francesa alteraram todo o quadro político ocidental, servindo de exemplo e parâmetro para revoluções políticas posteriores.

As transformações na esfera da produção, a emergência de novas formas de organização política e a exigência da representação popular irão dar características muito específicas a esse século, em que pensadores como Charles de Montesquieu (1689-1755); Voltaire (1694-1778); Denis Diderot (1713-1784) Jean le Rond d'Alembert (1717-1783); David Hume (1711-1776); Jean-Jaques Rousseau (1712-1778); Adam Smith (1723-1790) e Immanuel Kant (1724-1804), entre outros, buscaram, por caminhos às vezes divergentes, refletir e explicar a realidade de então.

Nas diferentes expressões artísticas (música, pintura, poesia, literatura), vários nomes expressaram elementos daquela realidade que nos servem de base para entender aquele período. Entre outros, podemos lembrar:

- **Antonio Lucio Vivaldi** (1678-1741) – *compositor*;
- **Johann Sebastian Bach** (1685-1750) – *compositor*;
- **Johann Chrysostom Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791) – *compositor*;
- **Francisco José de Goya** y Lucientes (1746-1828) – *pintor*;

- Friedrich von **Schiller** (1759-1805) – *filósofo/escritor*;
- Johann Wolfgang von **Goethe** (1749-1832) – *poeta/escritor*;
- Franz Joseph **Haydn** (1732-1809) – *compositor*;
- Ludwig van **Beethoven** (1770-1827) – *compositor*;
- George Gordon Byron, mais conhecido como **Lord Byron** (1788-1824) – *poeta*;
- Henri-Marie Beyle, mais conhecido como **Stendhal** (1783-1842) – *poeta*.

### A consolidação da sociedade capitalista e o surgimento de uma “ciência da sociedade” no século XIX

O século XIX é um século de profundas transformações, que passam desde a emergência de novas fontes energéticas (eletricidade e petróleo) como por novas atividades industriais e uma profunda alteração nos processos produtivos, com a introdução de novas máquinas e equipamentos.

No início desse século, depois de trezentos anos de exploração colonialista, teve início, principalmente nas nações latino-americanas, um processo intenso de lutas pela independência. No continente europeu, resquícios da atividade monárquica, não republicana, perpetuavam a existência de Estados não unificados (com uma única autoridade e a separação das questões públicas das privadas), como na Alemanha e na Itália.

É no século XIX, quando está ocorrendo o processo de consolidação do sistema capitalista na Europa, que encontramos as heranças intelectuais que irão colaborar para o surgimento da Sociologia como ciência. No início desse século, o pensamento de Saint-Simon (1760-1825); de G. W. E. Hegel (1770-1830); de David Ricardo (1772-1823) e de Charles Darwin (1809-1882), entre outros, será o elo para que Aléxis de Tocqueville (1805-1859); Auguste Comte (1798-1857), Karl Marx (1818-1883) e Herbert Spencer (1820-1903) desenvolvam suas reflexões sobre a sociedade e o tempo em que estão vivendo.

Também nas artes, na literatura, expressões significativas, necessárias e fundamentais nos auxiliam no entendimento da sociedade desse século de revoluções (científicas, sociais, políticas e econômicas). Entre outros nomes, podemos lembrar:

- O pintor Ferdinand Victor Eugène **Delacroix** (1798-1863) e o poeta Christian Johann Heinrich **Heine** (1797-1856);
- Os escritores Honoré de **Balzac** (1799-1850), **Victor-Marie Hugo** (1802-1885) e Charles John Huffam **Dickens** (1812-1870);
- O compositor e pianista Frédéric **Chopin** (1810-1849), os compositores Georges Alexandre César Léopold **Bizet** (1838-1875), Robert Alexander Schumann (1810-1856) e Jakob Ludwig Felix **Mendelssohn Bartholdy** (1809-1847);
- Os escritores **Alexandre Dumas** (Dumas Davy de la Pailleterie) (1802-1870); Nikolai Vasilievich **Gogol** (1809-1852);

Gustave **Flaubert** (1821-1880); Charles Lutwidge Dodgson; ou **Lewis Carrol** (1832-1898) e **Emile Zola** (1840-1902).

São múltiplas as alternativas para se analisar as obras e os autores que influenciaram o surgimento da Sociologia, e conforme Raymond Aron, em seu livro *As etapas do pensamento sociológico*, deveríamos começar por Montesquieu, passando por Comte, Marx e Tocqueville para, depois, analisar Durkheim, Weber e Pareto. Outros autores, como Michel Llalement e Nicholas Timasheff, incluem Herbert Spencer entre os precursores da Sociologia.

Mas, para o cumprimento dos objetivos aqui propostos, escolhemos analisar apenas duas grandes tradições de pensamento: a positivista e a socialista. A justificativa é entendermos serem essas as duas grandes correntes de pensamento que mais influenciaram o desenvolvimento da Sociologia no Brasil.

Assim, para começar esta “viagem”, entendemos ser importante “visitar” o autor que influenciou as duas vertentes escolhidas: seu nome, Saint Simon.

#### | Saint-Simon (1760-1825) e a nova ciência “da sociedade”

Claude-Henri de Rouvroy – Conde de Saint-Simon – era descendente de uma família aristocrática muito antiga na França, e por isso teve uma excelente educação para sua época, inclusive tendo como professor o então célebre d’Alembert, um dos autores da Enciclopédia (obra de capital importância do Iluminismo). Por ser aristocrata, teve que ir para o exército, chegando a se tornar coronel. Esta situação, além de levá-lo a participar da luta pela libertação dos Estados Unidos da América, permitiu que viajasse para a Espanha, para a Holanda, sempre como um profundo observador do que estava acontecendo na Europa.

A Revolução Francesa modificou a sua condição. Mesmo como aristocrata, estava convencido que o antigo regime estava corrompido e corrompia, e não podia durar muito mais, mas não aceitava a violência e a destruição do movimento revolucionário de então. Entretanto, os novos ventos da Revolução o atingiram, e Saint-Simon renunciou ao título de Conde, passando a se chamar Claude Henri Bonhomme, um nome plebeu.

A partir de então se envolveu em negócios comprometedores, sendo inclusive preso por isso. Mais tarde foi solto e iniciou uma nova fase da vida ao viajar novamente para outros lugares da Europa-Suíça, Inglaterra e Alemanha – mas já com a ideia ampla de formular uma filosofia da ciência capaz de unificar todos os fenômenos naturais e sociais. Além disso, Saint-Simon tinha um objetivo que nunca deixou de lado: reorganizar as sociedades europeias tendo, por fundamento, a ciência e a indústria.

As suas ideias influenciaram as ideias tanto de Auguste Comte, e depois de E. Durkheim, quanto de Karl Marx. Mas que ideias eram essas que puderam influenciar dois autores tão antagônicos em suas formas de ver e analisar o mundo em que viviam?

**Concepção de história:** Saint-Simon entendia que a história marcha através de uma série de afirmações e negações que darão lugar a momentos mais altos. Defendia uma regra geral: o apogeu de um sistema coincide com o início de sua decadência. Para ele, existiam três grandes momentos na história ocidental. A primeira época orgânica seria a da Antiguidade greco-romana, e a primeira época crítica seria a das invasões bárbaras. A segunda orgânica seria a da Idade Média, e a sua crítica se estende do Renascimento até a Revolução Francesa. A terceira época orgânica seria a que ele vislumbrava: a do industrialismo.

**As classes sociais:** para Saint-Simon, em todas as épocas sempre houve uma estrutura de classes dividida entre dominantes e dominados, e a história da humanidade se explicaria pelas contradições entre elas. Mas Saint-Simon não pensava na superação dessas classes por uma outra sociedade, pois imaginava a possibilidade de uma harmonização entre as mesmas, com uma justiça policlassista. No tempo em que viveu, e na sociedade francesa em particular, ele afirmava existirem duas grandes classes: a dos ociosos (a realeza, a aristocracia e o clero, os militares e a burocracia que administrava a estrutura destes, que nada produziam) e a dos produtores ou industriais (cientistas, engenheiros, médicos, banqueiros, comerciantes, industriais, artesãos, lavradores trabalhadores braçais, enfim, todos os cidadãos úteis para o desenvolvimento da França).

**Novos dirigentes:** para que a sociedade pós-revolucionária na França se firmasse, Saint-Simon acreditava ser necessário que a ciência tomasse o lugar da autoridade religiosa da Igreja, formando assim uma nova elite, agora científica. A ciência deveria substituir a religião como força de coesão. Os cientistas substituiriam os clérigos e os industriais os senhores feudais, e a aliança dos cientistas com os industriais conformaria a nova classe dirigente. Os que estariam na direção deveriam ser os mais capazes em cada campo, por conhecerem e saberem mais sobre a sociedade: seriam os cientistas que a estudam e os industriais que, pela prática, sabem o que funciona melhor.

Desde 1803 Saint-Simon escreveu uma série de livros que demonstram uma confiança no futuro da ciência e que buscam uma lei única que permitisse guiar a investigação dos fenômenos sociais, como a lei da gravitação universal de Newton. A principal tarefa desta nova ciência seria a de descobrir as leis do desenvolvimento social, pois elas indicariam o caminho que se deveria tomar para que a sociedade pudesse seguir no progresso continuado. Para ele, a filosofia do século



Condições de trabalho fabril.

XVIII tinha sido revolucionária, e a do século XIX teria que ser organizacional.

No final da vida procurou desenvolver uma espécie de religião, um novo cristianismo mais dinâmico, que teria por objetivo fundamental a elevação física e moral da classe mais numerosa e pobre da sociedade. As obras mais importantes de Saint-Simon do ponto de vista sociológico são as seguintes: ⬇

- *Reorganização da sociedade europeia* – com Agustín Thierry (1814);
- *A indústria ou discussões políticas, morais e filosóficas no interesse de todos os homens livres e trabalhadores úteis e independentes* (1816-1817);
- *O organizador* (1819);
- *O sistema industrial* (1821-1823);
- *O catecismo dos industriais* (1822-1824);
- *O novo cristianismo* (1824).

Saint-Simon influenciou fortemente Auguste Comte (que foi seu secretário entre 1819 e 1824) e depois Émile Durkheim, se tomarmos algumas das suas obras que tratam de uma nova sociedade organizada e da formulação de uma ciência de uma sociedade específica. Mas ele influenciou igualmente Karl Marx, se pensarmos que Saint-Simon foi considerado um reformador social e um socialista utópico.

#### | Auguste Comte (1798-1857) e a tradição positivista

Auguste Comte nasceu em Montpellier, na França, no dia 19 de janeiro de 1798, filho de um fiscal de impostos. Suas relações com a família foram sempre tempestuosas, e lhe deixaram marcas profundas que contêm elementos explicativos do desenvolvimento de sua vida e talvez até mesmo de certas orientações dadas às suas obras, sobretudo em seus últimos anos.

Com a idade de dezesseis anos, em 1814, Comte ingressou na Escola Politécnica de Paris, fato que teria significativa influência na orientação posterior de seu pensamento. Para ele, a Politécnica foi a primeira comunidade verdadeiramente científica que deveria servir como modelo de toda educação superior. Embora permanecesse por apenas dois anos nessa escola, Comte ali recebeu a influência do trabalho intelectual de cientistas como o físico Carnot (1796-1832); o matemático Lagrange (1736-1813) e o astrônomo Laplace (1749-1827). Em 1816, a onda reacionária que se apoderou de toda a Europa, depois da derrota de Napoleão e da Santa Aliança, repercutiu na Escola Politécnica, que foi fechada temporariamente, acusada de jacobinismo. Comte deixou a Politécnica e resolveu continuar em Paris. Nesse período sofreu influência dos chamados “ideólogos”, como Destutt de Tracy (1754-1836) e Cabanis (1757-1808) e Volney (1757-1820). Foi quando desenvolveu seus estudos sobre economia política lendo Adam Smith (1723-1790) e Jean-Baptiste Say (1767-1832), e filósofos e historiadores como David Hume (1711-1776) e William Robertson (1721-1793). O fator mais decisivo para sua formação foi, porém, o estudo do *Esboço de um Quadro Histórico dos Progressos do Espírito Humano*, de Condorcet (1743-1794). A importância reside no fato de Condorcet traçar um quadro do desenvolvimento da humanidade, no qual os descobrimentos e invenções da ciência e da tecnologia desempenhavam papel preponderante, pois faziam o homem caminhar para uma era em que a organização social e política seria produto das luzes da razão. Essa ideia tornar-se-ia um dos pontos fundamentais da filosofia de Comte.

Ao deixar a Politécnica ele se tornou secretário de Saint-Simon. Sobre esta convivência ele afirmou que tinha aprendido uma multidão de coisas que em vão se procuraria nos livros. Afirma ainda que no pouco tempo que esteve junto de Saint-Simon fez maiores progressos do que faria em muitos anos se estivesse sozinho.

Ao voltar da Politécnica, Comte publicou o Discurso sobre o espírito positivo. Depois, ele foi excluído definitivamente da Escola Politécnica em razão de suas críticas aos matemáticos, feitas no prefácio do último volume do Curso de filosofia positiva, editado em 1842, onde afirmava ter chegado o tempo de os biólogos e os sociólogos ocuparem o primeiro posto no mundo intelectual.

Desde cedo Auguste Comte procurou fazer uma reflexão sobre a sociedade de sua época. Toda a sua obra está permeada pelos acontecimentos que ocorreram na França pós-revolucionária; ele defendeu parte do espírito de 1789 e criticou a restauração da monarquia, preocupando-se fundamentalmente em como organizar a nova sociedade que, no seu entender, estava em ebulição e em total caos. Para Comte, a desordem e a anarquia imperavam devido à confusão de princípios (metafísicos e teológicos) que não mais podiam se adequar à sociedade industrial em expansão. Era, portanto,

necessário superar esse estado de coisas, usando a razão como fundamento da nova sociedade.

Assim, Auguste Comte propõe uma completa reforma da sociedade em que vivia mediante a reforma intelectual plena do homem. Ao se modificar a forma de pensamento dos homens, através dos métodos das ciências de seu tempo, que ele chamou de “filosofia positiva”, conseqüentemente haveria uma reforma das instituições. Nesse ponto é que Auguste Comte promove o surgimento da Sociologia, ou “física social”, que, ao estudar a sociedade por meio da análise de seus processos e estruturas, proporia uma reforma prática das instituições.

O neologismo (socius+logia) de Comte teve um imenso êxito, pois logo depois começaram a aparecer expressões como a fitosociologia (sociologia das árvores) e vários estudos sobre as sociedades das formigas e das abelhas, etc. Mas a sociologia de Comte pretendia entender alguns dos fenômenos que as ciências mais individualistas – como a economia clássica ou a nascente psicologia – não analisavam muito bem. Comte atribuía à Sociologia não somente uma função científica, centrada em entender como atuam os seres humanos, mas também política, de como corrigir os abusos do liberalismo.

A Sociologia, para Comte, era o coroamento da evolução do conhecimento, usando os mesmos métodos de outras ciências, pois todas elas buscam conhecer os fenômenos constantes e repetitivos da natureza. A Sociologia, como as ciências naturais, deveria sempre procurar a reconciliação entre os aspectos estáticos e os dinâmicos do mundo natural ou, em termos da sociedade humana, entre a ordem e o progresso. Ele acreditava que isso superaria tanto a teologia quanto a revolução, ou seja, propunha que o progresso deveria ser o alvo a se atingir, mas sempre sob o manto da ordem, para que não ocorressem distúrbios e abalos no processo de mudança.

A ciência deveria ser um instrumento para a análise da sociedade no sentido de torná-la melhor através do lema: *Conhecer para prever, prever para prover*; isso queria dizer que o conhecimento deveria existir para fazer previsões e também para dar a solução dos possíveis problemas que viessem a existir. O método racional para poder dominar a natureza podia e devia ser utilizado pela Sociologia.

A influência de Comte no desenvolvimento da Sociologia foi marcante, sobretudo na escola francesa, através de Émile Durkheim e de todos os seus contemporâneos e seguidores. Seu pensamento esteve presente em muitas das tentativas de se criar determinadas tipologias para explicar a sociedade.

Suas principais obras: ⬇

- *Sistema de política positiva* (1824);
- *Curso de filosofia positiva* (1830-1842);
- *Discurso sobre o espírito positivo* (1844);
- *Catecismo positivista* (1852).

Karl Heinrich Marx (1818-1883)  
e Friedrich Engels (1820-1895), a tradição socialista

Karl Marx nasceu em Trêves, na antiga Prússia, em 1818, filho de uma família judaica e de uma linhagem de rabinos. Seu pai, que era advogado, havia rompido esta tradição e, por questões políticas, abraçou a religião protestante.

Após seus estudos em Trêves, Marx foi para Bonn e depois para Berlim, onde estudou Direito. Pouco a pouco foi se inclinando para a Filosofia, defendendo em 1841 sua tese de doutorado: *A diferença da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro*. Nesse período universitário teve uma vida em que se misturaram a boemia e a poesia, mas também o debate político e o intelectual tendo por base o pensamento de Ludwig Feuerbach (1804-1872 e, principalmente, o de Friedrich Hegel, que conheceu neste período e do qual não mais irá se separar, mesmo quando faz a crítica do filósofo alemão.

A partir de então sua vida foi cheia de tribulações. Tornou-se jornalista e escreveu para um jornal (do qual depois se tornou o editor-chefe), *A Gazeta Renana*, crítico do poder prussiano. O jornal logo foi fechado e ele se viu desempregado.

Em 1842 conheceu, em Colônia, na Alemanha, um jovem, Friedrich Engels, filho de um industrial alemão, que se tornará seu parceiro intelectual e amigo nas horas de infortúnio durante toda sua vida. Foi através de seu livro: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* que Marx passou a conhecer a situação econômica e social da Inglaterra. Este livro nasceu da impressão causada pela miséria em que viviam os trabalhadores das fábricas na Inglaterra, inclusive as da sua família.

Marx, ao sair da Alemanha, passou a viajar pela Europa. Na França ficou de 1843 a 1845, quando escreveu os famosos *Manuscritos econômicos e filosóficos* (só publicados em 1932). Entre 1845 e 1847 exilou-se em Bruxelas-Bélgica, onde escreveu em conjunto com Engels o livro *A ideologia alemã* e, mais tarde, o livro *Miséria da Filosofia*, criticando o filósofo P.J. Proudhon.

No bojo dos movimentos revolucionários de 1847 e 1848, em toda a Europa, Marx foi expulso da Bélgica, voltou à França, mas não podendo por lá ficar retornou à Alemanha, sempre pensando nas possibilidades de uma mudança estrutural em sua terra natal. Entretanto, isso não aconteceu, e ele emigrou para a Inglaterra, fixando-se em Londres, onde irá ficar até o final de sua vida. Na Inglaterra, como exilado, desenvolveu suas pesquisas e seu maior trabalho: *O Capital – Crítica da Economia Política*. Há quem diga que sem Londres não haveria esta obra que revolucionou a maneira de pensar o sistema capitalista. No Museu Britânico, ficava das 9 às 19 horas, e consumia a maior parte de seus dias pesquisando para escrever uma obra da qual só o primeiro volume conseguiu publicar em vida. Os outros dois volumes foram publicados, por Engels, após a sua morte, tendo por base todo o material (apontamentos, rascunhos e partes concluídas mas sem revisão).

Para entender a importância da obra de Marx e Engels é necessário conhecer um pouco do que estava acontecendo em meados do século XIX, principalmente as transformações que estavam ocorrendo nas esferas da produção industrial. Além de um crescimento expressivo da produção de mercadorias, houve um crescimento expressivo do número de trabalhadores industriais urbanos, com as consequências inevitáveis que ainda hoje se fazem conhecer em muitas partes do mundo: a precariedade das condições de vida dos trabalhadores nas cidades de então.

Estas condições eram péssimas em todos os sentidos: o trabalho no interior das fábricas, que empregavam homens, mulheres e crianças superexplorados, alimentação deficiente, insalubridade nos ambientes internos e externos e péssimas condições de vida nas casas em que moravam. Esta situação gerou a organização desses trabalhadores em associações e sindicatos e em movimentos que visavam à transformação das condições de vida que os mesmos enfrentavam. Essas mudanças exigiram o desenvolvimento de um pensamento que procurasse entender as condições sociais, políticas e econômicas que as geravam e indicassem possibilidades de intervenção nessa realidade.

Muitos pensadores discutiram, desde o início do século XIX, a sociedade que emergia, demonstrando, do ponto de vista de uma perspectiva socialista, as questões sociais de então. Na Inglaterra podemos citar, entre outros, William Godwin (1756-1836), Thomas Spence (1750-1814), Thomas Paine (1737-1809), Robert Owen (1771-1858), Thomas Hodgkin (1787-1869), na França, Etienne Cabet (1788-1856), Flora Tristan (1803-1844), Charles Fourier (1772-1837) e Pierre Joseph Proudhon (1809-1865).

Levando em conta esses pensadores, debatendo com alguns desses seus contemporâneos e mesmo criticando-os, Marx incorporou a tradição da economia clássica inglesa presente principalmente em Adam Smith e David Ricardo. Resumindo, pode-se dizer que Marx e Engels desenvolveram seu trabalho a partir da análise crítica da economia política inglesa, do socialismo utópico francês e da filosofia alemã.

Assim, a tradição socialista, nascida da luta dos trabalhadores, muitos anos antes e em situações diferentes, tem como expressão intelectual o pensamento de Karl Marx e F. Engels. Eles, entre outros, procuraram estudar criticamente a sociedade capitalista a partir de seus princípios constitutivos e de seu desenvolvimento, tendo como objetivo possibilitar à classe trabalhadora uma análise política da sociedade de seu tempo.

Quanto à proposição de uma “ciência da sociedade”, não há em Marx e Engels nenhuma preocupação em definir uma ciência específica para o estudo da sociedade, como para Auguste Comte, e nem em situar seus trabalhos em algum campo científico particular. Em alguns de seus escritos, Marx afirmou que a História seria a ciência mais ampla, que mais se aproximava de suas preocupações, não no sentido da Histó-

ria como uma ciência separada das outras ciências humanas, mas no sentido que entende a História como a única ciência social capaz de abarcar o conhecimento da sociedade em suas múltiplas dimensões. Esta, para eles, deveria ser analisada na sua totalidade, não havendo uma separação rígida entre os aspectos sociais, econômicos, políticos, ideológicos, religiosos, culturais, etc.

Neste sentido, e para esclarecer porque não assumimos Marx como sendo um sociólogo, utilizamos a argumentação de Henri Lefebvre, em seu livro *Sociologia de Marx*.

### Marx, um sociólogo?

Veremos em Marx um sociólogo? Também não. Essa interpretação foi bastante difundida na Alemanha e na Áustria. Começava por eliminar a filosofia atribuída a Marx, sem todavia distinguir o sentido da filosofia e formular a tese de sua superação (de sua realização) em toda sua amplitude. Mutilava arbitrariamente, portanto, o pensamento de Marx, suscitando discussões intermináveis destinadas a cair no bizantinismo e na escolástica. Nessa perspectiva, o marxismo se alinha com o positivismo de Comte. Mutilado, o pensamento marxista embota-se e perde o gume.

O método dialético desaparece em proveito do “fato” e a contestação crítica debilita-se em proveito da constatação. No *Capital*, o uso de uma noção chave – a de totalidade – não relegava na obscuridade a contradição dialética. Ao contrário. A contradição assumia uma acuidade que perdera na sistematização hegeliana; entre os homens e as obras, entre a alteridade e a alienação, entre grupos e classes, entre bases e estruturas e superestruturas multiplicam-se e acentuam-se as contradições. No sociologismo, ao contrário, a consideração da sociedade como um todo deprecia a contradição. A noção de classes e de luta de classes se esfuma. Identifica-se a sociedade com a nação e o Estado nacional. O sociologismo ligado ao pensamento marxista penetrava assim facilmente nos quadros ideológicos e políticos tão criticados por Marx em suas glosas ao programa de Gotha (1875). A sociologia positivista com pretensões a marxista sempre tendeu para o reformismo. Daí sua má reputação entre uns, sua atração para outros. Hoje em dia essa sociologia na linha do positivismo torna-se abertamente conservadora, enquanto originalmente essa ciência – ligada à ala esquerda do romantismo – não separava conhecimento e crítica, com Saint-Simon e Fourier. Por múltiplas razões não faremos de Marx um sociólogo. [...] Se aludimos a uma tal possibilidade, é que temos visto coisas piores em meio às controvérsias. *Marx não é um sociólogo, mas existe uma sociologia no marxismo*. Como compreender essas proposições que parecem pouco compatíveis? Para tanto, devem-se levar em conta dois grupos de noções e de argumentos:

a) O pensamento marxista mantém a unidade do real e do conhecimento, da natureza e do homem, das ciências da matéria e das ciências sociais. Explora uma totalidade no *vir a ser* e no presente, totalidade essa que compreende níveis e aspectos ora complementares, ora distintos, ora contraditórios. Não é em si mesmo nem história, nem sociologia, nem psicologia etc., mas compreende esses pontos de vista, esses aspectos, esses níveis. Daí sua originalidade, sua novidade e seu interesse duradouro. A partir de fins do século XIX surgiu uma tendência a pensar a obra de Marx, e particularmente o *Capital*, em função das ciências parciais que desde então se especializaram e às quais Marx recusara a compartimentação. Reduz-se o conjunto teórico do *Capital* a um tratado de História ou de economia política ou de sociologia ou mesmo de filosofia. O pensamento marxista não pode entrar nestas categorias estreitas: filosofia, economia política, história, sociologia. Tampouco depende da concepção “interdisciplinar” que tenta corrigir, arriscando confundir, os inconvenientes do parcelamento do trabalho nas ciências sociais. A investigação marxista visa a uma totalidade diferenciada, concentrando a pesquisa e os conceitos teóricos em torno de um tema: a relação dialética entre o homem social ativo e suas obras (múltiplas, diversas, contraditórias).

b) A especialização em parcelas das ciências da realidade humana, desde a época em que Marx *expunha* o capitalismo de concorrência, tem sua razão de ser. A totalidade não pode mais ser atingida, como no tempo de Marx, de maneira unitária, ao mesmo tempo de dentro e de fora (em relação ao possível), na constatação e na contestação. E contudo não podemos aceitar a separação das ciências parciais. Ela esquece a totalidade: a sociedade como um todo e o homem total. Mas a realidade humana se torna complexa. Essa crescente complexidade faz parte da história em sentido amplo. [...] Com um vocabulário em vias de elaboração, a unidade do saber e o caráter total do real permanecem pressupostos indispensáveis nas ciências sociais. É possível, pois, examinar as obras de Marx e nela reconhecermos uma sociologia da família, da cidade e do campo, dos grupos parciais, das classes, das sociedades em seu conjunto, do conhecimento, do Estado, etc. E isto a um certo nível da análise e da exposição, logo sem restringir os direitos das demais ciências: economia política, história, demografia, psicologia. Por outro lado, é possível continuar a obra de Marx, buscando, a partir do *Capital* e com o seu método, a gênese da sociedade “moderna”, de suas fragmentações e contradições.

LEFEBVRE, Henri. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.p. 14-16.

Para entender o fundamental do pensamento de Marx e de Engels é necessário fazer a conexão entre os interesses da classe trabalhadora, suas aspirações e as ideias revolucionárias que estavam presentes na Europa no século XIX. Para os dois pensadores, o conhecimento científico da realidade só teria sentido se fosse para transformá-la, pois a “verdade histórica”

não constitui uma coisa abstrata definida teoricamente: sua verificação está na prática.

Marx escreveu muito, e em várias ocasiões teve como companheiro F. Engels. Apesar de algumas diferenças em seus escritos, os elementos essenciais do pensamento desenvolvido por eles podem ser situados, de modo resumido, nas seguintes questões:

- ▶ Historicidade das ações humanas – crítica ao idealismo alemão;
- ▶ Divisão social do trabalho e o surgimento das classes sociais. A luta de classes;
- ▶ O fetichismo da mercadoria e o processo de alienação;
- ▶ Crítica à economia política e ao capitalismo;
- ▶ Transformação social e revolução;
- ▶ Utopia – sociedade comunista.

A obra desses dois autores é muito vasta, mas podem ser destacados alguns livros e escritos: ⬇

- F. Engels. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845);
- K. Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844);
- Karl Marx e F. Engels. *A sagrada família* (1844);
- K. Marx e F. Engels. *A ideologia alemã* (1845);
- K. Marx. *A miséria da filosofia* (1847);
- K. Marx e F. Engels. *O manifesto comunista* (1848);
- K. Marx. *O 18 Brumário de Napoleão Bonaparte* (1852);
- K. Marx. *Contribuição à crítica da economia política* (1857);
- K. Marx. *O capital* (1867).

Vale considerar que a obra desses pensadores não ficou vinculada estritamente aos movimentos sociais dos trabalhadores. Ela foi sendo introduzida nas universidades em diferentes áreas do conhecimento. A Filosofia, a Sociologia, a Ciência Política, a Economia, a História, a Geografia, entre outras, contam com trabalhos acadêmicos de autores influenciados pelos dois autores alemães. Na Sociologia, afirma Irving M. Zeitlin em seu livro *Ideologia y teoria sociológica*, tanto Max Weber quanto Emile Durkheim fizeram em suas obras um debate com o fantasma de Karl Marx.

Pelas análises da sociedade capitalista de seu tempo, e pela repercussão que a obra dos dois alemães teve em todo o mundo, principalmente no século XX, seja nos movimentos sociais

como nas universidades, Marx e Engels são considerados autores clássicos da Sociologia. Mas isso tornou o pensamento deles um pouco restrito, pois perdeu aquela ligação entre teoria e prática (práxis), ou seja, entre o pensamento crítico e a prática revolucionária.

Em alguns casos a relação entre teoria e prática revolucionárias esteve muito presente. É o caso da Rússia, com Vladimir Ilyitch Ulianov, mais conhecido como Lênin (1870-1924) e Leon D. Bronstein, conhecido como Trotski (1879-1940); da Alemanha, com Rosa Luxemburgo (1871-1919); e da Itália, com Antonio Gramsci (1891-1937), que participaram como intelectuais e atores com significativa influência no movimento operário no século XX.

A partir do conjunto da obra de Marx e Engels muitos autores desenvolveram seus trabalhos em vários campos do conhecimento. Em termos acadêmicos, no interior das universidades, podem ser destacados trabalhos como os de Georg Lukacs (1885-1971); Theodor Adorno (1903-1969); Walter Benjamin (1892-1940) Henri Lefebvre (1901-1991) Lucien Goldman (1913-1969); Luis Althusser (1918-1990); Nicos Poulantzas (1936-1979); Edward P. Thompson (1924-1993) e Eric Hobsbawm (1917-).

Até hoje o pensamento de Marx e Engels continua presente com múltiplas tendências e variações, sempre gerando grandes controvérsias, mesmo no interior do chamado marxismo, e uma reação e até incorporação de partes deste pensamento em outras tradições sociológicas.

A Sociologia, como ciência acadêmica, num momento posterior, floresceu da reflexão de alguns pensadores que procuraram analisar e discutir a sociedade de seu tempo, levando em conta influências ou se contrapondo aos pensadores de antes. A partir dos últimos anos do século XIX, como saber universitário, a Sociologia se desenvolveu especialmente em três países: França, Alemanha e Estados Unidos da América. Em outros países também aparece o saber sociológico, mas aqueles países estão sendo privilegiados porque é deles que a Sociologia no Brasil, a partir de 1930, vai receber sua maior influência.

### ➔ **Curiosidade:** a sociologia na América latina

Em 1877 foi criado, na cidade de Caracas, Venezuela, um Instituto de Ciências Sociais e, anos mais tarde, em 1882, a Universidade de Bogotá, na Colômbia, abriu o primeiro curso de Sociologia no mundo, antecipando-se assim em dez anos ao inaugurado em Chicago em 1892. Daí em diante, esse processo se expandiu: 1898, em Buenos Aires; 1900, em Assunção; 1906, em Caracas, La Plata e Quito; 1907, em Córdoba, Guadalajara e Cidade do México. Até os anos de 1920, o ensino de Sociologia já estava estabelecido em quase todos os países da América Latina, em várias universidades. No Brasil, como veremos na 6ª Aula, o primeiro curso superior de Ciências Sociais somente surgiu na década de 1930.

## CONHECENDO MAIS SOBRE

### A história da Sociologia

➔ **Observação inicial:** O que vimos foi um grande panorama das condições que possibilitaram o surgimento da Sociologia. É importante lembrar que na bibliografia geral existem títulos que tratam da história do pensamento sociológico e devem ser consultados, pois neles estão informações importantes que irão permitir que você conheça melhor o que até aqui foi apresentado.

**a** Para uma análise do capitalismo, duas obras com pressupostos teóricos diferentes são fundamentais ⬇

- DOBB, Maurice H. *A evolução do capitalismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação. As origens de nossa época*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

**b** Para uma compreensão mais precisa sobre Auguste Comte e Karl Marx é importante ler as coletâneas abaixo, que apresentam uma introdução e textos dos autores citados ⬇

- MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). *Auguste Comte*. São Paulo: Ática, 1989.
- COMTE, Auguste. *Comte*. Seleção de textos e com introdução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores)
- IANNI, Octavio (Org.). *Marx*. São Paulo: Ática, 1989.
- NETTO, José Paulo (Org.). *Engels*. São Paulo: Ática, 1981.

**c** Um livro oferece uma análise contemporânea de Karl Marx e é importante ser lido para a compreensão de seu pensamento ⬇

- BENSALID, Daniel. *Marx, o intempestivo*. Grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

## COMO VIMOS NESTA AULA...

O surgimento da Sociologia tem pressupostos bem amplos e seus primórdios contemplam uma série de pensadores cujo conhecimento (leitura) permite entender as razões da emergência dessa ciência social. Esses pensadores compõem os fundamentos do que viria a ser a Sociologia.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

**1** Quais são os fatores indiretos e diretos que contribuem para o surgimento da Sociologia no século XIX? No seu entendimento, quais foram os que tiveram maior importância? Justifique.

**2** Auguste Comte e Karl Marx foram pensadores que tinham projetos de reformulação da sociedade em que viviam. Há pontos de contato e de diferenciação entre ambos? Leia os dois textos abaixo e responda a esta questão. ⬇

- SOUZA, Ricardo Luiz de. *A ordem e a síntese: aspectos da sociologia de Auguste Comte*.

**Link:** <<http://www.cchla.ufrn.br/cronos/pdf/9.1/a1.pdf>>.

Este artigo trata de alguns aspectos básicos do pensamento de Auguste Comte, a partir dos quais é possível compreender a contribuição desse autor para o processo de construção do conhecimento sociológico do qual ele foi precursor (e criador do termo).

- NICOLAUS, Martin. *O Marx desconhecido*.

**Link:** <<http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/outros/nicolaus.htm>>.

Este é um texto pouco conhecido do público brasileiro, escrito por um sociólogo norte-americano que traz uma visão importante da obra de Marx.

**3** Se você for utilizar esta aula para desenvolver alguma atividade junto a seus alunos no Ensino Médio, fazemos estas sugestões ⬇

- Elabore uma revisão histórica com os alunos, procurando saber o que eles conhecem desse grande período, ou seja, do século XV até o século XIX. Destaque os elementos essenciais que são os pressupostos para o surgimento da Sociologia no final do século XIX.

- Trabalhe com biografias, pois é algo muito interessante para os alunos do Ensino Médio, já que possibilita a eles pesquisarem sobre a vida dos pensadores e também dos artistas referenciados. Procure estabelecer uma ligação entre a vida de cada um deles, bem como entre eles e os acontecimentos mais gerais em cada país de origem ou em toda a Europa, por exemplo.
- Uma atividade que pode motivar os alunos a lerem mais e conhecerem o pensamento de Karl Marx é o clipe *O samba da mais valia*, composto pelo professor Sérgio Silva.

**Link:** <<http://www.youtube.com/watch?v=I5lI0h5sclY>>.

Aproveite para analisar com os alunos os vários conceitos abordados pela canção.

- Se você for utilizar uma discussão sobre Auguste Comte, aproveite o texto abaixo para fundamentar as suas aulas: AMORIM, Adriana Monferrari. Saber para provar: a Sociologia Comteana no ensino médio.

**Link:** <<http://www.lojaeditora.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/viewFile/460/428>>.

## REFERÊNCIAS

---

NOS LIVROS ABAIXO RELACIONADOS, QUE INTEGRAM A BIBLIOGRAFIA GERAL, CONSTAM ANÁLISES DOS PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS E INTELLECTUAIS QUE FUNDAMENTAM O SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA, BEM COMO UMA ANÁLISE DE IMPORTANTES ASPECTOS DO PENSAMENTO DOS AUTORES AQUI ABORDADOS.

- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BIRBAUM, P.; CHAZEL, F. (Orgs.) *Teoria sociológica*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1977.
- BOTTOMORE, T.; NISBET, R. (Orgs.). *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo F. *Introdução ao pensamento sociológico: Durkheim/Weber/Marx/Parsons*. 15. ed. Rio de Janeiro: Centauro, 2001.
- COHN, Gabriel (Org.). *Sociologia. Para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.
- COLLINS, Randall. *Quatro tradições sociológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- COMISSÃO GULBENKIAN. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. *História da sociologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- DOMINGUES, José Maurício. *Teorias sociológicas no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- GERTZ, René E. (Org.). *Max Weber & Karl Marx*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social*. Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo e moderna teoria social*. Uma análise das obras de Marx, Durkheim, Max Weber. Lisboa: Presença, 1976.
- GIDDENS, A.; TURNER J. (Orgs.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 2000.
- HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e desespero*. Uma história da sociologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LALLEMENT, Michel. *História das ideias sociológicas – VI*. Das Origens a Max Weber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *História das ideias sociológicas – VII*. – De Parsons aos contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LEVINE, Donald N. *Visões da tradição sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MOYA, Carlos. *Teoria sociológica*. Una introducción crítica. Madrid: Taurus, 1971.
- QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de O.; OLIVEIRA, Maria Gardência de. *Um toque de clássicos*. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: EdUFMG, 1995.
- REX, John. *Problemas fundamentais da teoria sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia clássica*. 4. ed. Itajaí-SC: Ed.Univali/Edifurb, 2006.
- SKIDMORE, William. *Pensamento teórico em sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- TIMASHEFF, Nicholas S. *Teoria sociológica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- ZEITLIN, Irving M. *Ideologia y teoria sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

# A Sociologia na França

Nelson Dacio Tomazi

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

A França foi um dos países em que inicialmente a Sociologia se desenvolveu. E tinha condições para tanto, pois foi na França que se fizeram presentes alguns dos pensadores que, para alguns analistas, são os pré-sociólogos ou os fundadores da Sociologia, como Charles de Montesquieu, Aléxis de Tocqueville, Saint-Simon e Auguste Comte. E foi na França que se desenvolveu uma das mais significativas vertentes da Sociologia contemporânea: o positivismo funcionalista.

## PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

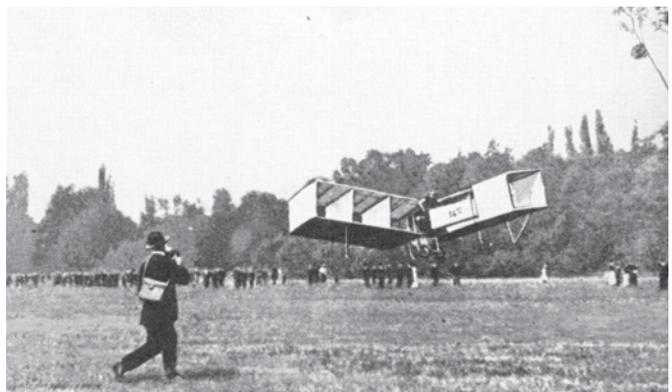
- ▶ Conhecer quais os principais elementos históricos que propiciam o desenvolvimento da Sociologia na França.
- ▶ Conhecer o pensamento de Emile Durkheim e de seus contemporâneos e a razão da sua sociologia ter se tornado hegemônica na França.

## CONHECENDO SOBRE

### A Sociologia na França

A França, no fim do século XIX e início do século XX, se encontrava ainda à sombra da Guerra Franco-Prussiana e de seus desdobramentos. A derrota e o aniquilamento da Comuna de Paris (1870-1871) deixaram marcas profundas na sociedade francesa, exigindo uma reformulação de toda a sua estrutura de produção e tecnológica e também a estrutura educacional.

Nessa direção, a proposta de uma educação republicana e laica, defendida por Durkheim, evidencia sua relação com esses fatos em decorrência dos quais forma-se a chamada Ter-



Grandes invenções: 14 Bis, de Santos Dumont

Foto da Revista Nosso Século N.º 3, 1900/1910. Editora Abril. Pg. 66/67. Arquivo: Paulo S. Pinto, São Paulo - SP.

ceira República Francesa (1871-1940), caracterizada pelos ânimos fortes, pela radicalização das posições políticas e pela constante aparição de escândalos e crises políticas. O escândalo mais conhecido desse período, que coincidiu com o começo do século XX, foi o chamado “Affaire Dreyfus”. Alfred Dreyfus era um judeu, oficial do exército, que foi condenado à prisão perpétua na Ilha do Diabo – Guiana Francesa – por espionagem. Por anos, os liberais e intelectuais seguiram em campanha para provar que Dreyfus tinha sido condenado pelos militares apenas por ser judeu. Em 1906, depois de ficar por 10 anos na prisão, Dreyfus foi libertado e a verdade foi esclarecida (tinha sido realmente um complô, não só dos militares, mas dos setores conservadores franceses). Mas, de alguma maneira, o fato é que toda a sociedade francesa esteve envolvida no caso, a favor ou contra Dreyfus, explicitando a divisão e a situação política em que se encontrava a França naquele momento.

Como contexto desses episódios existia uma realidade social e econômica evidenciando as contradições do capitalismo de então. Trata-se de um período no qual a miséria e o desemprego estavam lado a lado com uma grande expansão industrial, ocasionando o fortalecimento das associações e organizações dos trabalhadores. Isso significava também a eclosão de greves e o aguçamento das lutas sociais, um campo muito propício ao desenvolvimento das teorias socialistas. Essa também foi uma época de grande euforia, pois novos fatos propiciavam um progresso significativo na esfera da produção, principalmente quanto às inovações tecnológicas:

desenvolveu-se a indústria do aço e a presença de dois novos tipos de energia, a eletricidade e o petróleo. Assim, o período de muitas invenções que transformaram o ambiente social: o telégrafo, o avião, o submarino, o cinema, o automóvel. As inovações e os problemas da sociedade capitalista estavam postas como parte constitutiva do dia a dia dos franceses.

Esse momento de turbulência vai exigir, por sua vez, explicações do que estava acontecendo. Como apontamos, algumas matrizes de pensamento anteriormente postas de alguma forma já se faziam presentes: o evolucionismo, o positivismo e o marxismo. As duas primeiras foram fundamentais para o desenvolvimento da Sociologia, enquanto o marxismo foi o contraponto do discurso sociológico permeando igualmente tanto o pensamento quanto a política francesa, da qual Jean Jaurès era uma grande expressão.

O desenvolvimento da Sociologia na França se expressa, em seu início, por intermédio de vários pensadores que procuraram tornar efetiva a presença da Sociologia em seu cenário intelectual, no qual se destacaram: Frédéric Le Play (1806-1882); Gabriel Tarde (1843-1904); René Worms (1869-1926) e Émile Durkheim (1858-1917). Eles participaram ativamente da institucionalização da Sociologia na França.

Vamos conhecer um pouco estes pensadores:

### Frédéric Le Play (1806-1882)

Pierre Guillaume Frédéric Le Play nasceu em La Rivière, em 1806, e morreu em Paris em 1882. Teve grande influência no desenvolvimento da Sociologia aplicada, em razão das metodologias que propôs para o estudo de determinados fenômenos sociais.

Foi um engenheiro de minas e professor de metalurgia que se tornou, mais tarde, um pesquisador independente, que contribuiu largamente para o desenvolvimento empírico de uma Sociologia ainda em formação. Ele considerava a família e o orçamento familiar fundamentais para estudar as condições sociais da sociedade. A família, porque a considerava base da estrutura social, suporte indispensável do indivíduo e o meio onde as crianças se socializavam e estabeleciam relações sociais fundamentais. Por ser cristão convicto e um cidadão politicamente conservador, os seus estudos enfrentaram um grande preconceito no seu tempo.

Segundo Le Play, através do orçamento, do rendimento e das despesas toda a vida familiar, especialmente no que respeita aos seus hábitos de consumo, era possível estudar aspectos como a inserção social, conseguindo assim chegar ao entendimento das sociedades onde as famílias se inseriam.

Le Play foi um dos construtores da metodologia sociológica, pois, tratando das ciências sociais, não formulava conclusões apressadas, reconhecendo que só depois da *observação dos fatos* era possível atingir resultados aceitáveis. Para atingi-

los, ele imaginou uma técnica – a *monografia* – da qual foi pioneiro. Não devia se limitar à observação do meio. Deveria haver preferência pela observação dos grupos sociais que não são familiares ao observador, pois os grupos que lhe estão próximo podem ser vistos à luz do prisma de suas crenças ou preferências. E, para desenvolver este tipo de tratamento, o pesquisador deveria se afastar de seu *habitat*, conhecer povos diferentes, viajar, enfim.

Segundo Le Play, não era o indivíduo isolado o elemento fundamental para a compreensão da sociedade, mas sim a unidade familiar. Nesse sentido, ele desenvolve estudos de diversas famílias de trabalhadores sob a égide da industrialização, podendo observar que elas estavam mais instáveis do que anteriormente. Afirmou que se os respectivos papéis tradicionais do homem e da mulher dentro da família fossem resgatados, as famílias e a própria sociedade podiam adquirir mais equilíbrio.

Le Play, depois de Marx e Engels, e não compartilhando da mesma visão de mundo dos alemães, teve o mérito de ser um dos primeiros a encarar a questão social de uma perspectiva científica.

Sua principal obra foi *Les ouvriers européens* (1855), um produto das extensas viagens que realizou pela Europa, onde, de forma pioneira, reuniu dados e apresentou entrevistas acerca da vida familiar e da economia doméstica dos operários europeus. Em sua opinião, a sociedade caminhava para um tipo de família “instável” como resultado da industrialização e da urbanização crescentes e da inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Sua obras fundamentais: ⬇

- *Les ouvriers européens* (1855);
- *Réforme sociale en France* (1864), 2 volume;
- *L'organisation du travail* (1870);
- *L'organisation de la famille* (1871);
- *Réformes en Europe et le salut en France* (1876);
- *Constitution essentielle de l'humanité* (1881).

➡ **Dica:** Indicamos a leitura do artigo de Tarcísio Rodrigues Botelho, *A família na obra de Frédéric Le Play* (constante da bibliografia). Nesse artigo encontra-se uma rica visão do pensador e da sua principal obra. Leitura que será muito importante para a avaliação desta disciplina.

### René Worms (1869-1926)

Nasceu em 1869, em Rennes, onde morreu em 1926. Teve uma carreira acadêmica brilhante tanto na filosofia quanto na sociologia. Inicialmente procurou desenvolver seu trabalho a partir de Spencer, difundindo o organicismo na França. Foi

através dele que a Sociologia na França procurou sair do âmbito das ciências sociais genéricas para se firmar como Sociologia, pelo menos institucionalmente.

Para isso, Worms procurou fundar várias organizações para dar uma sustentação institucional à Sociologia nascente na França e na Europa. Em 1893 fundou a Revista Internacional de Sociologia, do qual ele se tornou o editor; em 1894 criou o Instituto Internacional de Sociologia e, no mesmo ano, a Biblioteca Internacional de Sociologia, visando publicar obras sociológicas de importantes filósofos e sociólogos europeus, como G. Simmel e F. Tonnies; em 1895 organizou a Sociedade de Sociologia de Paris tendo como presidente Gabriel Tarde e ele mesmo como secretário.

Apesar de todo esse esforço institucional, a Sociologia na França ainda não conseguiu deslanchar no interior das universidades francesas.

As principais obras de Worms: ⬇

- *Eléments de philosophie scientifique et de philosophie morale* (1891);
- *La morale de Spinoza* (1891);
- *De natura et methodo sociologiae* (1896);
- *Organisme et société* (1896);
- *La Science et l'art en économie politique* (1896);
- *Philosophie des sciences sociales* (1903-1905), 3 volumes.

➔ **Dica:** Para uma leitura da presença do organicismo na França e sobre René Worms ler o artigo (indicado na bibliografia) de Daniela S. Barberis, *O organicismo como modelo para a sociedade: a emergência e a queda da sociologia organicista na França no fin-de-siècle*. Trata-se de uma leitura de boa ajuda para compreensão do pensamento de Worms e para a avaliação desta disciplina.

| *Jean Gabriel de Tarde* (1843-1904)

De família nobre, Tarde nasceu em Sarlat, em 1843, e morreu em Paris, em 1904. Obteve seu bacharelado em Letras, em 1860, e em Direito em 1867. A partir de então desenvolveu sua carreira na magistratura. Nessa posição desenvolveu suas investigações sobre Criminologia publicando vários artigos. Posteriormente foi designado diretor da seção de estatística criminal do Ministério da Justiça em Paris, cargo que conservou até sua morte. Paralelamente manteve uma vida intensa ligada à investigação nas Ciências Sociais e Humanas: participou de colóquios e congressos publicando artigos e participando de duas polêmicas famosas: a primeira com o italiano Cesar Lombroso, na área de Criminologia, e a segunda com Émile Durkheim, na Sociologia. Foi um dos pensadores fran-

ceses mais influentes na França de seu tempo. Só depois de sua morte foi que Durkheim alcançou uma posição de hegemonia na Sociologia francesa.

Para Tarde, do ponto de vista sociológico, não havia vida social sem imitação. Na sua definição, a sociedade era uma coleção de seres com tendência a se imitarem entre si, ou que, mesmo sem se imitarem, se pareciam, e suas qualidades comuns eram cópias antigas de um mesmo modelo. Tarde vai além, ao afirmar que nós imitamos os outros a cada instante, a não ser que haja inovação, coisa rara, já que nossas inovações em sua maior parte eram combinações de exemplos anteriores. Assim, a imitação seria o processo elementar de construção do social, pois ela era a ação de um indivíduo sobre o outro e de uma subjetividade sobre outra. As oposições e adaptações representariam os processos de criação e transformação social.

No prefácio ao livro *Monadologia e sociologia*, de Gabriel Tarde, Tiago Themudo e Luiz Orlandi falam de duas indicações presentes nesta obra:

Primeira: toda ordem é finita, pois composta sobre um solo estável, animada por forças que guardam uma certa autonomia em relação a ela, exposta a forças que constantemente tramam rebeliões. Nesta constante renovação das ordens, é a matéria que se remodela, é a vida que se complexifica, é o homem que se torna mais criativo, são as sociedades que se tornam mais conectadas. A ordem só se justifica na gestação de desordens criadoras. [...] Segunda: em sua finitude, a ordem, a cooperação entre as mônadas, deve conduzir a um máximo de variação interna, deve ser explorada em todas as suas virtualidades que, uma vez esgotadas, devem indicar a urgência de outra ordem, de outra forma de cooperar, pois a antiga já atingiu o limite de sua variação, de reinvenção de si mesma, ou seja, de conexão com o Outro.

Essa forma de fazer Sociologia deu primazia aos indivíduos na relação social, enquanto criação e formação de processos sociais sempre instáveis. Esses processos de instabilidade foram fundamentais na análise sociológica porque indicavam o sentido permanente de criação das ações sociais.

Para Tarde não havia outra realidade senão a existência de consciências individuais. Os indivíduos, por sua vez, não se uniam uns aos outros senão a partir do momento em que adotavam um modelo de referência e imitavam esse modelo. Essa imitação não se fazia sem resistência, sem oposição; mas era ela que permitia a adaptação social, a vida em sociedade, o liame social.

Tarde desenvolveu uma sociologia da associação e se interessou na forma pela qual os seres humanos teciam alianças com outros seres, humanos ou não, para formar associações e dotá-las de porta-vozes, que indicavam quais são os laços e as fronteiras que os uniam ou que os separavam de outras associações.

A obra de Tarde tem sido objeto de reedições e comentários, pois sua temática, ao discutir a imitação, a invenção, o público, as multidões e os meios de comunicação, mostrou-se de uma atualidade contundente ao aportar paradigmas plenamente válidos, como ferramentas a serviço daqueles a quem cabe interpretar a realidade, o direito e a sociedade.

Suas principais obras: 📌

- *La criminalité comparée* (1890);
- *La philosophie pénale* (1890);
- *Les lois de l'imitation* (1890),  
(Há tradução para o português);
- *Les transformations du droit. Étude sociologique* (1891);
- *Monadologie et sociologie* (1893),  
(Há tradução para o português);
- *La logique sociale* (1895);
- *Fragment d'histoire future* (1896);
- *L'opposition universelle. Essai d'une théorie des contraires* (1897);
- *Écrits de psychologie sociale* (1898);
- *Les lois sociales. Esquisse d'une sociologie* (1898);
- *L'opinion et la foule* (1901),  
(Há tradução para o português).

➔ **Dica:** Ler o artigo de Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *Processo comunicacional e intersubjetividade em Gabriel Tarde* (constante da bibliografia), igualmente importante para se conhecer o pensamento de Gabriel Tarde e necessário para a avaliação desta disciplina

### Émile Durkheim (1858-1917)

Émile Durkheim nasceu em Épinal, em 15 de abril de 1858, e morreu em Paris em 1917. Filho de uma família judia, sendo seu pai um rabino, foi educado no que de melhor havia na França. Teve professores de reconhecida competência, como Foustel de Coulange, historiador de grande renome na França, e recebeu forte influência de filósofos neo-kantianos, como Émile Boutroux e Charles Renouvier.

Em 1882 formou-se em Filosofia. Nos anos de 1885-86 estudou na Alemanha para ampliar sua educação, onde teve aulas com Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) e conheceu as obras de Wilhelm Dilthey (1833-1911), de Ferdinand Tönnies e de George Simmel.

Émile Durkheim se tornou a grande expressão da sociologia francesa e, ao procurar insistentemente definir o caráter

científico da Sociologia, criou uma corrente hegemônica ao receber apoio institucional que outros autores não obtiveram.

Conforme Laurent Mucchielli (ver texto completo na bibliografia), este sucesso deveu-se à combinação de quatro fatores: o intelectual, o institucional, o político e a dinâmica de grupo.

A Sociologia foi para Durkheim uma vocação pessoal e uma missão política no seu sentido mais nobre, ou seja, da ciência que permitia a compreensão da crise social e moral da sociedade francesa e indicava os remédios para restabelecer a solidariedade entre os membros da sociedade. Era a Ciência do Homem por excelência.

Sua vida acadêmica e profissional teve início quando, dos anos de 1887 a 1902, tornou-se professor na Faculdade de Letras de Bordeaux, onde lecionava Pedagogia e Ciência social. De 1893 a 1899 publicou três, de seus principais livros – *Da divisão do trabalho social*, *As regras do método sociológico* e *O suicídio* – que demonstravam um intenso trabalho comum rigor teórico muito grande.

Em 1896 fundou a revista *Année Sociologique*, que congregava jovens colaboradores que, depois, continuaram o seu trabalho, desenvolvendo o conhecimento sociológico na França até o final da década de 1940. Em 1906 assumiu a cadeira de Ciência da Educação da Sorbonne, no lugar de Ferdinand Buisson, e em 1910 conseguiu transformá-la em cátedra de Sociologia. Durkheim desenvolveu sua obra num período de grande crise, e direcionou seu pensamento para dar conta da diversidade de situações vivida pela França. A principal preocupação de Durkheim, que já estava presente em Saint-Simon, mas que em sua obra aparece de forma bem mais específica, foi dar um estatuto científico à Sociologia e, para tanto, não poupou seus maiores esforços. Nesse sentido, formulou parâmetros lógicos importantes que formaram a base de sua visão de mundo:

- ▶ Os fatos sociais só podem ser explicados por outro fato social.
- ▶ Os fatos sociais devem ser analisados como se fossem coisas, isto é, nas suas materialidades.
- ▶ É necessário abandonar os pré-conceitos ao analisar os fatos sociais.

Nas três obras fundamentais de Durkheim (*A divisão do trabalho social*, de 1893, *O suicídio*, de 1897, e *As formas elementares da vida religiosa*, de 1912) publicadas ainda em vida, conforme Raymond Aron, Durkheim seguiu um roteiro que já estava presente em *As regras do método sociológico* de 1895, ou seja:

- ▶ Como ponto de partida deve-se definir o fenômeno a ser analisado;
- ▶ Numa segunda fase deve-se refutar todas as interpretações anteriores;
- ▶ Por último deve-se desenvolver uma explicação propriamente sociológica do fenômeno considerado.

Partindo da afirmação de que a raiz de todos os males da sociedade de seu tempo era certa fragilidade da moral (ideias, normas e valores), a preocupação de Durkheim foi com a ordem social, tendo como fonte tanto o pensamento de Saint-Simon como o de Comte.

Durkheim busca resolver essa questão propondo a formulação de novas ideias morais capazes de guiar a conduta dos indivíduos. A ciência, e em especial a Sociologia, através de suas investigações, poderia indicar os caminhos e as soluções, pois os valores morais constituem um dos elementos mais eficazes para neutralizar as crises econômicas e políticas. A partir desses valores é que podiam ser criadas as relações estáveis entre os homens. Para Durkheim, a *integração social*, conceito fundamental formulado em sua obra por meio da ideia de solidariedade, era a garantia da articulação funcional de todos os elementos da realidade social.

Outra preocupação de Durkheim foi com o processo educacional e como a Sociologia poderia servir para que a educação francesa se desvencilhasse das amarras religiosas existentes no seu tempo. Sendo sua preocupação fundamental conferir um estatuto científico à Sociologia, suas primeiras análises, propriamente sociológicas, do processo educativo caminharam juntas. As suas análises da questão educacional estavam relacionadas com a possibilidade de se instituir uma educação de cunho laico e republicano, em contraposição à presença religiosa e monarquista no sistema de ensino francês.

A Sociologia como disciplina foi inicialmente ministrada nos cursos secundários, e só depois nos universitários, e esteve vinculada à perspectiva de transformação da educação francesa e com uma ligação muito grande com uma nova moral burguesa. Durkheim preocupou-se tanto com a questão educacional que essa foi uma constante em sua vida acadêmica: ele refletiu não só sobre a organização educacional francesa, em termos de sua história, como também sobre os conteúdos que estavam sendo ministrados. Além disso, sempre prezou muito a sua condição de professor.

Entre os trabalhos que fazem parte da obra de Émile Durkheim podemos citar os mais expressivos, publicados em vida ou organizados e publicados por seus alunos e seguidores: ➔

- *A divisão do trabalho social* (1893);
- *As regras do método sociológico* (1895);
- *O suicídio* (1897);
- *As formas elementares da vida religiosa* (1912);
- *Educação e sociologia* (1922);
- *Sociologia e filosofia* (1924);
- *A Educação Moral* (1925);
- *O socialismo* (1928);
- *A evolução pedagógica na França* (1938);
- *Lições de sociologia* (1950);
- *A ciência social e ação* (1970).

➔ **Obs.:** Todas estas obras possuem tradução para o português.

A Primeira Guerra (1914-1918) trouxe problemas sérios para o desenvolvimento da Sociologia na França, pois vários dos jovens sociólogos influenciados por Durkheim morreram no campo de batalha, inclusive seu filho, o que lhe trouxe um sofrimento muito grande, levando-o também à morte em 1917.

Após a morte de Durkheim, a Sociologia na França teve, entre outros, como seus principais continuadores:

- Seu sobrinho *Marcel Mauss* (1872-1950);
- *Maurice Halbwachs* (1877-1945);
- *François Simiand* (1873-1935);
- *Paul Fauconnet* (1874-1938);
- *Célestin Bouglé* (1870-1940).

Todos eles partiram de pontos de vista durkheimianos, mas não seguiram necessariamente os pressupostos e as posições do mestre e professor. Fizeram suas próprias pesquisas e até questionaram muitos aspectos do pensamento de Durkheim, como foi o caso de Halbwachs, que não aceitou a sua análise sobre o suicídio. Ou seja, eles passaram a andar sobre suas próprias pernas e com as próprias ideias.

Durkheim teve também grande influência na historiografia francesa, principalmente nos fundadores – Marc Bloch e Lucien Febvre – da chamada Escola dos *Annales*.

Após a Segunda Guerra, a Sociologia na França desenvolveu-se fora do âmbito acadêmico, pois ainda sofria de um grande preconceito no interior das universidades. Entre os sociólogos franceses que posteriormente desenvolveram suas atividades, de maneira extraordinária, em variadas tendências, podem ser citados: ⌚

- *Georges Gurvitch* (1894-1965);
- *Georges Frieddman* (1902-1977);
- *Raymond Aron* (1905-1983);
- *Roger Bastide* (1898-1974);
- *Jean Duvignaud* (1921-2007);
- *Michel Crozier* (1922-);
- *Alain Touraine* (1925-);
- *Pierre Bourdieu* (1930-2000);
- *Raymond Boudon* (1934-);
- *Michel Mafesoli* (1945-).

De orientação marxista, entre outros, podem ser citados Henri Lefebvre (1901-1991) e Lucien Goldman (1913-1969 – nascido na Romênia), Louis Althusser (1918-1990 – nascido na Argélia) e Nikos Poulantzas (1936-1979 – nascido na Grécia). Mais recentemente, esta vertente foi desenvolvida, entre outros, por Michael Lowy (1938 – nascido no Brasil).

## CONHECENDO MAIS SOBRE

### A Sociologia na França

**a** Este texto permitirá ter uma visão geral do surgimento e desenvolvimento da Sociologia acadêmica na França. ⬇

- MUCCHIELLI, Laurent. *O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914)*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200003)>.

**b** Para conhecer mais sobre Le Play e Worms, leia os textos ⬇

- BARBERIS, Daniela S. *O organicismo como modelo para a sociedade: a emergência e a queda da sociologia organicista na França no fin-de-siècle*.  
**Link:** <<http://ghec.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/17-Daniela-Barberis.pdf>>.
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. *A família na obra de Frédéric Le Play*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582002000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582002000300007)>.

**c** Para conhecer mais sobre Gabriel Tarde, acesse os links e leia os livros ⬇

- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *Processo comunicacional e intersubjetividade em Gabriel Tarde*.  
**Link:** <[http://www.cchla.ufpb.br/politicaetrabalho/arquivos/artigo\\_ed\\_22/artigos/artigo\\_02.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/politicaetrabalho/arquivos/artigo_ed_22/artigos/artigo_02.pdf)>.
- VERGAS, Eduardo Viana. *A microsociologia de Gabriel Tarde*.  
**Link:** <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_27/rbcs27\\_06.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_27/rbcs27_06.htm)>.
- THEMUDO, Tiago Seixas. *Gabriel Tarde. Sociologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- VARGAS, Eduardo Viana. *Antes Tarde do que nunca. Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Prefácio de Tiago Themudo e Luiz Orlandi.

**d** Para conhecer mais sobre Emile Durkheim leia ⬇

- GIANNOTTI, José Arthur. *A sociedade como técnica da razão*. Um ensaio sobre Durkheim.  
**Link:** <[http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/a\\_sociedade\\_como\\_tecnica.pdf](http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/a_sociedade_como_tecnica.pdf)>.
- ORTIZ, Renato. *Durkheim: arquiteto e herói fundador*.  
**Link:** <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_11/rbcs11\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_11/rbcs11_01.htm)>.
- PINHEIRO FILHO, Fernando. *A noção de representação em Durkheim*.  
**Link:** <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n61/a08n61.pdf>>.
- SOUZA, Railton N. *A Sociologia em Émile Durkheim*.  
**Link:** <<http://blogln.ning.com/profile/RailtonNascimentoSouza>>.
- VASCONCELLOS, Maria Drosila. *A sociologia da educação na França: um percurso produtivo*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302003000200013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000200013&lang=pt)>.

## COMO VIMOS NESTA AULA...

O desenvolvimento da Sociologia na França apresentou uma diversidade interessante e também uma disputa teórica e política, demonstrando que no campo intelectual estão presentes espaços de poder que tornam alguns pensadores figuras hegemônicas.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

### 1 Após ler o artigo ↓

- MUCCHIELLI, Laurent. *O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914)*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200003)>

Procure fazer uma análise sobre quais são os elementos que unem e distanciam os autores citados no início do desenvolvimento da Sociologia na França: Le Play, Tarde, Worms e Durkheim.

### 2 Desenvolva uma análise mais específica sobre a polêmica entre Tarde e Durkheim após ler os dois textos a seguir, demonstrando as posições de cada um e, se possível, onde se assemelham e divergem ↓

- VERGAS, Eduardo Viana. *A microsociologia de Gabriel Tarde*.

**Link:** <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_27/rbcs27\\_06.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_27/rbcs27_06.htm)>.

- ORTIZ, Renato. *Durkheim: arquiteto e herói fundador*.

**Link:** <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_11/rbcs11\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_11/rbcs11_01.htm)>.

## REFERÊNCIAS

---

DAS OBRAS CITADAS NA BIBLIOGRAFIA GERAL, INDICAMOS AS SEGUINTE LEITURAS:

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. [Ler o capítulo Émile Durkheim – p. 296-373].

GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social*. Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. [Ler o capítulo 3 – A sociologia política de Durkheim – p. 103-146 e o capítulo 4 – Durkheim e a questão do individualismo – p. 147-167].

HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e desespero*. Uma história da Sociologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. [Ler o capítulo 6 – A história resolvida por leis III. – p. 117 a 139].

LALLEMENT, Michel. *História das ideias sociológicas –VI*. Das Origens a Max Weber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. [Ler o capítulo – Émile Durkheim e a escola francesa de Sociologia – p. 197-254].

# A Sociologia na Alemanha

Nelson Dacio Tomazi

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

Em seu início, a Sociologia na Alemanha não teve nenhuma preocupação em definir claramente o seu estatuto científico, pois ali ela estava mesclada com a Filosofia e a História, de modo que não é tarefa fácil distingui-las. Por essa razão ela se desenvolveu em outra direção que a Sociologia na França. Seu fundamento foi o idealismo e a discussão metodológica acerca da diferenciação entre as ciências naturais e a histórico-sociais, questionando a visão positivista sobre a ciência.

Vale lembrar que, apesar dessas diferenças, alguns de seus representantes foram referências para o pensamento sociológico desenvolvido na França, principalmente por Durkheim, e nos Estados Unidos da América, onde vários pensadores seguirão algumas vertentes alemãs do pensamento (filosófico, psicológico e sociológico).

## PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Conhecer quais os elementos históricos fundamentais que propiciaram o desenvolvimento da Sociologia na Alemanha.
- ▶ Entrar em contato com o pensamento de F. Tönnies, Simmel, Max Weber e de seus contemporâneos, e também entender a razão da sociologia desses autores ter-se tornado presente no Brasil.

## CONHECENDO SOBRE

### A Sociologia na Alemanha

Na Alemanha, a Sociologia teve um componente diferencial em relação à França. Ela foi profundamente influenciada pela discussão filosófica, histórica e metodológica que se desenvolveu no final do século XIX e início do XX. Isso porque ela estava unida à filosofia idealista, que tinha por objeto de estudo o mundo histórico e social constituindo uma unidade indissolúvel com a ética, a filosofia da história, a filosofia do Estado e do direito. A sociologia alemã fundamentou-se diretamente em vários filósofos, principalmente Johann Gottlieb *Fichte* (1762-1814) (Filosofia da nação e do Estado), Friedrich Wilhelm Joseph von *Schelling* (1775-1854) (Filosofia do organismo social), Friedrich Daniel Ernst *Schleiermacher* (1768-1834) (Filosofia da sociedade), e Georg Wilhelm Friedrich *Hegel* (1770-1831) (Filosofia da sociedade e do Estado).

O representante mais expressivo da sociologia alemã com maior presença e penetração no Brasil é Max Weber (1864-1920). Entretanto, é necessário pensar a presença de outros pensadores que deram sua contribuição significativa para a formação da sociologia na Alemanha. Entre eles podemos destacar, em seu início, Ferdinand Tönnies (1855-1936), George Simmel (1858-1918) e Werner Sombart (1863-1941), todos contemporâneos de Max Weber.



Revolução de 19 de março de 1848 – Berlim

A obra destes autores esteve ligada fortemente à história alemã, ou seja, à unificação da Alemanha, que ocorreu somente após o triunfo de Bismarck na guerra franco-prussiana e um processo de industrialização que ocorre tardiamente a outras nações europeias. Estes dois fatos são importantes para entender a sociologia que se desenvolveu naquele país.

A alteração nas estruturas de poder na Alemanha não se deu por uma revolução violenta, como na França, mas por um acordo entre a burguesia industrial e os grandes proprietários de terra, tendo em vista uma transição mais adequada aos seus interesses. Deste acordo resultou uma burguesia industrial não preocupada em alterar de modo significativo a estrutura fundiária dos grandes proprietários, que se encastelaram na burocracia estatal e não permitiram que houvesse uma legislação trabalhista que prejudicasse os interesses da burguesia. Assim, a mudança se fez “por cima”, não levando em conta os interesses dos trabalhadores urbanos ou rurais.

Mas as grandes preocupações com as novas questões postas pela modernidade estarão presentes. O texto de João Carlos Soares Zuin, *A crise da modernidade no início do século XX*, contribuirá para uma melhor compreensão do que aconteceu na Alemanha naquele momento.

Por ora, vamos organizar um rápido panorama da Sociologia para contemplar os principais pensadores, considerados sociólogos na Alemanha, no momento da emergência desta ciência neste país.

### Ferdinand Tönnies (1855-1936)

Sociólogo alemão, nasceu em Riep, Schleswig, em 1855, e faleceu em Kiel em 1936. De família com tradição camponesa, desde duas gerações sua família já se dedicava a atividades comerciais através de exportação de produtos agrícolas e ainda com aplicações na Bolsa de Valores em Hamburgo.

Estudou nas universidades de Estrasburgo, Jena, Bonn, Leipzig e Tübingen. Fez seu doutorado em filologia clássica em Tübinga (1877), e ainda estudou filosofia política e social em Londres e Berlim. Foi professor de filosofia, economia, estatística e sociologia na Universidade de Kielmas, em Kiel, e se tornou presidente por mais de 20 anos da Sociedade Alemã de Sociologia, que ajudou a fundar com Georg Simmel, Werner Sombart e Max Weber em 1909-1910.

Sua primeira obra significativa foi *Comunidade e Sociedade*, publicada em 1887, onde apareceu sua famosa distinção (como dois tipos formais) entre *Comunidade (Gemeinschaft)*, baseada na vontade orgânica, e *Sociedade (Gesellschaft)*, fundamentada na vontade refletida. Nessa obra aparece também outras categorias explicativas, como Vontade Essencial (*Wesenwille*) e Vontade Arbitrária (*Kürwille*).

➔ **Curiosidade:** Logo após a publicação de *Comunidade e Sociedade*, Durkheim fez uma resenha desse trabalho de F. Tönnies, e este fez uma resenha do trabalho *A Divisão do trabalho social*, de Durkheim. Estas duas resenhas encontram-se no artigo “*O intercâmbio entre Durkheim e Tönnies quanto à natureza das relações sociais*”, de Joan Aldous, presente em MIRANDA, Orlando (Org.). *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 111-120.

Em 1896 Ferdinand Tönnies publicou um longo estudo intitulado *Vida e Obra de Hobbes*. Sempre buscando ter uma vida acadêmica estável, como professor titular, o que só veio a ocorrer em 1908, quando tinha 53 anos, Tönnies desenvolveu uma série de atividades, sem deixar de lado suas atividades intelectuais. Assim, publicou vários artigos sobre criminalidade, suicídio, educação, entre outros temas. Além disso, publicou na Alemanha um trabalho maior, em 1906, intitulado *Terminologia filosófica da perspectiva da Psicossociologia*. O interessante que este trabalho havia sido publicado em inglês, em 1899. Os seus outros dois trabalhos – já citados – foram traduzidos e, assim, ele passou a ser conhecido internacionalmente. Aproveitou para viajar por vários países da Europa e também para os Estados Unidos da América.

Leitor e crítico de Karl Marx, publicou uma obra com o título *Vida e obra de Karl Marx*, em 1921, na qual procurou retomar e reinterpretar Marx.

Mantendo sua produção intelectual ativa, em 1922 publicou o livro *Crítica da opinião pública*. No final da sua vida ainda teve tempo de concluir o seu último livro, *Espírito de nosso tempo*.

Em 1933, com 78 anos, e tendo Hitler assumido o poder na Alemanha, Tönnies posicionou-se contra o regime e contra a militarização que levaria a Europa a uma nova guerra. Fez protestos veementes contra a demissão de professores judeus das universidades, o que bastou para ser destituído de seu título de professor emérito e ter cortada a sua pensão vitalícia. Mesmo assim continuou com suas posições críticas ao regime, mantendo sua liberdade de pensamento. Não aceitou sair da Alemanha em razão do nazismo, e veio a falecer em abril de 1936 vitimado por uma pneumonia.

Suas principais obras sociológicas: ⬇

- *Comunidade e sociedade* (1887);
- *Estudos e críticas sociológicas* (1929), 3 volume;
- *Introdução à sociologia* (1930).

A obra de F. Tönnies teve uma presença marcante não só na Alemanha, mas também na França e, principalmente, nos Estados Unidos da América, através de figuras como Robert E. Park, Louis Wirth e Talcott Parsons, entre outros.

Orlando de Miranda relata um fato interessante que aconteceu em 1980 na cidade de Kiel. Durante as comemorações dos 125 anos do nascimento de F. Tönnies, num simpósio sobre sua obra, o pensador alemão foi saudado pelos movimentos da contracultura, ecologistas e militantes de ONGs como aquele que melhor diagnosticara o percurso da sociedade capitalista e sugerira terapias adequadas, indicando uma racionalidade que teria ido além do pragmatismo industrializante. Assim, a obra de Tönnies renasceu no universo do pensamento alemão depois de um longo período no ostracismo.

*George Simmel* (1858-1918)

Sociólogo e filósofo neokantiano, Simmel nasceu em Berlim, em 1858, e faleceu em 1918 em Estrasburgo. Foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento da Sociologia na Alemanha, juntamente com os demais aqui apontados.

Talvez ele seja o pensador mais difícil de ser enquadrado em algum escaninho do pensamento. Portanto, nada melhor que recorrer ao que escreveu Leopoldo Waizbort, no início de seu livro sobre Simmel, para apresentar seu pensamento:

### Caracterização

Quem tentar esboçar a fisionomia de Georg Simmel (1858-1918), logo se encontra em meio a dificuldades que são características próprias daquilo que se quer apreender. Simmel sempre postulou para seu próprio pensamento uma mobilidade e uma plasticidade, para se adaptar ao seu objeto uma multiplicidade de direções, uma defesa do fragmento, que se opõem a toda tentativa de fixação e acabamento, a toda pretensão de sistema.

Por isso todos os rótulos que lhe são atribuídos, apesar de possuírem seu teor de verdade, sempre soam tão falsos: vitalismo, relativismo, esteticismo, formalismo, irracionalismo, psicologismo, impressionismo, e tantos mais. Disto também é exemplo o fato de Simmel, hoje considerado, ao lado de Max Weber e Ferdinand Tönnies, um dos “pais” da sociologia alemã, não poder ser classificado sem mais como “sociólogo”, sob pena de se perderem várias outras dimensões que são essenciais ao seu pensamento. Walter Benjamin, que ainda pôde ouvir Simmel, detectou em sua “dialética característica” a transição da filosofia tradicional (“de cátedra”) para uma filosofia ensaística. Virtuoso na forma do ensaio, este tem muito a ver com o tipo e com os objetos de conhecimento que Simmel tinha em vista. Theodor Adorno – que estudou com Siegfried Kracauer, aluno dileto de Simmel – retomou o enfoque de Benjamin e apontou o núcleo do esforço simmeliano, a “virada da filosofia rumo aos objetos concretos”. É dessa virada, que exige sua concepção muito própria de “filosofia”, que se originam suas múltiplas preocupações,

em uma obra que conjuga de modo original diversas “perspectivas” – a sociologia, a filosofia, a economia, a psicologia, a história, a estética, e outras mais – na análise do que pode ser esperado e convencional, mas é sempre rica em nuances:

A guerra – A dominação – o grupo – O conflito – Os círculos sociais – A individualidade – O espaço – A cultura – O dinheiro – a moral – A liberdade – O trabalho – O pessimismo – A família – A religião – A cidade – O socialismo.

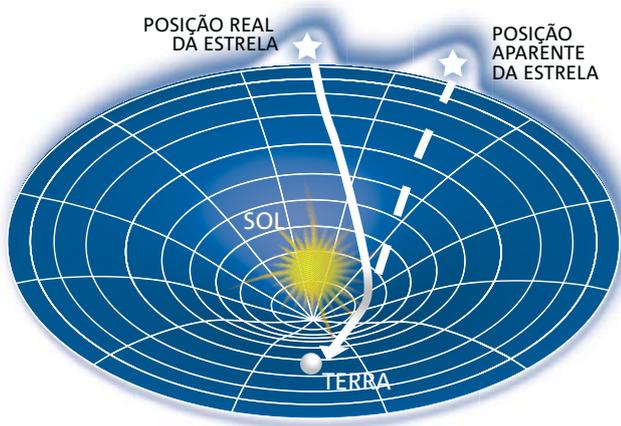
Mas também do inesperado, inconventional, e do mais inusitado:

A ponte – A moldura – A aventura – A ruína – A asa do jarro – O estranho – A prostituição – A amizade – Os sentidos – A porta – A coqueteria – O segredo – A fidelidade – A mentira – O ator – A carta – O rosto – o amor – A refeição – Os Alpes – O pobre – Os adornos – A paisagem – A moda – A solidão – A conversa.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Ed.34, 2000. p. 11-12

Simmel era o mais jovem e o último dos sete filhos de um próspero comerciante judeu convertido ao cristianismo. Com a morte do pai, herdou uma fortuna considerável que lhe permitiu uma independência de pessoas influentes e instituições para desenvolver sua vida acadêmica. Estudou História e Filosofia na Universidade de Berlim, onde foi aluno das mais importantes figuras acadêmicas de então. Doutor em Filosofia, com uma tese sobre Kant, tornou-se professor de Filosofia e Ética na Universidade de Berlim (1885-1914) e também de Sociologia (1900-1914), mas sempre em condição de pouca estabilidade e em cargos subalternos da docência. Conforme seus analistas, as razões apontadas para esta situação acadêmica foram: sua ascendência judaica e sua posição de livre pensador, escritor prolixo e com pouca disciplina acadêmica. Tornou-se professor titular de Filosofia apenas no final sua vida, em Strasburg (1914-1918), cidade onde permaneceu até sua morte, que aconteceu em virtude de um câncer.

Na virada do século XIX-XX, a Alemanha assistia ao surgimento da psicanálise, da teoria da relatividade, do positivismo lógico, da música atonal e de uma efervescência filosófica, cultural e artística das mais intensas. Foi em meio a esse cenário que Simmel tornou-se um conferencista muito aclamado, e escreveu artigos e ensaios sobre os mais variados temas, passando por várias discussões filosóficas na lógica, na teoria do conhecimento, na ética, estética ou metafísica. Além disso, temas da psicologia, sociologia, história e religião estavam sempre presentes em seus escritos. Escreveu também várias biografias, como as de Goethe, Nietzsche, Kant e Rembrandt, entre outros. Por essa razão foi considerado pouco sistemático e acadêmico, mas faz-se necessário reconhecer ter sido um pensador e um escritor original, que trilhou caminhos pouco experimentados em seu tempo e que agora se tornaram bem contemporâneos.



Teoria da relatividade

Apesar de estar sempre envolvido nas polêmicas de seu tempo, do ponto de vista político e social nunca foi filiado ou teve participação político-partidária.

Suas obras sociológicas mais importantes são: ⬇

- *Da diferenciação social* (1896);
- *A filosofia do dinheiro* (1900);
- *Sociologia* (1908);
- *Questões fundamentais da Sociologia* (1917).

Simmel teve uma influência marcante na sociologia alemã de seu tempo e posterior à sua morte, marcando profundamente tanto a sociologia norte-americana, em especial a Escola de Chicago, quanto à sociologia da França, em Durkheim e seus colaboradores diretos. Suas obras foram traduzidas para o francês e o inglês, muitas vezes antes mesmo de serem publicadas em alemão.

### Werner Friedrich Wilhelm Carl Sombart (1863-1941)

Sombart, como ficou conhecido, nasceu em 1863 em Ermsleben, no Harz, Saxônia, e morreu em 1941 em Berlim. Filho caçula de um político, industrial e proprietário de terras, teve uma formação sólida, estudando Direito na Universidade de Berlim e depois em Pisa, na Itália. Posteriormente, estudou economia, ciência política, história e filosofia na Universidade de Roma.

Por ter ligações políticas, tornou-se advogado da Câmara de Comércio de Bremen e professor na Universidade de Breslau e na Universidade de Berlim. Em ambas, contra o voto da maioria do corpo docente.

Foi um autor que produziu uma grande obra, onde se podem destacar contribuições no campo da economia, da sociologia, da ciência política, da história e do direito. Em 1902 postulou uma tese sobre os judeus e protestantes na emergên-

cia do capitalismo moderno. Max Weber se interessou por sua tese, em especial no dizia respeito à atuação dos protestantes.

Suas principais obras de cunho histórico e sociológico: ⬇

- *O Capitalismo moderno* (1902), 1ª edição em 2 volumes, depois em 6 volumes;
- *Os judeus e o capitalismo moderno* (1911);
- *Luxo e capitalismo* (1912);
- *O burguês* (1913).

➔ **Dica:** O artigo de Antônio de Vasconcelos Nogueira, *Werner Sombart* (1863-1941): *apontamento biobibliográfico* – constante da bibliografia, oferece uma visão precisa de quem foi Sombart: um pensador polêmico em suas análises e posições políticas.

### Maximilian Carl Emil Weber (1864-1920)

Max Weber nasceu em 21 de abril de 1864, em Erfurt, e morreu em Munique em 1920. De família abastada, teve uma educação formal de primeira qualidade, responsável pela erudição notável que o qualificou. Em 1882, com 18 anos, ingressou na Universidade de Heidelberg, escolhendo como área de concentração o Direito, e como áreas correlatas a História, a Filosofia e a Economia. Nessa universidade teve seu primeiro contato com os escritos de Kant e com os neo-kantianos, que desde então nunca mais deixou de estudar.

Desde então, Max Weber passou a se dedicar integralmente aos seus estudos e pesquisas e das inúmeras polêmicas de que participou acerca das questões políticas e intelectuais de seu país (cuja cultura sempre esteve no centro de suas preocupações intelectuais). Em 1889 concluiu seu doutorado em Direito Comercial, com a tese *Sobre a história das sociedades comerciais da Idade Média*, e em 1892 defendeu outra tese intitulada *Sobre a história agrária de Roma: do ponto de vista do direito público e privado*. Em 1894 assumiu a cátedra de Economia Política na Universidade de Friburgo, e em 1896 sucedeu a K. Knies na cátedra de Economia Política da Universidade de Heidelberg.

A partir de 1897 Weber foi vitimado por uma profunda depressão, que terminou impedindo-o de desenvolver suas atividades intelectuais. Somente entre 1902-03 foi que retomou-as, de forma gradativa, mas do lado de fora da universidade, sem condições psicológicas para ministrar aulas. Em 1904, juntamente com Werner Sombart e Edgar Jaffé, tornou-se codiretor da revista *Arquivos de Ciências Sociais*. Uma publicação que foi muito importante para o desenvolvimento dos estudos sociológicos na Alemanha e que terminou fechada pelos nazistas.

Entre agosto e dezembro de 1904, Weber viajou para os Estados Unidos da América, por ocasião da Exposição Universal de Saint-Louis, com F. Tönnies e W. Sombart. Entrou em contato com a cultura norte-americana e com as igrejas e seitas protestantes daquele país, e conheceu vários escritos de Benjamin Franklin que se tornaram fundamentais para suas pesquisas sobre a relação entre a ética protestante e o espírito do capitalismo.

Entre 1905 e 1906 conheceu o processo revolucionário russo de 1905, aprendendo o idioma para ler os jornais na própria língua. Terminou escrevendo dois artigos sobre a situação política russa. Com a morte de seu pai, em 1907, recebeu uma herança significativa e, a partir de então, se dedicou exclusivamente à investigação histórica e a escrever.

Em 1909, juntamente com vários intelectuais, colaborou na fundação da Sociedade Alemã de Sociologia. E foi a partir de então que Weber passou a se considerar sociólogo.

Ao ser deflagrado o conflito da Primeira Guerra Mundial, em 1914, Weber foi convocado como oficial da reserva para dirigir um hospital militar. Entre as atividades no hospital encontrou tempo para continuar escrevendo partes do livro que foi publicado por sua esposa, após a sua morte, com o título de *Economia e Sociedade*. Além disso, desenvolveu os estudos sobre ética econômica e as religiões universais e escreveu uma série de artigos sobre o liberalismo alemão, publicados pelos grandes jornais da Alemanha. Nesses artigos criticou a estrutura partidária do país e a burocratização das suas esferas políticas, afirmando que aquela situação ainda era uma herança de Bismarck.

Neste período pronunciou uma conferência – *A ciência como vocação* – e escreveu dois textos explicitando seu método, *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais e políticas* e *O significado da neutralidade axiológica nas ciências sociológicas e econômicas*, que se tornaram importantes para o conhecimento do seu pensamento.

Pelas ideias expostas em debates e nos jornais e por sua erudição, Max Weber, após a derrota alemã na Primeira Guerra, fez parte da comissão que redigiu a nova constituição política da República de Weimar. Ele morreu em 14 de junho de 1920, devido a complicações pulmonares em consequência da chamada gripe espanhola.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que a vida de Max Weber foi dedicada aos estudos, pesquisa e à participação ativa na política alemã, através de suas intervenções, através de conferências, artigos para jornais e revistas. Foi um erudito e um pesquisador incansável, dedicando-se enormemente a essas tarefas. Aprendeu grego e hebraico para poder ler a Bíblia no original; espanhol, para ler os arquivos sobre as companhias de navegação e o comércio espanhol; estudou russo, para ler os jornais sobre os acontecimentos daquele país desde 1905 até a revolução de 1917; e o inglês, para ler os textos norte-americanos sobre a vida religiosa e a ética correspon-

dente dos protestantes. Isto é só um exemplo de seu rigor no tratamento das questões que pretendia abordar. Enfim, nunca mediu esforços para analisar e compreender o mais profundamente possível as atividades às quais se propunha.

Para Max Weber, o indivíduo era o núcleo central de sua análise, por ser ele quem define intenções e finalidades para seus atos. Desse modo, o ponto de partida da Sociologia era a compreensão da ação dos indivíduos, suas motivações e intenções, e a Sociologia uma ciência que busca compreender e interpretar as relações sociais para explicá-las causalmente em seu desenvolvimento e efeitos.

Termos como Estado, família e outros deixam de ter sentido fora das relações sociais que lhes emprestam sentidos. Assim, Max Weber não consegue ver a sociedade como um bloco, uma estrutura, mas a percebe como uma teia de relações em construção cujo sentido, sempre provisório, lhe é emprestado por quem dela participa e a estuda.

Max Weber deixou uma obra vasta, que percorreu caminhos variados, desde a história, o direito, a economia, a sociologia, passando pelas questões religiosas, pelos processos burocráticos, pela análise da cidade, da música e pela discussão metodológica das ciências humanas e dos conceitos sociológicos.

Entre os seus escritos podem-se destacar os que foram publicados enquanto estava vivo, e outros de maior volume que vieram a público depois de sua morte: ⬇

- *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904-1919);
- *Ciência e política*: duas vocações (1917-1919);
- *Economia e sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva (1921);
- *História geral da economia* (1923);
- *Ensaio reunidos de sociologia das religiões*;
- *Ética econômica das religiões mundiais*.

Após a Primeira Guerra, alguns sociólogos, entre outros, se mantiveram em atividade, como Ferdinand Tönnies, Leopold Von Wiese (1876-1968), Hans Freyer (1887-1968) e Franz Oppenheimer (1864-1943), que foi quem criou, em Frankfurt, em 1919, a primeira cátedra de Sociologia da Alemanha.

Karl Mannheim (1893-1947), sociólogo húngaro, que desenvolveu parte de seus estudos e de sua obra na Alemanha, dedicou-se, primeiro, à sociologia do conhecimento e, depois, migrou para a Inglaterra, onde desenvolveu docência e escreveu trabalhos em outras áreas, voltados a questões contemporâneas. Trabalhos de Mannheim como *Ideologia e utopia*, *Sociologia da cultura*, *O homem e a sociedade na época de crise*, *Diagnóstico do nosso tempo*, e *Liberdade*, poder e planejamento democrático influenciaram significativamente a Sociologia no Brasil, principalmente alguns dos trabalhos de Florestan Fernandes.

### A Sociologia na Alemanha

Para desenvolver seus estudos sobre a sociologia na Alemanha o mais importante, como já foi afirmado, é ler os livros e artigos dos autores citados. Mas também vamos oferecer indicações para você realizar essa caminhada:

**a** Nestes dois artigos você terá uma visão sobre a situação intelectual na Alemanha no período indicado e as discussões mais importantes para a nascente Sociologia na Alemanha: ↓

- ZUIN, João Carlos Soares. *A crise da modernidade no início do século XX*.

**Link:** <<http://seer.fclar.unesp.br/index.php/estudos/article/viewFile/412/1210>>.

- ARENARI, Brand; MIGLIEVICH RIBEIRO, Adélia Maria. *A modernidade sob o prisma da tragédia: um ensaio sobre a singularidade da tradição alemã*. Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, ano 22, nº 35, Florianópolis: EDUFSC, abril de 2004, p. 57-77.

**Link:** <<http://www.cfh.ufsc.br/~revista/rch35.pdf>>.

**b** Sobre os demais autores é importante conhecer os seguintes textos: ↓

- ARENARI, Brand. *Ferdinand Tönnies e o romantismo trágico alemão*: revisitando um clássico esquecido.

**Link:** <<http://www.perspectivasonline.com.br/revista/2007/vol1n4/volume%201%284%29%20artigo4.pdf>>.

- NOGUEIRA, António de Vasconcelos. *Werner Sombart (1863-1941)*: apontamento biobibliográfico.

**Link:** <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218651140W1vYN9cbODw02MR6.pdf>>.

- ALCÂNTARA JÚNIOR, José. *O conceito de sociabilidade em Georg Simmel*.

**Link:** <[http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005\\_2/jose\\_alcantara\\_v3\\_n2.pdf](http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf)>.

Logo após a morte de Max Weber, um novo horizonte se descortinou para a sociologia alemã com a criação do Instituto de Pesquisa Social vinculado à Universidade de Frankfurt, que ficou conhecido como a *Escola de Frankfurt* (que não era uma Escola no sentido de ser um edifício, mas por se constituir em uma corrente de pensamento).

Em 1923, um grupo de intelectuais, entre eles Friedrich Pollok, Leo Lowenthal e Karl A. Wittfogel, desenvolveu uma análise da sociedade contemporânea apoiando-se em orientações filosóficas de Kant, Hegel e Nietzsche e de visões sociológicas tanto de Karl Marx quanto de Max Weber, além do pensamento de Sigmund Freud. Eles tinham em mente desenvolver uma teoria crítica da sociedade capitalista, e procuraram desenvolver explicações para fenômenos os mais variados, que iam desde a personalidade autoritária até a indústria cultural. Mantiveram também a crítica ao positivismo e ao pragmatismo, procurando demonstrar a necessidade de se pensar o que aconteceu com a sociedade que permitiu a emergência e significado do nazismo e que culminava com uma crítica à razão instrumental e às formas de controle da sociedade contemporânea.

Além dos autores citados, foram representantes dessa “escola” de pensamento outros bastante conhecidos dos estudiosos brasileiros: Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Adorno (1903-1969), Walter Benjamin (1892-1940), Erich Fromm (1900-1980) e Herbert Marcuse (1898-1979), entre outros. Todos eles tiveram fugir da Alemanha em razão da perseguição nazista.

A chamada Escola de Frankfurt teve continuidade, e dela são expoentes importantes pensadores, como Jürgen Habermas (1929-), que representa a 2ª geração da “escola”, e Axel Honneth (1949-), que já é representante de um 3ª geração.

No Brasil, Herbert Marcuse teve presença marcante, principalmente durante o movimento da contracultura, no final dos anos 60 e nas décadas de 1970 e 1980. Mas foram Theodor Adorno, Walter Benjamin e Jürgen Habermas os pensadores que há mais tempo estão presentes nas análises sociológicas nos mais diferentes campos do saber e produção das nossas ciências humanas.

➔ **Dica:** Para um panorama sobre a “Escola de Frankfurt”, recomendamos a leitura de Marcuse, Adorno, Horkheimer, Benjamin e Habermas – Teóricos de Frankfurt.

**Link:** <<http://www.culturabrasil.pro.br/frankfurt.htm>>.

- COSTA, Simone Pereira da. *Apontamentos para uma leitura de Georg Simmel*.  
**Link:** <<http://www.dialogos.uem.br/viewarticle.php?id=59&layout=abstract>>.
- WAISBORT, Leopoldo. *Simmel no Brasil*.  
**Link:** <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/218/21850102.pdf>>.
- KNÖBL, Wolfgang. *Max Weber, as múltiplas modernidades e a reorientação da teoria sociológica*.  
**Link:** <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/218/21849302.pdf>>.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. *Ascese e prazer – Um capítulo esquecido da polêmica Weber/Sombart*.  
**Link:** <<http://www.ifcs.ufrj.br/~nusc/sombart.pdf>>.
- LOUREIRO, Isabel. *Herbert Marcuse – anticapitalismo e emancipação*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732005000200001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732005000200001&script=sci_arttext)>.
- Neste endereço você encontrará uma pequena biografia de Max Weber e ainda outros artigos sobre ele:  
**Link:** <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158328084.23pdf.pdf>>.

## COMO VIMOS NESTA AULA...

A Sociologia na Alemanha, desde o seu início, difere da que se desenvolveu na França. Seu ponto de partida e suas preocupações metodológicas são outras. Isso lhe deu uma configuração própria, com abordagens em que foram articulados temas filosóficos, históricos e econômicos. E é nessa vertente que tanto sociólogos franceses quanto norte-americanos irão buscar subsídios para desenvolver a Sociologia em seus países.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

### 1 Após ler o artigo ↓

- ZUIN, João Carlos Soares. *A crise da modernidade no início do século XX*.  
**Link:** <<http://seer.fclar.unesp.br/index.php/estudos/article/viewFile/412/1210>>

Procure fazer uma análise sobre quais são os elementos históricos e intelectuais que permeiam o desenvolvimento da Sociologia na Alemanha.

### 2 Leia o texto ↓

- VILLAS BOAS, Gláucia. *Ascese e prazer – Um capítulo esquecido da polêmica Weber/Sombart*.  
**Link:** <<http://www.ifcs.ufrj.br/~nusc/sombart.pdf>>  
Explique quais são os elementos essenciais desta polêmica sobre o origem do capitalismo.

### 3 Nas atividades que desenvolve no Ensino Médio, você poderá utilizar a canção – Crítica e resignação na manhã de carnaval – de Sérgio Silva e Gabriel Cohn como uma boa alternativa para começar a analisar a obra de Max Weber.

- Link:** <<http://www.youtube.com/watch?v=Efg38DHljm4>>

## REFERÊNCIAS

---

**DAS OBRAS CITADAS NA BIBLIOGRAFIA GERAL INDICAMOS AS SEGUINTESS LEITURAS, ENTRE OUTRAS, PARA MELHOR COMPREENDER A SOCIOLOGIA NA ALEMANHA:**

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. [Ler o capítulo Max Weber – p. 461-540].

GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social*. Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. [Ler o capítulo 1 – Política e sociologia no pensamento de Max Weber – p. 25-71].

HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e desespero*. Uma história da Sociologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. [Ler o capítulo 7 – A história resolvida pela vontade – p. 141-165].

### LIVROS SOBRE SOCIÓLOGOS ALEMÃES PUBLICADOS NO BRASIL:

MIRANDA, Orlando (Org.). *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: EDUSP, 1995. [Este é o principal e único livro, no Brasil, que discute através de vários autores a obra de Ferdinand Tönnies. Como não há tradução de nenhum livro dele, pode-se encontrar, na Parte III desta coletânea, excertos do livro Comunidade e Sociedade].

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Ed.34, 2000. [Este livro é o mais completo sobre G. Simmel, no Brasil. A sua leitura é fundamental para quem deseja conhecer melhor este pensador].

Deste mesmo autor – WAIZBORT, Leopoldo. *Simmel no Brasil*. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/218/21850102.pdf>>. [Este texto é fundamental para se entender como Simmel foi utilizado no Brasil, pelo menos até a década de 1960].

### PARA UM CONHECIMENTO MAIOR DE MAX WEBER, OS LIVROS ABAIXO SÃO UMA REFERÊNCIA IMPORTANTE:

COELHO, Maria Francisca Pinheiro; BANDEIRA, Lourdes; MENEZES, Marilda Loliola de. (Orgs.). *Política, ciência e cultura em Max Weber*. Brasília: Ed. da UnB, 2000.

COHN, Gabriel. *Crítica e resignação*. Fundamentos da Sociologia de Max Weber. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SOUZA, Jessé (Org.). *A atualidade de Max Weber*. Brasília: Ed. da UnB, 2000.

### OBRAS DE M. WEBER E DE G. SIMMEL PUBLICADAS NO BRASIL:

MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. [Coleção Grandes Cientistas Sociais. Livro com introdução do organizador e uma série de textos do próprio Simmel].

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Ed. da UnB, 1998. [Livro com uma introdução dos organizadores e uma coletânea de artigos de Simmel].

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed. da UnB, 1996 (2 v.)

\_\_\_\_\_. *História geral da economia*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

\_\_\_\_\_. *Metodologia das Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993. (2 v.). [Textos metodológicos organizados e com introdução de Mauricio Tragtenberg].

\_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. [Coletânea de textos de Max Weber selecionados e com uma introdução de H. H. Gerth e C. Wright Mills].

# A Sociologia nos Estados Unidos da América

Nelson Dacio Tomazi

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

A presença da Sociologia nos Estados Unidos da América (EUA) se desenvolveu ao mesmo tempo em que na França e na Alemanha, ainda que de modo diferente, apesar de apresentar algumas ligações com este último país. Nos Estados Unidos da América não há um ou dois personagens marcantes ou hegemônicos, mas vários. Trata-se de uma grande influência em quase todo o mundo, ainda hoje.

## PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Conhecer quais os elementos históricos e intelectuais fundamentais que propiciaram o desenvolvimento da Sociologia nos Estados Unidos da América.
- ▶ Entrar em contato com o pensamento dos principais pensadores que construíram a Sociologia nos Estados Unidos da América.

## CONHECENDO SOBRE

### A Sociologia nos Estados Unidos da América

A Sociologia nos Estados Unidos da América surgiu no contexto de dois grandes eventos que marcaram profundamente a história dos Estados Unidos da América. A *Guerra de Secessão*, também conhecida como *Guerra Civil Americana*, ocorrida entre 1861 e 1865, e a *imigração estrangeira em massa*.

A guerra civil drenou os recursos financeiros do norte dos Estados Unidos da América e arruinou completamente a eco-



Guerra da Secessão



Guerra Civil Americana

nomia do sul, onde foram destruídas fábricas, estabelecimentos comerciais e residências, além das propriedades rurais produtoras de algodão que foram queimadas, prejudicando seriamente a exportação de algodão para a Inglaterra. Esta situação gerou grandes ressentimentos e atritos entre a população do sul e do norte dos Estados Unidos, que perduraram por várias gerações e, em alguns Estados, perdura até hoje, considerando que nenhum programa governamental previu a inte-

gração profissional e econômica do sul aos Estados Unidos da América. O sul perdeu toda sua influência política, econômica e cultural nos Estados Unidos, e seus ideais tradicionais passaram a não ter muita influência no governo federal.

Como reação positiva à guerra civil houve a urbanização das terras do oeste e das áreas centrais norte-americanas, contribuindo ainda mais para o crescimento da economia, a expansão industrial e o desenvolvimento do capitalismo dos Estados Unidos. No norte, graças ao esforço de guerra, houve um crescimento surpreendente, principalmente na metalurgia, transporte ferroviário, armamentos e naval. Além do desenvolvimento tecnológico, houve o desenvolvimento de escolas e instituições de ensino superior. O comércio cresceu de maneira exponencial, espalhando-se para todo o território americano. O padrão de cultura dos Estados Unidos passou a ser o ideal nortista de “trabalho duro, educação e liberdade econômica a todos”, e que, eventualmente, faria dos Estados Unidos da América a maior potência econômica do mundo.

Um fato interessante de se notar é que os principais fundadores da Sociologia nos Estados Unidos da América nasceram antes ou durante a Guerra Civil Americana, e portanto experimentaram o impacto desse acontecimento:

- *William Graham Sumner* (1840-1910);
- *Lester F. Ward* (1843-1914);
- *Albion Small* (1854-1926);
- *Franklin Giddings* (1855-1931);
- *Thorstein B. Veblen* (1857-1929);
- *William I. Thomas* (1863-1947);
- *Robert E. Park* (1864-1944);
- *Charles H. Cooley* (1864-1929);
- *George Herbert Mead* (1863-1932).

O segundo acontecimento, a imigração estrangeira em massa, pode ser dimensionado pelos seguintes dados: entre 1860 e 1900, os Estados Unidos da América passaram de um país agrícola, com pequena população, em torno de 4 milhões de habitantes, para um país industrial, com uma das maiores economias do mundo composta de 75 milhões de habitantes. Esta transformação populacional, junto com a industrialização, redundou num processo de urbanização sem precedentes, que continuou até a década de 1930. Para se ter uma ideia, Chicago, em 1860, tinha 102.260 habitantes; em 1900, 1.698.575; e em 1930, 3.375.329 habitantes.

A sociedade norte-americana mudou com a consolidação de uma burguesia industrial, comercial e financeira significativa. Paralelamente houve a formação de uma enorme classe trabalhadora, formada na maioria por imigrantes e de uma classe média em ascensão, nas principais cidades do país.

Assim, ao findar o século XIX, os Estados Unidos da América estavam em franco desenvolvimento Industrial com um crescimento econômico e urbano significativos. As principais cidades passaram a ser espaços de conflito e de preocupações. Por essa razão, temas como imigração, aculturação ou conflitos étnicos, comportamentos desviantes, políticas públicas, entre outros, marcaram a Sociologia que se desenvolveu inicialmente no país.

As tendências intelectuais, culturais e ideológicas eram muitas, e as ciências sociais nascentes as refletiam nos constantes confrontos de suas temáticas e concepções. Mas um fato interessante, apontado por Geoffrey Hawthorn (conferir bibliografia geral e no final desta aula), deve ser levado em conta. Ele afirma que, pelo fato de a sociedade americana não ter vivido um período feudal, a sua revolução ocorreu relacionada a sua independência, não havendo necessidade de criticar nenhuma estrutura política e pensamento anteriores. Ela pôde assim tomar os pensadores iluministas com todas as suas possibilidades e pensar a construção de uma nova sociedade sem os entraves feudais remanescentes, apesar dos grandes problemas que ainda subsistiam decorrentes do fim da escravidão em 1863, principalmente nos estados do sul.

Principais influências no desenvolvimento do pensamento sociológico americano foram a *tradição religiosa protestante*, disseminada em quase todo o território com suas diversas igrejas, o *liberalismo econômico* clássico, do tipo *laissez-faire* entre os grandes empresários, de cunho conservador, e o evolucionismo de Darwin, e sua decorrência, o *darwinismo social* de Herbert Spencer. Acrescente-se a esse cadinho de concepções de mundo e ciência o *pragmatismo* do filósofo e psicólogo William James (1842-1910) e do filósofo Charles Pierce (1839-1914).

Conforme Mário A. Eufrásio (ver bibliografia):

O desenvolvimento da Sociologia nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX e inícios do século XX, pode ser traçado a partir de diversas origens, que se combinam com uma desigual influência da Sociologia que se desenvolvia no decorrer do século XIX, na Europa, associada às transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que caracterizavam o surgimento da sociedade moderna. Certos aspectos da formação da Sociologia assumiram, nos Estados Unidos, formas originais: uma motivação inicial filantrópica e favorável à reforma social, de feição progressista, e sua disputa contra os argumentos conservadores tirados da economia política clássica e do evolucionismo e do darwinismo social; o uso pioneiro de materiais sociográficos; a influência do evolucionismo de Spencer e do darwinismo social no desdobramento da discussão intelectual de um conjunto de ideias da época (entre 1850 e 1900) e os inícios do ensino universitário da Sociologia em diversas instituições de ensino e pesquisa universitárias que foram criadas nas últimas décadas do século XIX.

(EUFRASIO, 1999, p. 21).

Assim, é possível perceber que os fundadores da Sociologia nos Estados Unidos da América tiveram heranças diversas, e acrescenta-se a isso que muitos deles estudaram por alguns períodos na Alemanha.

Essas heranças permitem-nos compreender como a Sociologia se desenvolveu e se firmou nos anos seguintes com duas grandes características, diferentes das características da Sociologia da França e da Alemanha:

▶ Por uma multiplicidade de temas, problemas e propostas e uma diversidade teórica e metodológica, num percurso que abrange desde a macro até a microsociologia. Diferentemente da Sociologia europeia, apresenta muito pouco interesse, em seu período inicial, por grandes discussões teóricas, e conformou uma Sociologia que se pretende prática, isto é, interessada em resolver os problemas existentes na sociedade mediante pesquisas aplicadas;

▶ Por ter se desenvolvido desde o início no interior das universidades, com presença, nas atividades universitárias, de doações e financiamento privados (Fundação Rockefeller, Comitês e Associações normalmente religiosas) que, paralelamente ao Estado, estimularam a pesquisa.

Por estas características, escolhemos analisar o desenvolvimento da Sociologia norte-americana, em três grandes universidades: Chicago, Harvard e Columbia.

A *Universidade de Chicago* foi fundada em 1890 e recebeu seus primeiros alunos em 1892, graças a uma grande doação feita por John D. Rockefeller, e foi nela que surgiu o primeiro departamento de Sociologia, sob a direção de *Albion Small* (1854-1926). A sua presença na Sociologia americana se deu fundamentalmente por ter sido grande professor e organizador. Em 1895 criou o *American Journal of Sociology* e, em 1907, participou ativamente da criação da Sociedade Americana de Sociologia. Ele publicou, junto com Georges Vincent em 1894, talvez o primeiro manual de Sociologia para estudantes, intitulado *Introdução ao estudo da Sociedade*. Small será o principal divulgador do pensamento de George Simmel nos Estados Unidos da América (havia estudado na Alemanha, como quase todos os que trabalhavam nesse momento em Chicago).

A Universidade de Chicago, no início de seus trabalhos sociológicos, deu primazia à pesquisa de campo, isto é, à pesquisa empírica, procurando conhecer, através da observação direta, a dinâmica das relações sociais. Assim, nela se desenvolveu uma forte tendência pragmática e microsociológica que viria a ser conhecida com a Escola de Chicago. Um de seus expoentes, nesse momento, William F. Ogburn (1886-1959), desenvolveu instrumentos estatísticos com finalidades bem práticas para análise da realidade social.

Vários autores participaram desse movimento. Entre os mais conhecidos no Brasil, podem ser citados:

- *William I. Thomas* (1863-1947) e *Florian Znaniecki* (1882-1958 – nascido na Polônia, chegou aos Estados Unidos da América em 1914) – desenvolveram e publicaram uma pesquisa intitulada *O camponês polonês na Europa e na América* durante os anos de 1918 a 1921 – conforme: [http://wikipedia.qwika.com/en2pt/Florian\\_Znaniecki](http://wikipedia.qwika.com/en2pt/Florian_Znaniecki)
- *Robert E. Park* (1864-1944) e *Ernest W. Burgess* (1886-1966), que escreveram *Introdução à ciência da Sociologia*, em 1921. Os dois, juntamente com R. Mackenzie, escreveram o clássico livro *A cidade*, em 1925.
- *Louis Wirth* (1897-1952) Nascido na Alemanha, chegou aos Estados Unidos da América em 1911, e publicou *O gueto*, em 1928, além de um famoso artigo, em 1938: *Urbanismo como modo de vida* (claramente influenciado por George Simmel, que também havia escrito outro importante artigo: *A metrópole e a vida mental*).

Outros autores desenvolveram pesquisas sobre temas que evidenciavam a preocupação existente em Chicago e nas grandes cidades dos Estados Unidos da América (a desorganização social nas cidades, marginalidade social, alcoolismo, drogas, segregação racial, delinquência) que evidenciam a relação entre a pesquisa sociológica e a intervenção dos organismos públicos. Houve, em alguns deles, a preocupação com o que eles chamavam de ecologia humana em oposição à ecologia animal e vegetal.

Entretanto, pouco a pouco foi também se firmando, em Chicago, uma outra perspectiva congregando sociólogos e antropólogos relacionados à Psicologia social que, posteriormente, veio a se chamar de *interacionismo simbólico*. A principal figura dessa vertente foi *George Herbert Mead* (1863-1932), que trabalhou com John Dewey e desenvolveu uma visão pragmática e com uma forte tendência que, hoje, chamaríamos psicossociológica.

G. H. Mead, filósofo e psicólogo social, trabalhou em várias áreas, sobretudo como psicólogo social, e foi professor de várias gerações de antropólogos e sociólogos. Não chegou a sistematizar suas propostas em vida, o que foi realizado postumamente, quando seus alunos e discípulos compilaram uma série de anotações de suas aulas (taquigrafadas, em sua maior parte), do curso de Psicologia Social que ministrava, de palestras e de alguns de seus artigos, editando a obra *Self, mind and society* (1934). Ele se dedicou a refletir sobre a consciência, para ele uma característica distintiva da espécie humana. Afirmou a necessidade de se pensar a responsabilidade individual no contexto de uma coletividade de indivíduos que se orientavam uns pelos outros, mas também para si próprios.

Além da tradição intelectual presente nos Estados Unidos da América, houve a influência de Gabriel Tarde, mais do que Durkheim, aliada à de Georg Simmel. Seus continuadores foram Herbert Blumer (1900-1987) e Everett C. Hughes (1897-1983). Mais

conhecidos no Brasil, e ainda presentes hoje na Sociologia brasileira, são Erving Goffman (1922-1982) e Howard Becker (1928-).

### *Charles H. Cooley – Companheiro de George Herbert Mead*

Esta vertente da sociologia, mais uma psicossociologia (conhecida posteriormente como interacionismo simbólico), nos Estados Unidos da América, é representada também por Charles H. Cooley (1864-1929), que escreveu *A natureza humana e a ordem social* (1902), *Organização social* (1909) e *O processo social* (1918). Ele passou 37 anos como professor da Universidade de Michigan. Recusou-se a ir para a Universidade de Columbia, pois preferiu ficar na calma de Michigan. Mesmo assim, em 1918, foi presidente da Sociedade Sociológica Americana. Complementando o pensamento de G. H. Mead, preocupava-se com os vínculos entre indivíduo e sociedade, destacando a liberdade individual, a ordem social negociada e a mudança social. Para ele, não há prevalência nem do indivíduo, nem do grupo na análise sociológica, há sempre um processo interativo de influência mútua entre ambos. A distinção e complementaridade entre os grupos primários e secundários é a marca que distingue sua contribuição com ênfase nas relações afetivas. Em seus livros, Cooley defende a aproximação sociopsicológica para a compreensão da sociedade. Preocupa-se principalmente com a determinação social do caráter. Daí surge sua teoria fundamental: a mente é social e a sociedade, mental. Procura demonstrar que o ideal de unidade moral, envolvendo qualidades como lealdade, justiça e liberdade, é derivado da participação em grupos primários onde estreitas relações são mantidas como na família, etc. Daí sua criação da classificação dos grupos em primários e secundários. Na ausência de tal experiência moral, é provável a ocorrência de fenômenos de desorganização social.

A *Universidade de Harvard* (localizada na cidade de Cambridge, no estado de Massachusetts) foi fundada em 1636, como Harvard College, em homenagem a John Harvard, seu principal mecenas. Só a partir de 1780 passou a se chamar Harvard University.

Antes de ter um Departamento de Sociologia, em Harvard desenvolveu-se uma preocupação com a industrialização crescente nos Estados Unidos da América. Esta preocupação foi protagonizada por Georges *Elton Mayo* (1880-1949 – Nascido na Austrália), que trabalhou sobre o que poderíamos chamar de germe de uma Sociologia industrial. Mayo iniciou esta caminhada com uma grande pesquisa, entre 1927 e 1932, com os operários da empresa Western Electric, e procurou entender a influência das relações sociais na produtividade dos trabalhadores.

Seu livro mais conhecido, *Os problemas humanos de uma civilização industrial*, foi escrito em 1933. Como consequência, foi criada, em Harvard, a Divisão de Pesquisas Industriais. Após este primeiro ensaio de “sociologia industrial”, mesmo sem um departamento específico, a Sociologia nesta universidade foi marcada por uma preocupação teórica.

*Pitirim A. Sorokin* (1889-1968) foi quem começou essa trajetória. Oriundo de uma família de camponeses pobres, nasceu no norte da Rússia, ele se tornou sociólogo e historiador depois de estudar na Universidade de São Petersburgo, onde recebeu o título de doutor em Sociologia, em 1922. Exilou-se da Rússia em 1923, após criticar a revolução de 1917, e depois de breve estada em Praga partiu para os Estados Unidos da América, onde lhe foi oferecido um lugar de professor na Universidade de Minnesota. Quando assumiu a cidadania americana, mudou-se para a Universidade de Harvard, onde se tornou professor da primeira cátedra de Sociologia desta instituição. Organizou o Departamento de Sociologia em 1930, sendo seu chefe até 1944, quando foi substituído por Talcott Parsons.

Diferentemente da trajetória de Chicago, Sorokin imprimiu a Harvard uma preocupação teórica, baseado em autores europeus, não levando em conta a tradição norte-americana e desenvolvendo seus estudos sobre as teorias da dinâmica social e dos processos de mobilidade e mudança sociais. Ficou em Harvard até sua morte, em 1968.

Suas principais obras: *Sociologia da revolução; Mobilidade social; Dinâmica social e cultural; Sociedade, cultura e personalidade; Novas teorias sociológicas; A crise de nosso tempo* (as três últimas publicadas no Brasil).

Mas o principal representante da Sociologia de Harvard foi *Talcott Parsons* (1902-1979). Filho de pai pastor, graduou-se em Biologia e Filosofia no Amherst College (1924), pois pretendia se formar em Medicina. Ao se graduar, decidiu-se pelo campo das Ciências Sociais, fez sua pós-graduação na Escola de Economia em Londres e doutorou-se na Universidade de Heidelberg, Alemanha (1925-1927). Voltando aos Estados Unidos da América ensinou Economia e Sociologia na Universidade de Harvard durante 45 anos (1928-1973). Em 1944 substituiu Sorokin, no Departamento de Sociologia, em Harvard, e em 1946 transformou esse departamento num Departamento Interdisciplinar de Relações Sociais, onde procurou, como o próprio nome indicava, uma visão mais ampla, relacionando a Sociologia a outras ciências sociais.

Ele buscou dar um encaminhamento mais teórico para a Sociologia norte-americana, no mesmo sentido em que Sorokin, e voltou-se para a Sociologia europeia, buscando em Max Weber, Vilfredo Pareto e Emile Durkheim, além do economista inglês Marshall, os fundamentos para produzir a sua grande obra teórica, que dominará a Sociologia norte-americana desde então e que pode ser resumida nos seus dois livros mais expressivos: *A estrutura da ação social* (1937) e *O sistema social* (1951). Neles desenvolveu a sua teoria da ação social, con-

tribuindo para o fortalecimento da teoria da escolha racional e da articulação de sistemas em termos amplos onde as unidades se relacionam e interagem formando um sistema social que se mantém e desenvolve no tempo, com tendência à sua manutenção.

Talcott Parsons tornou-se seguramente o sociólogo norte-americano mais conhecido em todo o mundo. Seus críticos, em geral, entenderam-no como um pensador conservador, preocupado basicamente com o bom ordenamento da sociedade, sem ter muita tolerância com a desconformidade ou a dissidência dos que podiam manifestar-se contra ela. Sua obsessão foi determinar a função que os indivíduos desempenhavam na estrutura social visando à excelência das coisas. Foi um estudioso da estratificação, e não da mudança ou transformação sociais.

Desinteressando-se dos aspectos da transformação social, sua inclinação deu-se em favor do equilíbrio e do consenso. Naturalmente que isso o faz entender o indivíduo como expressão das estruturas, as quais ele devia manter e preservar. Caso isso não ocorresse, entravam em ação os mecanismos de controle social (moral, ética, sistema jurídico e penal, etc.), como um instrumento preventivo ou corretivo. O objetivo de qualquer sociedade seria alcançar a homeostasis, a manutenção da estabilidade, do equilíbrio permanente, fazendo com que só pudéssemos entender uma parte qualquer a ser estudada em função do todo.

Conceitos como “adaptação”, “integração” e “manutenção”, muito utilizados por Parsons, podem classificá-lo no campo conservador do pensamento sociológico, pois analisou a política apenas como instrumento de garantia do bom andar do sistema, jamais como instrumento de transformação. A sua teoria passou a ser conhecida como funcionalismo estrutural ou estruturo-funcionalismo.

Por essas características, o seu trabalho teve influência em diversos países e ambientes acadêmicos, inclusive na então União Soviética, onde, em 1964, ministrou aulas sobre a Sociologia americana a convite da Academia de Ciências Soviéticas.

Parsons se aposentou em 1973, vindo a falecer em 1979, na Alemanha, quando participava de um evento homenageando a sua obra. Seus principais trabalhos foram: ⬇

- *A estrutura da ação social* (1937);
- *O Sistema social* (1951);
- *Economia e sociedade* – com N. Smelser (1956);
- *Estrutura e processo nas sociedades modernas* (1960);
- *Sociedades: perspectivas evolucionárias e comparativas* (1966);
- *Teoria sociológica e sociedade moderna* (1968);
- *Política e estrutura social* (1969);
- *Sistemas sociais e a evolução da teoria da ação* (1977);
- *Teoria da ação e a condição humana* (1978).

O trabalho de Talcott Parsons foi influente entre as décadas de 1950 e 1970, principalmente nos Estados Unidos, e foi perdendo vigor no decorrer dos anos seguintes. Mais recentemente sua obra começou a ser (re)valorizada a partir dos trabalhos de Niklas Luhmann (*teoria dos sistemas*), na Alemanha, e pelo trabalho de Jeffrey Alexander, da Universidade de Yale – Estados Unidos da América, conhecido como *neofuncionalista*.

A *Universidade Columbia*, situada na ilha de Manhattan, em Nova York, foi fundada no ano 1754 como *King's College*, e enquanto a recém-nascida nação declarava-se independente da Grã-Bretanha, a instituição passou a se chamar Columbia University.

Ali, a Sociologia teve como destaque inicial as pesquisas de comunidade (*community social surveys*) de *Franklin Giddings* (1855-1931), que seguia o que se fazia em Chicago, uma vez que a situação urbana das duas cidades era muito parecida. Giddings foi pioneiro no uso de métodos quantitativos e experimentais no estudo dos fenômenos sociais, e seu trabalho foi fortemente marcado pelo evolucionismo e pelo pragmatismo. Ele escreveu uma importante obra sociológica, onde ressaltam os seguintes títulos: ⬇

- *The theory of Sociology* (1894);
- *Principles of Sociology* (1896);
- *The theory of socialization* (1897);
- *Elements of Sociology* (1898);
- *Inductive Sociology* (1901);
- *Descriptive and historical Sociology* (1906).

Depois de Giddings, a principal expressão da Sociologia na Columbia University foi *Robert K. Merton* (1910-2003 – Seu nome verdadeiro era Meyer R. Schkolnick). Filho de imigrantes da Europa Oriental, Merton viveu precariamente nos bairros novaiorquinos. Quando adolescente, havia adotado o nome de Robert Merlin, porque fazia truques de mágica em festinhas de aniversário. Voltou a ser Robert K. Merton quando recebeu uma bolsa de estudos para a Temple University, pois o nome era mais norte-americano. Após graduar-se foi fazer sua pós-graduação em Harvard, onde trabalhou com P. Sorokin e T. Parsons até defender seu doutorado, em 1936.

Em palestra para o *American Council of Learned Societies*, em 1994, Merton declarou que, graças às bibliotecas, escolas e orquestras a que tinha tido acesso, e até mesmo à gangue de jovens a que havia aderido, sua juventude o tinha preparado bem para o que denominava uma vida de estudo: “Meus colegas sociólogos devem ter notado” – disse – “como aquele cortiço aparentemente carente em *South Philadelphia* proporcionou a um jovem todo tipo de capital – capital social, cultural, humano e, acima de tudo, o que podemos chamar de capital público – isso é, todo tipo de capital, exceto o financeiro pessoal”.

Em 1941 Merton transferiu-se para a Universidade de Columbia, onde ficou por 38 anos, até aposentar-se. Nela procurou integrar teoria à prática sociológica. Estudou o comportamento desviante e os processos de adaptação social tendo por base suas pesquisas qualitativas e quantitativas das profissões em ambiente de solidariedade e de conflito.

Teve seu nome vinculado à proposta de criação de *teorias de alcance médio*. Dizia ele que os sociólogos deveriam deixar de lado as grandes teorias (criticando Parsons) e criar outras de menor alcance, pois assim estariam sendo muito mais úteis para a sociedade. Essas teorias, de médio alcance, estariam situadas entre as hipóteses de trabalho rotineiras na pesquisa e as amplas especulações abarcando um sistema conceitual dominante. Assim, elas estariam mediando as abstrações e generalizações e os fundamentos empíricos da pesquisa.

Merton criou uma série de conceitos utilizados pela maioria dos sociólogos no mundo e aplicáveis nas mais diferentes áreas das ciências humanas, entre os quais podemos destacar: *função manifesta e função latente, disfunções, profecia autor-realizável, homofilia, heterofilia, estruturas de oportunidades, socialização emancipatória, teorias de médio alcance, ambivalência sociológica, comportamento de grupo de referência, etc.*

Como sociólogo da ciência, Merton, que até hoje é considerado como um de seus principais teóricos, desenvolve os quatro imperativos institucionais de todo o cientista, como ideais que devem fundamentar os objetivos e os métodos da ciência:

- ▶ *Comunalismo* – a propriedade comum das descobertas científicas (Merton, de fato, usou o termo “comunismo”, todavia sem ligação com o marxismo);
- ▶ *Universalismo* – critérios universais de verdade (não baseados em raça, classe, gênero, religião ou nacionalidade);
- ▶ *Desinteresse* – a ação do cientista não deve ser movida por interesse próprio;
- ▶ *Ceticismo organizado* – todas as ideias devem ser testadas e submetidas ao rigoroso escrutínio da comunidade.

Robert Merton teve uma visão bastante humanista da função social da ciência, demonstrando influência clara de Max Weber. Ele acreditava na ciência como um conjunto de conhecimentos compartilhados por toda a sociedade, que deveria julgar a credibilidade da verdade científica de acordo com suas expectativas e valores morais próprios. Mas a decisão do que fazer não seria da sociedade, e sim do próprio cientista, sempre adequando seus valores ao da sociedade. Nos últimos 35 anos, Merton reuniu informações sobre a ideia e funcionamento da *serendipidade* (um neologismo referente às descobertas científicas realizadas, aparentemente, por acaso), que foram publicadas após sua morte com o título *The travels and*

*adventures of serendipity* (“As viagens e aventuras da serendipidade”).

Além de suas propostas teóricas, Merton criou, na Universidade de Columbia, o Departamento de Pesquisa Social Aplicada, quando tiveram origem os primeiros grupos focais. Mas foi Paul Lazarsfeld o responsável pelo desenvolvimento desse setor.

*Paul Lazarsfeld* (1901-1976) nasceu em Viena, filho de um advogado socialista atuante, e cresceu em um ambiente onde circulavam intelectuais de diferentes formações políticas e expoentes ligados às ciências, à literatura e à música, ao teatro e à psicanálise. Estudou na Universidade de Viena, onde defendeu sua tese de doutorado, em 1925, em Matemática, e após seu doutoramento fundou, em 1929, um instituto de pesquisa para psicologia social aplicada na capital austríaca.

Em 1933 emigrou para os Estados Unidos da América, onde foi diretor do Gabinete de Pesquisa Radiofônica na Universidade de Princeton, depois de receber um fundo da Fundação Rockefeller para pesquisar sociologia e psicologia associadas à comunicação. Em 1940, o seu projeto “mudou-se” para a Universidade Columbia, onde exerceu docência no seu departamento de Sociologia até 1970. Lazarsfeld desenvolveu um arsenal de metodologias quantitativas, utilizando todo um instrumental estatístico que incluía índices, análises multivariadas, escalas, painéis, testes, correlações, etc., voltado para o estudo do comportamento dos habitantes dos Estados Unidos da América, envolvendo desde os meios de comunicação de massa, as escolhas eleitorais, as atitudes políticas até os padrões de consumo. Pare ele e os seus colaboradores, tudo poderia ser quantificável. Teve seus críticos dentro dos Estados Unidos da América, entre os quais Pitirim Sorokin, que denunciou aquela época como a *época da quantofrenia e da numerologia*, e também Charles Wright Mills, no capítulo *O empirismo abstrato*, que integra seu livro *A imaginação sociológica*.

Estas três universidades – Chicago, Harvard e Columbia – embora não tenham sido as únicas, foram as que tiveram primazia no desenvolvimento da Sociologia nos Estados Unidos da América.

➔ **Curiosidade:** para se ter uma ideia de como a importância dessas instituições estava presente no cotidiano dos cientistas sociais dos Estados Unidos da América, há uma “piada sociológica” que demonstra muito bem como cada uma destas universidades tinha uma determinada marca no universo da Sociologia dos Estados Unidos da América (Cf. GASTALDO, Édison (Org.) *Erving Goffman*. Desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Ed., 2004. p. 28).

Uma tese sobre a sociologia da bebida alcoólica teria uma denominação conforme a universidade onde fosse realizada:

- Em Harvard – “Modos de alívio cultural em sistemas sociais ocidentais”.
- Em Columbia – “Funções latentes do uso de álcool em uma amostra nacional”.
- Em Chicago – “Interação social no Jimmy’s: um bar na Rua 55”.

## “Outsiders”. Visão crítica e militante

Dois sociólogos, de duas gerações diferentes, podem ser considerados *outsiders* na Sociologia dos Estados Unidos da América: Thorstein B. Veblen (1857-1929) e Charles Wright Mills (1916-1962).

*Thorstein B. Veblen* nasceu em 1857, em Manitowoc (Wisconsin), e morreu em 1929, em Menio Park (Califórnia). Filho de imigrantes noruegueses, teve uma infância de muita penúria, até seus pais se estabelecerem como produtores rurais. Assim, puderam levar uma vida financeiramente mais tranquila, o que permitiu que Veblen pudesse frequentar bons colégios. No ensino pré-universitário foi aluno brilhante, impressionando sempre seus professores. Graduiu-se em Filosofia pela Universidade Johns Hopkins, onde conheceu o pensamento de Herbert Spencer, que muito o influenciou. Concluiu seu doutorado na Universidade de Yale, e conheceu Charles Sanders Pierce (1839-1914) e William Graham Sumner. Sem trabalho como professor matriculou-se de novo, na Universidade de Cornell, e conseguiu entrar para o Departamento de Economia da Universidade de Chicago. Também se tornou professor nas universidades de Stanford e do Missouri e fundou a *New School for Social Research*, de Nova York. Mesmo com prêmios e uma vida acadêmica reconhecida e elogiada, por onde passou, Veblen tinha fama de excêntrico e pouco respeitador dos costumes pudicos da época. Assim, foi sendo exonerado de todas as universidades onde havia lecionado, e não conseguindo ao final de sua vida nenhum lugar para ministrar aulas, terminou sendo ajudado por seus alunos.

Quanto a Thorstein Veblen, seu trabalho foi insistir na questão da acumulação como modo de vida e não como suporte à dinâmica do capitalismo, que entendia como sendo uma máquina de produzir. Assim, a acumulação à qual se refere não é a do capital, mas a dos objetos ou dos serviços de consumo, pois enquanto nas sociedades tradicionais essa dinâmica mostra seu poder, nas sociedades capitalistas ela trata de mostrar seu sucesso. Veblen, vindo de uma corrente de análise muito mais dinâmica, a corrente institucionalista, insistiu que o consumo servia para afirmar a sua vinculação a um grupo social ao mesmo tempo em que traduzia o desejo de cada um dos membros do grupo de se agregar a um grupo social superior. Segundo esse autor, qualquer classe era movida pelo desejo, e rivalizava com a classe que lhe era imediatamente superior na escala social, e essa tendência à emulação

era o mais poderoso, o mais ativo, o mais incansável dos motores da própria vida econômica.

Para as classes dominantes, tratava-se de mostrar de maneira ostensiva que tinha conseguido alcançar o sucesso; já para as outras classes, tratava-se de ascensão na hierarquia social. Veblen viu, nessa escalada, a profunda causa da dinâmica produtiva.

A sua originalidade não foi criticar o universo da mercadoria, mas mostrar que esse universo gerava uma demanda sem fim, que também era a fonte de um crescimento sem fim. Segundo ele, o capitalismo era um aprendiz de feiticeiro, que abria as válvulas da produção sem limites, dado que ela era da ordem do desejo e não da ordem da necessidade.

Em seus escritos criticou os capitães de indústria, o sistema de sabotagem, ou seja, a prática de diminuir a produção para se obter maiores preços, considerando-se o poder monopolista das grandes corporações.

Termos como “consumo conspícuo”, “ócio vicário”, “desperdício conspícuo” se transformaram em conceitos que, na sua época, foram tomados como termos de luta por seus alunos e ex-alunos.

Crítico implacável do capitalismo e cético quanto às virtudes do socialismo, seus conceitos são ainda muito usados na reflexão sobre a sociedade de consumo. Ele foi um pária acadêmico na maior parte do tempo, migrando de universidade para universidade, sempre acolhido com honras pelos colegas economistas – o que não se refletia na sua remuneração. Em pouco tempo tornou-se o inimigo número um dos administradores acadêmicos puritanos no final do século XIX e início do século XX.

*Charles Wright Mills* (1916-1962) nasceu em Waco, no Texas. Mestre em Artes, Filosofia e Sociologia pela Universidade do Texas, concluiu seu doutorado em Sociologia e Antropologia na Universidade de Wisconsin. Foi professor de Sociologia das Universidades de Maryland e Columbia e tornou-se outro outsider que representa uma tendência quase marginal na Sociologia nos Estados Unidos da América. Uma Sociologia que apresenta uma visão crítica e militante da sociedade norte-americana da própria Sociologia. Foi um dos sociólogos norte-americanos de maior presença no Brasil, em especial nos anos 60 e 70, quando os movimentos políticos pendiam para um olhar mais crítico do sistema e numa época em que Parsons era lido e criticado por seu “americanismo” exagerado.

Tendo influência de Karl Marx e de Max Weber, Wright Mills procurou conciliar o conceito de classe social com o de status, visando esclarecer os processos e os mecanismos de conflitos e mudança sociais. Através de suas pesquisas procurou esclarecer a complexidade das estruturas de poder, particularmente das elites (em lugar do conceito de classes dominantes) e de seu papel na mudança social, fugindo da ideia de revolução como única via para a transformação social.

Mills transferiu-se, em 1941, para a Universidade de Maryland (College Park), onde ministrou aulas de Sociologia. Nos três anos seguintes colaborou com Hans H. Gerth em dois livros: uma coletânea de textos de Max Weber, *From Max Weber: essays in Sociology*, publicado em 1946 (e que no Brasil apareceu com o título *Ensaio de Sociologia*), sendo reimpresso mais de 60 anos após sua publicação, e a obra *Character and social structure*, publicada em 1953.

Em 1945, Mills mudou-se para Nova York, indo trabalhar no *Bureau of Applied Social Research*, a convite de seu fundador e diretor, Paul Lazarsfeld. Ali, teve acesso a farto material empírico, trabalhou coordenando equipes de investigadores e pôde adquirir habilidades em métodos e técnicas de pesquisa quantitativa. No entanto, apesar da admiração que inicialmente sentia por Lazarsfeld, aos poucos as relações entre os dois se deterioraram, até serem rompidas, por completo, em 1952.

Paralelamente, começou a lecionar na Universidade de Columbia, em 1947, nela permanecendo até sua morte, em 1962. Ao longo desses 15 anos, Mills foi uma figura relativamente marginal no ambiente da Universidade de Columbia. As relações pessoais com alguns colegas foram difíceis. Como consequência não ministrava aulas na pós-graduação, uma situação que lhe dava a vantagem de ter mais tempo para dedicar-se à pesquisa e à escrita.

À medida que aumentava o afastamento de seus pares acadêmicos norte-americanos, Mills buscava escrever mais e mais para o grande público. Além de artigos em revistas como *New Leader*, *Politics*, *New York Times Magazine* e *Dissent*, escreveu “livros-panfletos” que lhe deram grande exposição na mídia americana, principalmente *As causas da Terceira Guerra Mundial* (1958), onde discutiu a corrida nuclear, e *A Revolução em Cuba* (1960), analisando a fase inicial da revolução cubana. Este livro foi um enorme sucesso de vendas. Entretanto, ao mesmo tempo, se viu cada vez mais em “maus lençóis” com os conservadores e as autoridades americanas, chegando a receber ameaças de morte pela defesa que fizera da revolução cubana.

Conhecido principalmente por seu livro *A imaginação sociológica*, publicado originalmente nos Estados Unidos da América em 1959, nele Mills faz um apelo para que sociólogos não deixem a imaginação e a criatividade de lado, ao exercerem sua profissão, em favor de uma pretensa objetividade e neutralidade do trabalho científico. Para ele, as grandes obras e os grandes intelectuais da História nunca abriram mão de sua reflexividade e criatividade, além de uma postura crítica perante a realidade. Uma das críticas de Mills à Sociologia era de que esta deveria ser acessível à compreensão do grande público. Esta sua crítica fazia parte de seu argumento maior de que o intelectual deveria manter uma postura crítica e reflexiva diante da realidade, e assim tomar parte nos debates públicos de sua época.

Ao longo do livro *A imaginação sociológica*, Mills buscou fazer a defesa da “tradição clássica” das ciências sociais, inspirado nas maiores influências intelectuais de sua vida: os alemães Karl Marx, Max Weber e Karl Mannheim, além dos norte-americanos William James, Thorstein Veblen e John Dewey.

Este livro fez com que Mills passasse a ser um autor mal-dito na Sociologia dos Estados Unidos da América, considerando seus ataques a todo o conjunto da Sociologia de seu país. Fez críticas à grande teoria de Parsons, aos empiricistas, principalmente Paul Lazarsfeld, e ao pensamento burocratizado no interior das universidades, causando escândalo nos círculos acadêmicos pelo ataque contundente que fez a seus pares.

Wright Mills sempre realizou uma apaixonada defesa da ciência social inseparável da vida pessoal do cientista. Propôs que a intuição, a imaginação, o comprometimento com o tempo que se vive eram fundamentais para compreender cientificamente a realidade social. Procurou incitar os sociólogos de seu tempo e também seus alunos a assumirem responsabilidade social como agentes ativos na sociedade, desenvolvendo assim suas capacidades críticas perante a sociedade em que viviam.

Em dezembro de 1960 Mills sofreu um sério infarto do miocárdio. Sobreviveu mais 15 meses e, em 20 de março de 1962, morreu em sua casa, de outro ataque cardíaco, aos 45 anos de idade.

Sua obra foi publicada em vários idiomas. No Brasil, entre outras, podemos destacar: 

- *Caráter e estrutura social* (1973);
- *Ensaio de Sociologia* (1963);
- *A nova classe média* (1969);
- *A elite do poder* (1962);
- *A imaginação sociológica* (1969);
- *Os marxistas* (1968);
- *As causas da próxima guerra mundial* (1961);
- *A verdade sobre Cuba* (1961);
- *Poder e política* (1965);
- *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios* (2009).

 **Obs.:** As datas são das publicações no Brasil

Outros sociólogos dos Estados Unidos da América que buscaram uma postura crítica, continuadores ou não de Wright Mills, foram: Irving L. Horowitz (1929-); Martin Nicolau (1928-); Andrew Gunder Frank (1929-) e Alvin Gouldner (1920-1980).

## CONHECENDO MAIS SOBRE

### A Sociologia nos Estados Unidos da América

- ABREU, Alzira Alves de; VELHO, Gilberto; DUQUE ESTRADA, Maria Ignez; BECKER, Howard S. *Uma entrevista com Howard S. Becker*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 3, n.5, 1990. p.114-136.

Link: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/69.pdf>>.

- BRAGA, Adriana e GASTALDO, Édison. *O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos*.

Link: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5845/4254>>.

- SEIXAS, Renato. *Identidade cultural: estruturas e modelos de abordagem – a contribuição de Robert Merton*.

Link: <[http://www.ial5775.xpg.com.br/resumo\\_robert\\_merton.pdf](http://www.ial5775.xpg.com.br/resumo_robert_merton.pdf)>.

- RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. *O elemento voluntarista na sociologia de Talcott Parsons*.

Link: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/186/136>>.

- FRANÇA, Andressa Silvério Terra. *Talcott Parsons: apontamentos para uma análise institucional*.

Link: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/11312/11383>>.

- BAPTISTA DA SILVA, Paulo Vinícius. *GOFFMAN, discípulo de MEAD?*

Link: <[http://www.intermeio.ufms.br/revistas/25/25%20Artigo\\_08.pdf](http://www.intermeio.ufms.br/revistas/25/25%20Artigo_08.pdf)>.

## COMO VIMOS NESTA AULA...

A Sociologia desenvolveu-se nos Estados Unidos da América a partir de variadas influências, internas e externas, especialmente da França e mais ainda da Alemanha. A Sociologia dos Estados Unidos da América apresenta uma importante contribuição para o desenvolvimento de metodologias e técnicas de pesquisa (quantitativas e qualitativa) e para o de-

envolvimento de uma grande teoria, a partir dos trabalhos de Parsons, e também de uma teoria de médio alcance com Merton. Mas sua contribuição mais original à teoria sociológica, na visão de Parsons, foi a vertente psicossociológica, mais conhecida como interacionismo simbólico.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

1 Considere quais são os elementos históricos e intelectuais que caracterizam o desenvolvimento da Sociologia nos Estados Unidos da América e, através dos textos específicos, abaixo relacionados, procure sustentar a sua posição.

2 Leia os dois textos indicados a seguir e procure analisar quais as semelhanças e as divergências entre o pensamento de Merton e o de Parsons. ↓

- SEIXAS, Renato. *Identidade cultural: estruturas e modelos de abordagem – a contribuição de Robert Merton*.

Link: <[http://www.ial5775.xpg.com.br/resumo\\_robert\\_merton.pdf](http://www.ial5775.xpg.com.br/resumo_robert_merton.pdf)>.

- RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. *O elemento voluntarista na sociologia de Talcott Parsons*.

Link: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/186/136>>.

3 Duas sugestões para serem utilizadas em suas aulas no Ensino Médio: ↓

▶ Produção de um texto explicando como os estudos da marginalidade, alcoolismo, drogas e segregação racial, temas da chamada Escola de Chicago, contribuíram para a compreensão das dinâmicas sociais nas grandes cidades.

▶ Produção de um texto a partir do seguinte excerto sobre T. Veblen:

“[...] A acumulação da qual ele fala não é a do capital, mas a dos objetos ou dos serviços de consumo, pois enquanto que, nas sociedades tradicionais, esta dinâmica trata de mostrar assim o seu poder, nas sociedades capitalistas ela trata de mostrar o seu sucesso [...]”, explicando os desdobramentos sociais decorrentes do consumo no mundo de hoje.

(Esta citação encontra-se em: <<http://pt.shvoong.com/humanities/253394-thorstein-veblen-din%C3%A2mica-da-acumula%C3%A7%C3%A3o/>>).

## REFERÊNCIAS

### DAS OBRAS CITADAS NA BIBLIOGRAFIA GERAL, INDICAMOS AS SEGUINTESS LEITURAS, ENTRE OUTRAS, PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO DA SOCIOLOGIA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA:

CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo F. *Introdução ao pensamento sociológico: Durkheim/Weber/Marx/Parsons*. 15. ed. Rio de Janeiro: Centauro, 2001. [Ler "Parsons", p. 205-252].

COLLINS, Randall. *Quatro tradições sociológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. [Ler o capítulo 4 – A tradição microinteracionista, p. 205-243].

CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. *História da sociologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1995. [Ler Parte A – IV. 2 – O reformismo americano; Parte B – I. 3. – A sociologia atravessou o Atlântico; e Parte B – II. 1. – A "idade de ouro" da sociologia americana].

HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e desespero*. Uma história da sociologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. [Ler o Cap. 9 – A história ignorada, p. 191-214].

TIMASHEFF, Nicholas S. *Teoria sociológica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. [Vários capítulos deste livro tratam da Sociologia nos Estados Unidos da América].

### SOBRE THORSTEIN B. VEBLÉN. SEU PRINCIPAL LIVRO, E BEM CONHECIDO NO BRASIL, É A TEORIA DA CLASSE OCIOSA. POSSUI DUAS EDIÇÕES:

CAVALIERI, Marco Antônio Ribas. *O surgimento do institucionalismo norte-americano: um ensaio sobre o pensamento e o tempo de Thorstein Veblen*. Tese de Doutorado em Economia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG. UFMG/Cedeplar. 2009. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/economia/teses/2009/Marco\\_Antonio\\_Ribas\\_Cavaliere.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/economia/teses/2009/Marco_Antonio_Ribas_Cavaliere.pdf)>. Acesso em: 17 ago. 2010. [Nesta tese há uma biografia muito detalhada de Veblen].

SILVA, Vagner Luís da. *Arqueologia da sociologia econômica: a contribuição de Thorstein Veblen*. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/index.php/estudos/article/viewFile/1149/935>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

VEBLÉN, Thorstein B. "A Teoria da Classe Ociosa". Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Pioneira, 1965. [1ª edição]

\_\_\_\_\_. CIVITA, Victor (editor). *Veblen*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. [Os Pensadores – 2ª edição]

### SOBRE A ESCOLA DE CHICAGO:

EUFRASIO, Mário A. *Estrutura urbana e ecologia humana*. A escola sociológica de Chicago (1915-1940). São Paulo: EDUSP/Ed. 34, 1999.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otávio G. (Org.) *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

### TEXTOS E LIVROS DE T. PARSONS E SOBRE O AUTOR:

DOMINGUES, José Maurício. *A sociologia de Talcott Parsons*. São Paulo: Annablume, 2004.

PARSONS, Talcott. O conceito de sistema social. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octávio (Orgs.). *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. p. 47-55.

\_\_\_\_\_. Os componentes do sistema social. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octávio (Orgs.). *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. p. 56-59.

\_\_\_\_\_. *O sistema das sociedades modernas*. São Paulo: Pioneira, 1974.

\_\_\_\_\_. *Sociologia americana: perspectivas, problemas, métodos*. São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira, 1969.

\_\_\_\_\_. *Sociologia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

ROCHER, Guy. *Talcott Parsons e a sociologia americana*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

### LIVROS DE ROBERT K. MERTON:

MERTON, Robert K. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

\_\_\_\_\_. *A ambivalência sociológica e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

### SOBRE C. WRIGHT MILLS

FERNANDES, Heloisa R. *Wright Mills*. São Paulo: Ática, 1985. Esta coletânea possui uma introdução muito interessante e uma série de textos de Mills.

MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. [Há uma introdução de Celso Castro que traz informações muito interessantes e também alguns textos inéditos de C. Wright Mills].

# A Sociologia contemporânea

Nelson Dacio Tomazi

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

A Sociologia chegou até a década de 1970 marcada por análises e discussões sobre temas nacionais ainda que pensadores já circulassem, com suas obras, ou pessoalmente, por vários países e continentes.

O que vamos demonstrar aqui é que as últimas décadas do século XX e esta primeira década do século XXI estão marcadas por uma Sociologia internacionalizada e, com poucas exceções, por posições ecléticas. Isto é, a base dessa Sociologia, que chamamos de contemporânea, está configurada pelas mais variadas vertentes das ciências humanas, não esquecendo a presença constante dos autores clássicos em todas elas.

## PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Analisar os novos pressupostos da emergência de uma Sociologia internacionalizada.
- ▶ Reconhecer a diversidade das vertentes sociológicas e a diversidade de autores contemporâneos.

## CONHECENDO SOBRE

### A sociologia contemporânea

Se até a década de 1960 podíamos falar em uma Sociologia por países, após esta década, tendo em vista um processo significativo de circulação de informações, através dos mais variados meios de comunicação, pode-se dizer que os principais cientistas sociais e a literatura sociológica se tornaram globalizadas.

As questões sociais que até então podiam estar mais localizadas em países ou blocos de países, a partir de então se tornaram mundializadas, fazendo com que houvesse uma preocupação também com os novos fenômenos decorrentes dessa nova configuração. Vários pensadores passaram a refletir sobre temas chamados de pós-modernos, hiper-modernos ou simplesmente contemporâneos, que afetam um país, uma região ou a totalidade deles.

Nesse sentido, pode-se dizer que há hoje uma Sociologia mundial com variações de matizes, dependendo do que se está pesquisando, formando um conjunto de pensadores cuja proposição é pensar a sociedade dos indivíduos.

Mas essa Sociologia contemporânea possui ainda uma relação significativa com as grandes vertentes do pensamento sociológico tradicional:

- ▶ a *marxista* ou histórico-estrutural e todas as suas variações, que são muitas, como, por exemplo, o marxismo analítico de J. Elster.
- ▶ a *durkheimiana* ou funcionalista, com o desenvolvimento de um neofuncionalismo.
- ▶ a *weberiana* ou compreensiva, com o desenvolvimento da fenomenologia.
- ▶ a *teórica e pragmática norte-americana* em suas variadas ramificações.

Com efeito, pensadores como Gabriel Tarde e George Simmel, que estavam um tanto esquecidos, pelo menos no Brasil, devido à ênfase no pensamento de Émile Durkheim e no de Max Weber, retomam seus lugares de destaque.

Essas vertentes inspiraram outros tantos pensadores que, refletindo suas realidades e mesclando ou não contribuições de diferentes linhas teóricas, criando inclusive uma série de conceitos novos, demonstraram as possibilidades e a diversidade do pensamento sociológico, fazendo a Sociologia avançar no processo de compreensão da realidade contemporânea.

A Sociologia chegou, assim, ao século XXI com uma vitalidade muito grande. As análises não ficaram restritas (com raras exceções) a uma única corrente teórica, mas utilizaram

diversas vertentes, ficando difícil encontrar um pensador que se apoie somente em uma determinada visão de mundo. A maioria deles recorre ao que entende ser mais substancial em cada teoria, e assim torna-se muito difícil fazer qualquer enquadramento ou mesmo tentar classificar determinados autores.

Muitos analistas viram nisso a chamada crise de paradigmas na Sociologia contemporânea. Uma “crise” que poderia ser entendida do ponto de vista epistemológico. Entretanto, como já vimos, desde o seu início houve sempre uma diversidade de epistemologias que sempre estiveram presentes no desenvolvimento do pensamento sociológico e que nunca foram razão para caracterizar uma crise. Parece que esta diversidade epistemológica, de teorias, objetos e de métodos, concorrentes ou não, na explicação de fenômenos sociais, deve ser vista mais como um indicativo de vigor que de decadência.

Para Brasília Sallum Jr., existe uma fragmentação muito grande na Sociologia contemporânea, o que pode ser entendido como uma desordem no interior de seu campo. Ele procura estabelecer uma “ordem”, para efeito pedagógico, enquadrando diversos autores numa possível categorização. Vejamos o que ele escreve:

Entre as linhas de investigação que almejam alguma forma de superação da “desordem” reinante na disciplina, distinguem-se:

- a dos sociólogos voltados para a *construção de ferramentas analíticas gerais* para serem usadas em investigações empíricas diversas (como a desenvolvida por Pierre Bourdieu – 1989 – por meio dos conceitos de *habitus e campo*);
- a dos que buscam construir uma *síntese das várias teorias existentes* (incluindo programas diversos, como os de Walter G. Runciman – 1989 –, Jonathan Turner – 1991 –, Jeffrey Alexander – 1998 –, Anthony Giddens – 1984 – etc.);
- a dos sociólogos que lutam para superar a fragmentação da disciplina por meio do *desenvolvimento sistemático de determinada orientação teórica*, visando a difundir-la nas várias áreas da sociologia (incluem-se aqui os programas dos teóricos da escolha racional, do marxismo analítico, do interacionismo simbólico, etc.);
- o programa de enriquecer a sociologia através da *promoção do diálogo entre perspectivas teóricas diversas* (como faz Levine – 1991 – ao examinar a conexão “dialética” entre as ideias de Parsons e Simmel),
- e o projeto de *identificar e preencher lacunas conceituais e metodológicas* nas perspectivas teóricas disponíveis para explorar as implicações disso na reconstrução e alargamento das mesmas (inclui-se aqui, por exemplo, o conceito de *ação comunicativa*, introduzido por Jürgen Habermas – 1984 – para dar conta das circunstâncias em que as ações não são orientadas pelo cálculo do sucesso e que lhe

permitiu reconceituar a noção de racionalidade, de organização do mundo social e até de evolução da sociedade).

(SALLUM JR., Brasília. *Sociologia, problemas e práticas*. n.48. 2005. p. 19-26.)

Mas é necessário levar em conta que esta possível fragmentação é fundamental para expressar a diversidade e estabelecer um novo patamar para a Sociologia na sociedade contemporânea.

Com efeito, nas últimas décadas constatamos a emergência de diversos pensadores e sociólogos, com trajetórias intelectuais diversas. E, de acordo com o organizador desta aula, alguns deles e suas obras serão elencados sem ordem de preferência ou posição hierárquica:

### Jürgen Habermas (1929-)

Natural de Düsseldorf, Habermas graduou-se em 1954 na Universidade de Bonn com uma tese sobre o filósofo Shelling. Foi assistente de Theodor Adorno, e é considerado, entre outros, como membro da segunda geração da Escola de Frankfurt/Teoria crítica. Em 1968 transferiu-se para Nova York, onde se tornou professor da *New School for Social Research*. Três anos depois, em 1971, retornou à Alemanha para dirigir o Instituto Max Plank, retornando à docência em 1983 na Universidade Johann Wolfgang Von Goethe, de Frankfurt, onde se estabeleceu até sua aposentadoria, em 1994.

Nesse período não parou de escrever livros, artigos científicos, debater em jornais e ministrar palestras, sempre discutindo questões teóricas e políticas da contemporaneidade. Habermas é um dos intelectuais que mais marcaram o clima político e filosófico do pós-guerra na Alemanha. Como quase todos os sociólogos alemães, é também filósofo, sendo muito difícil fazer a separação entre estes saberes em seus escritos. Ele trouxe a filosofia para bem perto da sociologia, ao mesmo tempo em que tirava aquela de seu pedestal.

Dentre as contribuições mais conhecidas de Habermas está a proposta de que duas esferas coexistem na sociedade: o *sistema* e o *mundo da vida*. O *sistema* refere-se à ‘reprodução material’, regida pela lógica instrumental (adequação de meios a fins), incorporada nas relações hierárquicas (poder político) e de intercâmbio (economia). O *mundo da vida* é a esfera de ‘reprodução simbólica’, da linguagem das redes de significados que compõem determinada visão de mundo, sejam esses significados referentes aos fatos objetivos, às normas sociais ou aos conteúdos subjetivos.

Em seu famoso livro *Conhecimento e interesse* (1968), ele assinalou que o conhecimento depende constantemente de determinados interesses. Assim, sempre que existir um pensar sobre qualquer coisa, esse pensar ocorre dentro do contexto de uma sociedade competitiva. Ou seja, qualquer pessoa pensando sempre persegue também objetivos concretos, muitas vezes

em interesse próprio. Assim, o esforço pelo conhecimento não é inocente. Ele está constantemente à procura de vantagens.

Habermas propôs também, na *teoria da ação comunicativa*, princípios segundo os quais as pessoas poderiam agir de forma a perseguir seus interesses sem provocar danos às outras. Na sociedade moderna, o entendimento pacífico só é plausível quando os cidadãos coordenam o mais possível seus respectivos interesses.

Além das contribuições teóricas, Habermas participa incessantemente das discussões sobre os temas mais variados, desde o debate em torno da engenharia genética, do retorno das religiões ou das migrações na Europa, tendo se tornado um dos pensadores mais conhecidos e respeitados da Alemanha.

Obras publicadas no Brasil: ↓

- *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980;
- *Conhecimento e interesse: com um novo pós-fácio*: Rio de Janeiro: Zahar, 1982;
- *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983;
- *Dialética e hermenêutica – Para a crítica da hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre: L&PM, 1987;
- *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989;
- *Pensamento pós-metafísico*. Estudo Filosófico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990;
- *Passado como futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993;
- *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 1-2;
- *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1997. v. 2-2;
- *Discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000;
- *A constelação pós-nacional*. São Paulo: Littera Mundi, 2001;
- *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002;
- *Crise de legitimação no capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002;
- *Era das transições*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003;
- *Mudança estrutural na esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003;
- *O Futuro da natureza humana. A caminho da eugenia liberal?*. São Paulo: Martins Fontes, 2004;
- *A Ética da discussão e a questão da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004;
- *A Inclusão do outro: estudos de teoria política*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004;

- *Verdade e justificação*. Ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004;
- *O Ocidente dividido*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006;
- *Diagnóstico do tempo*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2005;
- *Entre naturalismo e religião*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2007;
- *A lógica das ciências sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Os três artigos abaixo podem dar uma boa ideia do pensamento de Jürgen Habermas: ↓

- RUDIGER, Francisco. *A escola de Frankfurt*: Jürgen Habermas.  
**Link:** <[http://www.robertexto.com/archivo14/frankfurt\\_pt.htm](http://www.robertexto.com/archivo14/frankfurt_pt.htm)>.

Neste pequeno texto você pode encontrar um resumo das principais ideias de Habermas. ↓

- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola*.  
**Link:** <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a6.pdf>>.
- DELUIZ, Neise. *Formação do sujeito e a questão democrática em Habermas*.  
**Link:** <[http://www.infoamerica.org/documentos\\_pdf/habermas03.pdf](http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/habermas03.pdf)>.

| **Pierre Bourdieu** (1930-2002)

Nascido numa família camponesa, ingressou na Faculdade de Letras, em Paris, na Escola Normal Superior em 1951. Em 1954 graduou-se em Filosofia, assumindo a função de professor em Moulins. Enviado à Argélia para prestar serviço militar, assumiu em 1958 o cargo de professor assistente na Faculdade de Letras, em Argel, momento que aproveita para fazer sua pesquisa sobre a *sociedade cabila* no contexto da colonização francesa e como ocorreu sua interferência na estrutura daquela sociedade.

Em 1960 tornou-se assistente de Raymond Aron, na Faculdade de Letras de Paris, e iniciou uma carreira acadêmica e uma vasta obra que constituem uma significativa contribuição para a formação do pensamento sociológico contemporâneo. A partir de então, paralelamente, desenvolveu sua atividade docente em importantes instituições, como as universidades de Harvard e Chicago e o Instituto Max Plank, de Berlim.

Sua obra alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, abrangendo temas como educação, cultura, literatu-

ra, arte, mídia, linguística, política e uma sociologia cuja discussão central está focada na tarefa de desvendar os mecanismos da reprodução social que legitimam as diversas formas de dominação.

Para empreender essa tarefa, Bourdieu desenvolveu conceitos específicos, retirando os fatores econômicos do epicentro das análises da sociedade e, a partir de conceitos como *violência simbólica*, advogou a não arbitrariedade da produção simbólica na vida social. Por isso, advertiu para o caráter efetivamente legitimador das forças dominantes que se expressam por meio de seus gostos de classe, estilo de vida e distinção social. Posicionou-se, ainda, com muita clareza e lucidez, contra o liberalismo e a globalização capitalista.

Sua obra está constituída por um olhar crítico sobre a formação do sociólogo como censor e detentor de um discurso de verdade sobre o mundo social. Também analisou a própria Sociologia como disciplina e como prática.

Bourdieu afirmava que a sua obra poderia ser rotulada como pertencente ao construtivismo estruturalista, ou estruturalismo construtivista.

Ele morreu em Paris, em 23 de janeiro de 2002, depois de finalizar um de seus cursos.

Textos de Bourdieu traduzidos para o português: 

- *A reprodução*: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975 (com Jean-Claude Passeron);
- *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992;
- *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990;
- *Livre-Troca*. Diálogos entre ciência e arte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995;
- *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003;
- *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997;
- *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003;
- *Contrafogos*: táticas para resistir à invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998;
- *Escritos de educação* (Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998;
- *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999;
- *O campo econômico*. A dimensão simbólica da dominação. Campinas, SP: Papyrus, 2000;
- *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001;
- *Contrafogos 2*: por um movimento social europeu. Rio de Janeiro: Zahar, 2001;

- *A Produção da crença*: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2001;
- *Os usos sociais da ciência*. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: ED. Unesp, 2004;
- *Lições da aula*: aula inaugural proferida no Collège de France em 23 de abril de 1982. São Paulo: Ática, 2001;
- *O amor pela arte*: museus de arte na Europa e seu público. Porto Alegre: Zouk, 2003;
- *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003;
- *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983;
- *Os usos sociais da ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004;
- *Ofício de sociólogo*: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. (em colaboração com Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron.)
- *Esboço de uma autoanálise*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005;
- *A distinção*: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, Zouk, 2007;
- *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009;
- *As regras da arte*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2002;

Os três artigos relacionados a seguir podem oferecer uma boa ideia acerca do pensamento de Pierre Bourdieu: 

- WACQUANT, Loïq J. D. *O legado sociológico de Pierre Bourdieu*: duas dimensões e uma nota pessoal.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782002000200007&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782002000200007&lang=pt)>
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu*: uma leitura contemporânea.  
**Link:** <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20\\_06\\_MARIA\\_DA\\_GRACA\\_JACINTHO\\_SETTON.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_06_MARIA_DA_GRACA_JACINTHO_SETTON.pdf)>
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu*: limites e contribuições.  
**Link:** <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v23n78/a03v2378.pdf>>

| Anthony Giddens (1938-)

Anthony Giddens nasceu em Londres, em 1938. É o mais conhecido sociólogo britânico da atualidade, por sua Teoria da estruturação, e também porque tornou-se figura de proa do novo trabalhismo britânico e teórico da Terceira Via quando assessorou o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair. Foi

professor de Sociologia em Cambridge e Diretor da prestigiosa *London School of Economics and Political Science* (LSE), entre 1997 e 2003.

As suas ideias influenciaram enormemente a teoria social e o ensino da Sociologia em todo o mundo, e sua obra abarca diversas temáticas: história do pensamento social, estrutura de classes, elites e poder, nações, nacionalismos e globalização, identidade pessoal e social, família, relações e sexualidade.

Seu interesse amplo passa pela discussão das perspectivas sociológicas clássicas e pela reformulação da teoria social contemporânea, reexaminando a compreensão do desenvolvimento e da modernidade. Na busca em entender a sociedade contemporânea, Giddens desenvolveu a teoria da estruturação.

Politicamente defendeu uma revisão da social democracia europeia, e foi um dos formuladores da Teoria da terceira via.

Livros publicados no Brasil: ⬇

- *Novas regras do método sociológico*. Uma crítica positiva das sociologias compreensivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978;
- *Modernidade reflexiva*: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Unesp, 1997 (com Ulrich Beck e Scott Lash);
- *Política, sociologia e teoria social*: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998;
- *A terceira via*: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. São Paulo: Record, 2001;
- *A terceira via e seus críticos*. Rio de Janeiro: Record, 2001;
- *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999 (Organização com Jonathan Turner)
- *A constituição da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003;
- *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991;
- *Em defesa da sociologia*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001;
- *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002;
- *A transformação da intimidade*. Amor & erotismo nas sociedades modernas. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1993;
- *Sociologia*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005;
- *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996;
- *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record, 2001;
- *No limite da racionalidade*. Rio de Janeiro: Record, 2004;
- *Estado-Nação e a violência*. São Paulo: EDUSP, 2001.

Os artigos abaixo podem ajudá-lo a entender um pouco mais as ideias de Giddens: ⬇

- ASENSI, Felipe Dutra. *Teoria da estruturação e ação coletiva*: uma exegese sobre a obra de Anthony Giddens.

**Link:** <<http://br.monografias.com/trabalhos915/teoria-acao-coletiva/teoria-acao-coletiva.shtml>>.

- SILVA, Antonio Ozaí da. *Anotações sobre a modernidade na obra de Anthony Giddens*.

**Link:** <<http://www.espacoacademico.com.br/047/47pol.htm>>.

### | Zygmunt Baumann (1925-)

Nasceu em Poznan, na Polônia, em 1925. Estudou Sociologia na Universidade de Varsóvia, onde se torna professor entre 1954 e 1968, quando é demitido, por duas razões: primeiro por ser de origem judaica (no contexto de uma depuração antissemita) e, segundo, por ser contra o governo pró-soviético implantado na Polônia. Assim, logo migrou para Israel para lecionar na Universidade de Tel-Aviv. Continuou sua andança por vários países, lecionando no Canadá e na Austrália até se fixar na Universidade de Leeds, na Inglaterra, em 1971, como professor de Sociologia. Ficou nessa instituição por 20 anos, e hoje é professor emérito tanto da Universidade de Leeds quanto da de Varsóvia. Sua preocupação é estudar e entender a sociedade contemporânea em seus múltiplos aspectos, em especial as novas formas de sociabilidade.

Seus principais livros publicados no Brasil: ⬇

- *Por uma sociologia crítica*: um ensaio sobre senso comum e emancipação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976;
- *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989;
- *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991;
- *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1993;
- *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997;
- *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998;
- *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998;
- *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000;
- *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000;
- *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001;
- *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003;
- *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004;

- *Europa: uma aventura inacabada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004;
- *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005;
- *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005;
- *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006;
- *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008;
- *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008;
- *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009;
- *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009;
- *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Com Tim May)

Para conhecer melhor o pensamento de Zigmunt Bauman, sugerimos a leitura das entrevistas abaixo relacionadas (nada mais proveitoso que o próprio autor falando de si e de sua obra): ↓

- *Entrevista com Zigmunt Bauman* concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, publicada na revista *Tempo social*. v. 16, nº 1. São Paulo, jun. 2004.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100015&script=sci_arttext)>.

Três pequenas entrevistas com Zigmunt Bauman. Disponíveis em: ↓

**Link:** <<http://macroscopio.blogspot.com/2007/07/uma-entrevista-interessante-zygmunt.html>>.

**Link:** <[http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=24025](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=24025)>.

**Link:** <[http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18507](http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18507)>.

### **Norbert Elias** (1897-1990)

Nascido na Alemanha, fugiu do nazismo em 1933 e se fixou na Inglaterra, onde foi professor na Universidade de Leicester de 1945 a 1962. Posteriormente foi professor visitante em universidades na Alemanha, Holanda e Gana. Desenvolveu uma teoria sociológica em que acentua os aspectos da formação histórica dos fenômenos sociais e, por isso, é conhecido pela elaboração de uma sociologia processual. Ficou também conhecido por trabalhar com uma sociologia histórica, mas suas preocupações não ficaram limitadas a esses campos, pois ao procurar explicar o processo civilizatório enredou-se por questões como a análise das emoções, do esporte (trabalhando a questão da substituição da violência pela disputa es-

portiva). Trata-se de um sociólogo de múltiplas preocupações teóricas que buscam romper com a clássica dicotomia entre objetividade e subjetividade na Sociologia, principalmente na discussão sobre a relação indivíduo e sociedade.

Entre seus principais livros publicados no Brasil podemos citar: ↓

- *O Processo Civilizador*. Uma história dos costumes. V. 1-2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994;
- *Processo civilizador*. Formação do estado e civilização. V. 1-2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994;
- *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994;
- *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995;
- *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997;
- *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998;
- *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (com John Scotson)
- *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001;
- *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001;
- *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001;
- *Escritos & Ensaios*. Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Zahar, 2006;
- *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1970;
- *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. (Com Eric Dunning);
- *Envolvimento e distanciamento*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

Os artigos abaixo podem auxiliar no esclarecimento das ideias de Norbert Elias: ↓

- LANDINI, Tatiana Savoia. *A sociologia processual de Norbert Elias*.  
**Link:** <[http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd\\_Simposio/artigos/mesa\\_debates/art27.pdf](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/mesa_debates/art27.pdf)>.
- ALVES, Elder Patrick Maia. *Norbert Elias: o esboço de uma sociologia das emoções*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000100011&script=sci_arttext)>.
- GONSALVES, Elisa Pereira. *O conceito e a configuração social em Norbert Elias – Espaço Social de ambivalência?*.  
**Link:** <<http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais7/Trabalhos%5CxO%20Conceito%20de%20Configura%C3%A7%C3%A3o%20Social%20em%20Norbert%20Elias.pdf>>.

Talvez o único livro que trata de Sugestão de livro sobre Norbert Elias: ⬇

- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. *Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

| Erving Goffman (1922-1982)

Erving Goffman nasceu em Manville, Alberta, no Canadá, em 11 de junho de 1922, e faleceu em Filadélfia, no Estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos da América, no dia 19 de novembro de 1982. Obteve o grau de bacharel pela Universidade de Toronto em 1945, tendo realizado seu mestrado (1949) e doutorado (1953) na Universidade de Chicago, onde estudou Sociologia e Antropologia Social. Em 1958 passou a integrar o corpo docente da Universidade da Califórnia, onde foi promovido a Professor Titular em 1962. Ingressou na Universidade da Pensilvânia em 1968, onde lecionou Antropologia e Sociologia. Foi presidente da Sociedade Americana de Sociologia entre 1981 e 1982.

Goffman fez pesquisas na linha da sociologia interpretativa e cultural, iniciada por Max Weber. O traço que mais e melhor identifica a sua obra e seu pensamento está na compreensão de que o mundo é um teatro e que cada um de nós, individualmente ou em grupo, teatraliza ou é ator consoante as circunstâncias em que nos encontramos marcados por rituais e posições distintivas relativamente a outros indivíduos ou grupos. Goffman aplicou ao estudo da civilização moderna os mesmos métodos de observação da antropologia cultural. Para ele, as ritualizações permitem distinguir indivíduos, grupos e classes, o que é tomado, por exemplo, a partir de detalhes que estão nas formas de nos vestirmos ou de nos apresentarmos publicamente.

Goffman considerou a interação como um processo fundamental de identificação e de diferenciação dos indivíduos e grupos que não existem isoladamente e procuram posição de diferença pela afirmação, na medida em que, justamente, são “valorizados” pelos outros. Analisou a interação social no cotidiano, especialmente em lugares públicos e os estigmas que marcam negativamente nossos aspectos corporais, raciais, ou mesmo nossas paixões tirânicas.

Para Goffman, o desempenho dos papéis sociais tem a ver com o modo como cada indivíduo concebe a sua imagem e a pretende manter. Estudou com especial atenção o que chama de “instituições totais”, lugares onde o indivíduo está isolado da sociedade, tendo todas as suas atividades concentradas e normalizadas como ocorrem nas prisões e manicômios.

Pierre Bourdieu, no obituário de E. Goffman, publicado num jornal francês em dezembro de 1982, escreve:

Goffman terá sido aquele que fez com que a sociologia descobrisse o infinitamente pequeno: aquilo mesmo que os teóricos sem objeto e os observadores sem conceitos não sabiam perceber e que permanecia ignorado, porque muito evidente, como tudo que é óbvio. [...] Através dos indícios mais sutis e mais fugazes das interações sociais, ele capta a lógica do *trabalho de representação*; quer dizer, o conjunto das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua *identidade*, moldar sua imagem social, em suma, *se produzir*: os sujeitos sociais são também atores que se exibem e que, em um esforço mais ou menos constante de encenação, visam a se distinguir, a dar a “melhor impressão”, a se mostrar e a se valorizar.

Édison Gastaldo oferece-nos uma significativa ideia do autor no livro que organizou sobre E. Goffman. Eis um excerto de sua apresentação:

O trabalho de Goffman trouxe à luz aspectos da vida cotidiana que não se julgavam “sociologicamente relevantes”. Seus insights sobre as interações ordinárias, sobre o deslocamento dos pedestres, sobre a ocupação social dos espaços públicos, sobre a atuação dos vigaristas, mendigos, loucos, espíões, jogadores e de todos aqueles que passam cotidianamente debaixo de nossos narizes sem que prestemos atenção modificaram o pensar sociológico no mundo. Sua descrição etnográfica de um hospital para doentes mentais colaborou decisivamente para deflagrar a luta antimanicomial no mundo inteiro. Vinte e dois anos depois de sua morte, os temas e os conceitos desenvolvidos por Goffman ainda estão em pleno uso e vitalidade.

(GASTALDO, Édison (Org.) Erving Goffman. Desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Ed, 2004. p. 9)

Goffman pode ser considerado como um G. Simmel, dos Estados Unidos da América e as suas três obras mais importantes se tornaram verdadeiros best-sellers. No Brasil foram publicadas com os seguintes títulos: ⬇

- *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974;
- *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975;
- *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

Os dois artigos abaixo permitem um melhor entendimento do pensamento de Goffman: ⬇

- GASTALDO, Édison. *Goffman e as relações de poder na vida cotidiana*.

Link: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000300013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000300013&script=sci_arttext)>.

- FREHSE, Fraya. *Erving Goffman, sociólogo do espaço*.

**Link:** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000300014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000300014&script=sci_arttext)>.

### István Mészáros (1930-)

Filósofo e sociólogo húngaro, Mészáros nasceu em Budapeste, na Hungria. Talvez seja o pensador marxista mais importante neste momento. Graduiu-se em Filosofia, tendo sido aluno de Georg Lukacs. Em 1956 exilou-se na Itália, em razão de o seu país ter sofrido a invasão soviética, e desde então foi professor em muitas universidades.

Depois de deixar a Hungria, trabalhou na Universidade de Turim, na Itália, e, a partir de 1959, na Grã-Bretanha, ministrando aulas no Bedford College, da Universidade de Londres, de 1959 a 1961. Depois foi para a Escócia trabalhar na Universidade de Saint Andrews, entre 1961 e 1966, e de 1966 a 1971 na Universidade de Sussex, em Brighton, na Inglaterra. Em 1971 lecionou na Universidade Nacional Autônoma do México (Unam) e, em 1972, foi nomeado professor de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de York, em Toronto, no Canadá. Em janeiro de 1977 retornou à Universidade de Sussex, recebendo, em 1991, o título de Professor Emérito de Filosofia. Permaneceu nessa universidade até 1995, quando se afastou das atividades docentes. Atualmente vive em Rochester, perto de Londres.

Mészáros recebeu grande influência de George Lukacs e também de Agnes Heller (1929-), tendo produzido uma extensa obra que tem como ênfase a discussão de temas do marxismo contemporâneo. No Brasil foram publicadas as seguintes obras: ↓

- *Teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006;
- *A necessidade do controle social*. São Paulo: Ensaio, 1996;
- *Filosofia, ideologia e ciência social*. São Paulo: Ensaio, 1996.
- *Produção destrutiva e Estado capitalista*. São Paulo: Ensaio, 1996;
- *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2003;
- *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004;
- *O século XXI – Socialismo ou barbárie?*. São Paulo: Boitempo, 2004;
- *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005;
- *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007;
- *Estrutura social e formas de consciência*. A determinação social do método. São Paulo: Boitempo, 2009.

Duas entrevistas e a crítica de Hector Benoit oferecem uma ideia mais clara das ideias desse pensador: ↓

- Entrevista com István Mészáros

**Link:** <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=15619](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15619)>.

- Entrevista com István Mészáros – Tempos de Lukács e nossos tempos: socialismo e liberdade.

**Link:** <<http://boletimef.org/biblioteca/2718>>.

- BENOIT, Hector. Uma teoria de transição a quem de qualquer além?

**Link:** <<http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/comentariohector.pdf>>.

Além dos pensadores aqui considerados, outros, cujas obras foram traduzidas para o português, e que, com maior ou menor influência, dependendo das temáticas, são estudados e referenciados pela Sociologia produzida no Brasil poderiam ainda estar aqui elencados. Entre eles podemos relacionar: ↓

- Agnes Heller (1929-);
- Axel Honneth (1949-);
- Alain Touraine (1925-);
- Boaventura de Sousa Santos (1940);
- David Harvey (1935-);
- Edgard Morin (1920-);
- Franco Ferrarotti (1926-);
- François Dubet (1946-);
- Gilles Lipovetsky (1944-);
- Howard S. Becker (1928-);
- Immanuel Wallerstein (1930-);
- Jean Baudrillard (1929-2007);
- Jeffrey C. Alexander (1947-);
- Manuel Castells (1942-);
- Marshall Bermann (1940-);
- Michael Lowy (1938-);
- Michel Maffesoli (1944-);
- Néstor García-Canciani (1939-);
- Niklas Luhmann (1927-1998);
- Peter L. Berger (1929-);
- Pierre Lévy (1956-);
- Ralph Dahrendorf (1929-);
- Raymond Boudon (1934-);
- Richard Sennett (1943-);
- Serge Moscovici (1928-) e
- Thomas Luckmann (1927-).

## CONHECENDO MAIS SOBRE

### A Sociologia contemporânea

Além dos textos e livros dos autores aqui indicados, os textos abaixo relacionados podem e devem ser consultados, conforme o interesse de cada um(a): ↓

- FEATHERSTONE, Mike. *Para uma sociologia da cultura pós-moderna*.

**Link:** <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_25/rbcs25\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_01.htm)>.

- WAUTIER, Anne Marie. *Para uma sociologia da experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222003000100007&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100007&lang=pt)>.

- AZBEK, André Constatino. *A disputa do positivismo na sociologia alemã: o confronto entre Karl Popper e Theodor Adorno durante o Congresso da Sociedade Alemã de Sociologia de 1961*. Este texto apresenta os pontos essenciais da discussão travada entre esses dois intelectuais por ocasião do congresso acima citado.

**Link:** <<http://www.urutagua.uem.br/010/10yazbek.htm>>.

- VILA NOVA, Sebastião. *Quantas sociologias? Notas para uma reflexão sobre as tendências do pensamento sociológico na atualidade*.

**Link:** <[www.unicap.br/Arte/ler.php?art\\_cod=1484](http://www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=1484)>.

Este texto é um bom exemplo da dificuldade de se utilizar as possíveis classificações e taxonomias sobre as diversas vertentes sociológicas. Os livros constantes na bibliografia geral (Randall Collins – *Quatro tradições sociológicas*, e Donald E. Levine – *Visões da tradição sociológica*) e indicados neste texto podem dar uma ideia bem clara desta dificuldade e das possibilidades de se classificar pensadores e vertentes.

- SALLUM JR., Brasília. O futuro das ciências sociais. A sociologia em questão. *In: Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 48, 2005, p. 19-26.

**Link:** <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n48/n48a03.pdf>>.

- LOPES, Felipe Tavares Paes. *Bourdieu e Goffman: um ensaio sobre os pontos comuns e as fissuras que unem e separam ambos os autores a partir da perspectiva do primeiro*.

**Link:** <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a09.pdf>>.

- COHN, Gabriel. *As diferenças finas: de Simmel a Luhmann*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300003)>.

- LOWY, Michael. A Escola de Frankfurt e a modernidade – Benjamin e Habermas. *Novos Estudos Cebrap*, n. 32, mar. 1992, p. 111-118.

**Link:** <<http://letrasuspdownload.blogspot.com/2009/10/texto-escola-de-frankfurt-e-modernidade.html>>.

- CUGINI, Paolo. *Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na teoria de Zygmunt Bauman*.

**Link:** <[http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo\\_10.pdf](http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_10.pdf)>.

- VANDENBERGUE, Frédéric. *Construção e crítica na nova sociologia francesa*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922006000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000200003&lng=pt&nrm=iso)>.

## COMO VIMOS NESTA AULA...

A sociologia contemporânea possui uma diversidade de abordagens. As temáticas são amplas e a articulação entre as várias vertentes teóricas é uma constante na maioria dos autores. Por essa razão, é tarefa inglória querer enquadrar os autores em alguma classificação – taxonomia – seja ela qual for. Acreditamos que a melhor alternativa é buscar conhecer os vários pensadores e formar, gradativamente, um universo de juízo, de julgamento sobre as contribuições que suas obras podem oferecer para compreendermos a vida em sociedade na contemporaneidade.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

- 1 Escolha um dos autores (J. Habermas, P. Bourdieu, Z. Bauman, E. Goffman ou N. Elias) acima indicados e, após ler os artigos ou entrevistas que elucidam o que pensam, procure dissertar como as ideias deles poderiam ser utilizadas em suas aulas de Sociologia no Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

---

**DAS OBRAS CITADAS NA BIBLIOGRAFIA GERAL, INDICAMOS AS SEGUINTESS LEITURAS, ENTRE OUTRAS, PARA MELHOR COMPREENDER A SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA:**

CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. *História da sociologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1995. [Ler as partes B II – *O tempo das ambições* (1945-1968) e B –III – *Uma explosão de paradigmas* (1968-1990)].

DOMINGUES, José Maurício. *Teorias sociológicas no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. [Este livro traz pequenas análises de várias vertentes do pensamento sociológico contemporâneo].

GIDDENS, A.; TURNER J. (Orgs.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000. [A maioria dos artigos deste livro trata de vertentes da Sociologia norte-americana. Além disso, há dois textos importantes: um que é fundamental para entendermos a razão de estudarmos os clássicos: *A centralidade dos clássicos*, de Jeffrey C. Alexander, e outro sobre Teoria crítica, escrito por Axel Honneth].

### LIVROS SOBRE PIERRE BOURDIEU:

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

WACQUANT, Loic. *O mistério do ministério*. Pierre Bourdieu e a política democrática. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

### LIVROS SOBRE NORBERT ELIAS:

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. *Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard. *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HEINICH, Nathalie. *A sociologia de Norbert Elias*. São Paulo: EDUSC, 2001.

WAIZBORT, Leopoldo (Org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1999.

### LIVROS SOBRE E. GOFFMAN:

GASTALDO, Édison (Org.). *Erving Goffman*. Desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Ed, 2004.

# A Sociologia no Brasil

Nelson Dacio Tomazi

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

A Sociologia no Brasil desenvolveu-se, desde seus primórdios, influenciada por diversos pensadores aqui relacionados e analisados, sendo que, dependendo de cada período, alguns estiveram mais presentes que outros. Com o tempo nossos pensadores foram realizando análises que poderíamos dizer que passaram a ter um caráter propriamente nacional.

Nos limites desta aula vamos considerar o desenvolvimento da Sociologia no Brasil a partir da década de 1920.

## PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Analisar e distinguir os pressupostos históricos e intelectuais presentes no desenvolvimento da Sociologia no Brasil em seus diferentes momentos.
- ▶ Reconhecer os diversos pensadores e suas divergências.

## CONHECENDO SOBRE

### A Sociologia no Brasil

Como na França de Émile Durkheim, os primeiros passos da Sociologia no Brasil, em termos institucionais, foram dados visando à presença da disciplina no Ensino Médio. A primeira tentativa começou com a reforma educacional de 1891, de Benjamin Constant, que teve lugar após a proclamação da República e que defendia o ensino laico em todos os níveis, e cujo objetivo era a formação intelectual dos jovens fora do contexto religioso até então predominante. Sem nunca ter sido incluída nos currículos escolares, a Sociologia foi eliminada pela Reforma Eptácio Pessoa, em 1901, e somente em

1925 é que a disciplina retornou ao Ensino Médio através da Reforma de Rocha Vaz, com os mesmos objetivos da Reforma de Benjamin Constant. Em decorrência desta, o Colégio Pedro II, em 1925, implantou o ensino regular da Sociologia em seu currículo. Em 1928 ela foi introduzida nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

Em 1931, outra reforma, agora a de Francisco Campos, já no contexto do governo de Getúlio Vargas, introduziu a Sociologia nos cursos preparatórios e cursos superiores nas faculdades de Direito, Ciências Médicas e Engenharia e Arquitetura, além de mantê-la nos Cursos Normais (que eram os cursos de formação de professores).

Desde 1925, podem-se destacar alguns intelectuais que deram sua contribuição, lecionando e escrevendo livros (manuais) de Sociologia: Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Carneiro Leão e Delgado de Carvalho. Eram manuais que tinham por objetivo preparar intelectualmente os jovens das elites dirigentes, aprimorando o conhecimento dos que chegavam às escolas médias. Estes autores, em sua maioria, tinham uma forte influência da Sociologia que se fazia na Europa e nos Estados Unidos da América.

Esse processo envolvendo a presença da Sociologia no Ensino Médio cessou quando a disciplina foi retirada dos currículos oficiais no início da década de 1940, decorrente da Reforma Capanema, no contexto do Estado Novo. Depois, sua presença passou a ser episódica e intermitente, e a partir da década de 1980 apareceu em vários estados brasileiros, sendo que nacionalmente e mais consistente isso só veio a ocorrer mais recentemente, no início do século XXI.

Ao largo desse movimento no Ensino Médio, no ensino superior foram criados os cursos de Ciências Sociais. Em 1933 surgiu a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em São Paulo, com o objetivo de formar técnicos, assessores e consultores capazes de produzir conhecimento científico sobre a realidade brasileira. Havia a necessidade de aliar o conhecimento sociológico à tomada de decisões no interior do aparato estatal/governamental federal, estadual e municipal. Posteriormente, em 1939, com a presença de Donald Pierson, sociólogo norte-americano, é que se deu ênfase à pesquisa empírica.

A seguir, com a criação da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro

ro, respectivamente em 1934 e 1935, através das Faculdades de Filosofia, a preocupação maior recaiu sobre a necessidade de se formar professores para o Ensino Médio, principalmente para as escolas normais que preparavam os professores (quase sempre professoras) para o ensino fundamental. Definia-se, assim, o espaço profissional dos sociólogos: trabalhar nas estruturas governamentais ou tornarem-se professores.

Pode-se afirmar que foi entre 1930 e 1940 que foram colocados os primeiros alicerces do ensino da Sociologia no Brasil, que buscava, por um lado, definir mais claramente as fronteiras com outras áreas do conhecimento afins, como a literatura, a história e a geografia, e, por outro, institucionaliza-se com a criação de escolas e universidades, nas quais a disciplina passava a ter espaço visando à formação de sociólogos.

As obras de Gilberto Freyre, Fernando Azevedo, entre outros, já denotavam uma produção histórico-sociológica significativa sobre a realidade brasileira, mas foi com a presença de muitos professores estrangeiros que houve um grande arranque para o desenvolvimento inicial da Sociologia no Brasil. Dentre eles podemos citar: Donald Pierson (1900-1995), Radcliff Brown (1881-1955), Claude Levi-Strauss (1908-2009), Georges Gurvitch (1894-1965), Roger Bastide (1898-1974), Charles Morazé (1913-2003), Jacques Lambert (1891 – ?) e Paul Arbousse Bastide, que estiveram tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro promovendo a formação de muitos sociólogos no Brasil.

Com a presença dos professores estrangeiros, a produção sociológica aumenta e a Sociologia no Brasil se firma, surgindo uma nova geração que será a responsável por uma definição mais clara dos rumos dessa ciência em nosso país.

### As primeiras décadas

A Sociologia já existia em estado embrionário em vários estados brasileiros, mas se desenvolveu de modo mais consistente no Rio de Janeiro e em São Paulo, em virtude destes dois estados estarem vivenciando um processo de industrialização e urbanização crescentes desde o final da década de 1910 e de neles terem sido criadas as primeiras escolas específicas de Ciências Sociais. Nos outros estados encontramos pensadores e estudiosos da Sociologia, mas que não tinham formado um grupo de estudos e de referência que pudesse sustentar os seus estudos e pesquisas.

Ademais, não foi fortuito que as transformações da estrutura econômica, social e política ocorressem com grande intensidade nos dois estados e cidades mais importantes do país e que isso repercutisse nas esferas culturais e educacionais, principalmente por uma atitude crítica das novas classes dominantes e dos movimentos de renovação das artes, da educação e da política, propiciando um crescente interesse pelos estudos científicos da realidade social de então.

Em decorrência disso começam a ser publicados importantes trabalhos que irão contribuir para o futuro desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. Uma das preocupações dos pensadores de então era a busca do entendimento do Brasil a partir de seus componentes histórico-estruturais, ainda tendo por base as muitas vertentes europeias e norte-americanas das ciências humanas.

São pensadores que buscam desenvolver uma análise da história do Brasil, por diferentes enfoques, a partir de nossas origens. Para todos eles, de uma forma ou de outra, há uma ligação entre o passado colonial e a configuração social em que vivemos, e o passado colonial deveria ser eliminado para que o Brasil saísse do seu atraso. Uma perspectiva que, de fato, fazia as preocupações girarem em torno do futuro do Brasil e das possibilidades de mudança social. Dentre muitos, podemos destacar:

- **Francisco José de Oliveira Viana** (1883-1951).  
Principais obras: *Populações meridionais do Brasil* (1920); *Evolução do povo brasileiro* (1923); *O Ocaso do Império* (1925); *Raça e assimilação* (1932); *Os grandes problemas sociais* (1942) e *Instituições políticas brasileiras – 2 v.* (1949);
- **Nestor Duarte** Guimarães (1902-1970).  
Principal obra: *A ordem privada e a organização nacional* (1939);
- **Caio da Silva Prado Júnior** (1907-1990).  
Principais obras: *Evolução política do Brasil* (1933); *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) e *História econômica do Brasil* (1945). Posteriormente, *A revolução brasileira* (1966) e *A questão agrária no Brasil* (1979);
- **Sérgio Buarque de Hollanda** (1902-1982).  
Inicialmente, *Raízes do Brasil* (1936); *Monções* (1945); *Expansão paulista em fins do século XVI e princípio do século XVII* (1948). Posteriormente, *Caminhos e fronteiras* (1957); *Visão do paraíso – Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (1959) e *O extremo oeste* (obra póstuma-1986). Além disso, organizou a coleção – História Geral da Civilização Brasileira.

#### O filme *Raízes do Brasil*

Em 2004 foi realizado o lançamento no Brasil de um documentário dirigido por Nelson Pereira dos Santos a respeito da vida e da obra do escritor e jornalista Sérgio Buarque de Hollanda, como uma homenagem ao centenário de seu nas-

cimento. Uma obra que inclui imagens do arquivo pessoal do escritor e cenas históricas (do século XX).

Entre aqueles que poderiam ser chamados de sociólogos ou cientistas sociais, nessa fase inicial, podem ser destacados Fernando Azevedo e Gilberto Freyre. Importante deixar claro que tanto um quanto o outro iniciam seus trabalhos nas décadas de 1920 e de 1930 (respectivamente) e seguem atuando e produzindo nas décadas seguintes.

### **Fernando de Azevedo** (1894-1974)

Nasceu em São Gonçalo de Sapucaí-MG, e ainda na juventude deslocou-se para o Rio de Janeiro, onde não se estabeleceu, e depois para São Paulo, onde bacharelou-se em Direito. Tornou-se professor de latim e de literatura na Escola Normal de São Paulo, e de sociologia educacional no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo. Foi catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, da qual veio ser seu professor emérito.

Participou de vários cargos públicos: Diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1926-30); Diretor-geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1933); Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1941-42); Membro do Conselho Universitário por mais de doze anos, desde a fundação da USP; Secretário de Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1947); Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, que ele instalou e organizou (1956-61); Secretário de Educação e Cultura no governo do prefeito Prestes Maia (1961); e ainda redator e crítico literário do jornal O Estado de São Paulo (1923-26).

Decorrente dessas atividades no Distrito Federal (1926-30), Fernando de Azevedo projetou, defendeu e realizou uma reforma de ensino das mais radicais que já foi empreendida no país. Em 1933, quando foi Diretor-geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, promoveu reformas consubstanciadas no Código de Educação. Fundou em 1931, e dirigiu por mais de 15 anos, na Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), da qual fazia parte a Série de publicação intitulada *Iniciação Científica* e a coleção *Brasiliana*. Tornou-se o redator e o primeiro signatário do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (A reconstrução educacional no Brasil) em 1932, quando foram lançadas as bases e diretrizes de uma nova política de educação no Brasil.

Além disso, foi presidente da Associação Brasileira de Educação, em 1938, e eleito presidente da VIII Conferência Mundial de Educação, realizada no Rio de Janeiro. Foi eleito, no Congresso Mundial de Zurique (1950), vice-presidente da *International Sociological Association* (1950-53), e assumiu com os outros dois vice-presidentes, Morris Ginsberg, da Inglaterra, e

Georges Davy, da França, a direção dessa associação internacional em razão da morte de seu presidente, Louis Wirth, da Universidade de Chicago. Foi membro correspondente da Comissão Internacional para uma História do Desenvolvimento Científico e Cultural da Humanidade (publicação da Unesco) e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Sociologia, da qual foi presidente.

Por todas estas atividades, e por sua extensa obra, foi eleito para a Academia Paulista de Letras e depois para a Academia Brasileira de Letras. Humanista, por excelência, uniu seus anseios liberais e moderadamente socialistas. Em sua principal obra, *A cultura brasileira*, retomou a tese de uma unidade nacional baseada em diferenças regionais, culturais e éticas.

Da sua vasta obra selecionamos alguns títulos: ⬇

- *Da educação física. Estudo de cultura atlética e a evolução do esporte no Brasil* (1920);
- *A reconstrução educacional no Brasil* (1932);
- *A educação na encruzilhada. Problemas e discussões* (1926)
- *Novos caminhos e novos fins. A nova política da educação no Brasil* (1935);
- *A educação e seus problemas – 2 v.* (1937);
- *Princípios de sociologia* (8. ed. – 1958);
- *Sociologia educacional* (5. ed. – 1958);
- *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil. Ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar* (1948);
- *A cultura brasileira – 3 v.* (1943);
- *Na batalha do humanismo. Aspiraões, problemas e perspectivas* (2. ed. – 1958);
- *A educação entre dois mundos. Problemas, perspectivas e orientações* (1958);
- *A cidade e o campo na civilização industrial e outros ensaios* (1962).

Os textos relacionados a seguir permitem uma análise introdutória do pensamento de Fernando de Azevedo: ⬇

- LIMA, Helena Ibiapina. *Fernando de Azevedo e o projeto liberal de educação*.  
**Link:** <<http://www.fe.unb.br/revistadepedagogia/numeros/05/artigos/Revista%20de%20Pedagogia%20-%20numero%2005%20artigo%2005.pdf>>.
- NASCIMENTO, Alessandra Santos. *Fernando de Azevedo: institucionalização da Sociologia e modernização brasileira*.  
**Link:** <<http://labpolitica.files.wordpress.com/2009/12/nascimento-a-s-fernando-de-azevedo-institucionalizacao-da-sociologia-e-modernizacao-brasileira.pdf>>.

- REZENDE, *Maria José de. Educação e mudança social em Fernando de Azevedo.*

**Link:** <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2199/1378>>.

- ARAÚJO, José Carlos Souza. *Direitos humanos, educação e o escolanovismo de Fernando de Azevedo (1894-1974).*

**Link:** <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_050.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_050.html)>.

### Gilberto de Mello Freyre (1900-1987)

Gilberto Freyre nasceu na cidade do Recife, em 1900, onde veio a falecer em 1987. Filho de Alfredo Freyre, juiz e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife, concluiu em 1917 o curso de Bacharel em Ciências e Letras, e em Waco, no Texas, em 1920, obteve o grau de Bacharel em Artes. Na Universidade Columbia (Nova York), onde esteve por influência de Franz Boas, concluiu seu mestrado em ciências sociais em 1922, com a dissertação *Social life in Brazil in the middle of 19th century* (A vida social no Brasil em meados do século XIX).

Retornou ao Recife em 1924, partindo depois para o exílio, após a Revolução de 1930. Depois de lecionar nos Estados Unidos, na Universidade de Stanford, em 1931, viajou para a Europa, e voltando ao Rio de Janeiro em 1932 para escrever “Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal”, publicado em 1933. Nesta obra, Freyre imprimiu sua poderosa e original visão sobre os fundamentos da sociedade brasileira, descrevendo com objetividade a contribuição do negro e o fenômeno da miscigenação na formação social do Brasil.

Deputado federal constituinte pela UDN (União Democrática Nacional) em 1946, sua vida política foi marcada pela ação contra o racismo. Em 1942 foi preso no Recife por ter denunciado nazistas e racistas no Brasil. Ele e seu pai, o educador e juiz de Direito, Alfredo Freyre, reagiram à prisão e foram soltos, no dia seguinte, por interferência do general Góes Monteiro. Em 1954 apresentou propostas para eliminar as tensões raciais na Assembleia Geral das Nações Unidas e, em 1964, apoiou o golpe militar que derrubou Jango Goulart.

Freyre recebeu diversas homenagens. Entre elas, em 1962, o título de doutor *honoris causa* pelas Universidades de Paris (Sorbonne), Columbia (Estados Unidos da América), Coimbra (Portugal), Sussex (Inglaterra) e Münster (Alemanha). A Rainha Elizabeth, em 1971, lhe conferiu o título de *Sir* (Cavaleiro do Império Britânico).

Sua obra representa um divisor de águas na evolução cultural do Brasil, contribuindo de forma significativa para que



Um cartão postal italiano forneceu o modelo para a construção da casa grande da Fazenda Santa Maria, em São Carlos (SP). Construída entre 1886 e 1888, essa casa custou 80 contos de réis. A riqueza da terra levou ao campo requintes antes reservados à Corte: pára-raios, campainha elétrica, banheiros internos e água corrente nos dormitórios. (foto de 1905).

o país passasse a encarar com mais confiança seu papel no mundo moderno. É vasta, e dela selecionamos alguns títulos para que você possa formar uma ideia de sua produção: 📍

- *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal (1933);
- *Sobrados e mocambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano (1936);
- *Nordeste*: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil (1937);
- *Sociologia*: introdução ao estudo dos seus princípios (1945) (2 v.);
- *Interpretação do Brasil*: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas (1947);
- *Inglêses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil (1948);
- *Um brasileiro em terras portuguesas*: introdução a uma possível luso-tropicologia acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico (1953);
- *Ordem e progresso*: aborda o processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república (1959) (2 v.);
- *A propósito de frades*: sugestões em torno da influência de religiosos de São Francisco e de outras ordens sobre o desenvolvimento de

- modernas civilizações cristãs, especialmente das hispânicas nos trópicos (1959);
- *Arte, ciência e trópico*: trabalho em torno de alguns problemas de sociologia da arte (1962);
  - *Homem, cultura e trópico* (1962);
  - *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*: uma interpretação antropológica, através de anúncios de jornais, de características de personalidade e de deformações dos corpos de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado (1963);
  - *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (1964);
  - *Brasis, Brasil e Brasília*: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade e das relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cultural (1968);
  - *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968);
  - *Novo mundo nos trópicos* (1971);
  - *A condição humana e outros temas* (1972);
  - *Além do apenas moderno*: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular (1973);
  - *O brasileiro entre os outros hispanos*: aborda afinidades e possíveis futuros nas inter-relações entre brasileiros e hispanos (1975);
  - *A presença do açúcar na formação brasileira* (1975);
  - *Alhos e bugalhos*: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce à cachaça; de José Lins do Rego ao cartão postal (1978);
  - *Contribuição para uma sociologia da biografia*: o exemplo de Luís de Albuquerque, governador de Mato Grosso, no fim do século XVII (1978);
  - *Heróis e vilões no romance brasileiro*: obra em torno das projeções de tipos socioantropológicos em personagens de romances nacionais do século XIX e do atual (1979);
  - *Insurgências e ressurgências atuais*: aborda cruzamentos de sins e não num mundo em transição (1983);
  - *Médico, doentes e contextos sociais*: uma abordagem sociológica (1983);
  - *Modos de homem & modas de mulher* (1987).

Para um conhecimento mais detalhado de Gilberto Freyre – vida e obra –, consulte o site oficial deste pensador brasileiro:

**Link:** <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/index.html>>.

Os artigos abaixo apresentam aspectos da obra de Gilberto Freyre: ↻

- MEUCCI, Simone. *Singularidades, revelações e ocultações da Sociologia de Gilberto Freyre*.  
**Link:** <<http://www.midiaamais.com.br/resenhas/975-simone-meucci>>.  
Este artigo trata especificamente da obra *Sociologia*, de G. Freyre.
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *A sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro*.  
**Link:** <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/331/298>>.
- SOUZA, Jessé. *Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira*.  
**Link:** <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol12n1/gilberto%20freyre.pdf>>.

### A Sociologia brasileira caminha pelos próprios pés

A partir do final da Segunda Guerra Mundial até meados da década de 1960, foram criadas no Brasil várias Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, em universidades ou como institutos isolados, onde a Sociologia vai integrar o currículo dos cursos de ciências sociais ou apresentar-se como disciplina independente em outros cursos. O objetivo dos cursos de ciências sociais era formar técnicos e professores capazes de produzir uma “solução racional”, isto é, baseada na razão e na ciência, para as questões nacionais.

Nesse sentido, uma nova geração de cientistas sociais passa a ter presença marcante ao lado daqueles que nas décadas anteriores ainda continuavam trabalhando e discutindo o Brasil. Entre eles pode-se indicar em São Paulo: Florestan Fernandes (1920-1995), Antônio Cândido (1918-), Azis Simão (1912-1990), Maria Izaura Pereira de Queiroz (1918-), Juarez Rubens Brandão Lopes (1925-); e no Rio de Janeiro: Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), Luís Aguiar da Costa Pinto (1920-2002) e Hélio Jaguaribe (1923-). Todos tendo papel determinante, influenciando muitos cientistas sociais em todo o território nacional.

A Sociologia, nesse período, tornou-se disciplina hegemônica no quadro das ciências sociais, formando uma “escola” ou uma “tradição” em São Paulo, que teve em Florestan Fernandes um dos seus principais mentores.

Um dos momentos importantes foi quando a Unesco escolheu o Brasil para desenvolver um projeto sobre a questão racial, o que pode ser conhecido mediante leitura do seguinte artigo: ↓

- MAIO, Marcos Chor. *O projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091999000300009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091999000300009&script=sci_arttext)>.

Assim, a ênfase dos estudos sociológicos nesse período esteve centrada nas relações raciais, na mobilidade social dos diferentes grupos étnicos estrangeiros existentes no Brasil e também no conhecimento do nosso mundo rural. Mas outras questões e temas também tiveram lugar nesse momento: estudos sobre a industrialização no Brasil e suas consequências e a questão do estatuto da Sociologia na sociedade brasileira. Desse período, podemos destacar o trabalho de três sociólogos:

| *Alberto Guerreiro Ramos* (1915-1982)

Alberto Guerreiro Ramos nasceu em Santo Amaro da Purificação, cidade próxima a Salvador, em 13 de setembro de 1915. De família humilde, passou parte da infância em cidades pobres e próximas ao rio São Francisco, como Januária, Pirapora, Petrolina e Juazeiro. Com onze anos de idade, já em Salvador, empregou-se como lavador de frascos em uma farmácia e se tornou caixeiro, posteriormente. Com o apoio da mãe fez o curso secundário no Ginásio da Bahia, e para ajudar no orçamento familiar ministrava aulas particulares enquanto isso. Aos dezessete anos já participava do ambiente cultural da classe média baiana, escrevendo em *O Imparcial* e em revistas literárias. Antes de deixar a Bahia, publicou dois livros: *O drama de ser dois* e *Introdução à cultura*. Tornou-se, por pouco tempo, militante do movimento integralista e, em seguida, do Centro de Cultura Católico. Amigo de Afrânio Coutinho, Guerreiro Ramos trabalhou para Isaías Alves, político e intelectual de grande influência na área da educação, futuro secretário de Educação do Estado da Bahia, criador da Faculdade de Filosofia da Bahia. Em 1939, com uma bolsa de estudos do governo baiano, migrou para o Rio de Janeiro para cursar Ciências Sociais.

Após concluir a graduação em Ciências Sociais em 1942, foi preterido tanto na cadeira de Sociologia quanto na de Ciência Política. Na sua versão dos fatos, Guerreiro Ramos alegou que seu passado integralista no contexto da Segunda Guerra Mundial e de aproximação do Brasil das Forças Aliadas prejudicou a continuação da sua vida acadêmica na universidade. O diretor da Faculdade, San Thiago Dantas, outro ex-integralista, conseguiu um emprego de professor para o sociólogo baiano no Departamento Nacional da Criança.

Distante da carreira universitária, Guerreiro Ramos tornou-se técnico de administração do Departamento de Administração do Serviço Público –DASP– em 1943, numa fase em que se procurava racionalizar a ação do poder estatal. Da universidade para a burocracia estatal: esta foi uma solução que deixou marcas profundas em Guerreiro Ramos.

Afora as demandas administrativas de um órgão do porte do DASP, Guerreiro Ramos canalizou suas energias intelectuais para uma série de artigos de cunho sociológico na *Revista*

*do Serviço Público*. Nela encontram-se estudos sobre Weber, Mannheim, W. I. Thomas e outros sociólogos consagrados à época. Em 1949, a pedido do Conselho de Colonização e Imigração, elaborou, em parceria com Ewaldo Garcia, um trabalho acerca das literaturas sociológica e antropológica existentes no Brasil entre 1940 e 1949. Trata-se da primeira de uma série de pesquisas, ampliadas nos anos 50, sobre a intelectualidade brasileira, seu papel social e político e sua produção.

No começo dos anos 50, com a volta de Getúlio Vargas ao poder, Guerreiro Ramos, como funcionário do DASP, foi convidado a trabalhar na assessoria econômica do gabinete civil da Presidência da República, junto com Rômulo de Almeida, Jesus Soares Pereira e Inácio Rangel. Ao analisar esse período, afirmou que sua participação no governo Vargas foi de suma importância para sua compreensão do Brasil.

Em cursos e trabalhos no DASP, o sociólogo chamou a atenção para a questão racial por meio das obras de Robert Park, W. I. Thomas, Florian Zanieck e Emory Bogardus. Foi nessa fase de identificação com a Escola Sociológica de Chicago que Guerreiro Ramos passou a considerar que o preconceito racial no Brasil estava mais próximo de aspectos de natureza econômica e cultural do que propriamente racial.

Assim, Guerreiro Ramos procurou conciliar um trabalho acadêmico, intelectual, à ação política junto aos núcleos de poder. No início dos anos 1950, Guerreiro Ramos participou do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos (IBESP), também conhecido como Grupo de Itatiaia, dando origem ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A proposta do ISEB era a de se constituir em uma liderança intelectual e ideológica para o país, da qual decorresse uma posição de liderança política efetiva.

Em decorrência disso, Guerreiro Ramos ingressou na política partidária, em 1960, quando se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a cujo diretório nacional pertenceu. Nas eleições de 1962, candidatou-se a deputado federal pelo então Estado da Guanabara, na legenda da Aliança Socialista Trabalhista, formada pelo PTB e pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), obtendo a segunda suplência.

Em 1963 publicou *Mito e verdade da revolução brasileira*, onde transcreveu seu manifesto ao PTB da Guanabara, instando que o partido renunciasse “à ideologia marxista-leninista”. Ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados de agosto daquele ano a abril de 1964, quando teve seus direitos cassados pelo Ato Institucional nº 1. Em seguida, partiu para os Estados Unidos da América, onde se tornou professor em instituições de ensino superior: Universidade da Califórnia do Sul, Yale University e Wesleyan University. Morreu em Los Angeles, em 1982.

Publicou vários livros, inúmeros artigos e ensaios científicos, muitos dos quais foram editados em inglês, francês, espanhol e japonês. Eis alguns títulos dos mais importantes: ☺

- *Sociologia industrial* (1951);
- *Cartilha brasileira do aprendiz de sociologia* (1955);
- *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957);
- *Condições sociais do poder nacional* (1957);
- *O problema nacional do Brasil* (1960);
- *A crise do poder no Brasil* (1961);
- *Mito e realidade da revolução brasileira* (1963);
- *A redução sociológica* (1964);
- *A nova ciência das organizações* (1981);
- *Administração e estratégias do desenvolvimento* (1981).

Para se conhecer mais das ideias deste sociólogo, um tanto esquecido no Brasil, consideramos importante a leitura destes dois textos de um autor que tem se especializado em pesquisar o sociólogo Guerreiro Ramos: ↓

- BARIANI, Edison. *Guerreiro Ramos e a redenção sociológica: capitalismo e sociologia no Brasil*.  
[Link: <http://br.monografias.com/trabalhos915/ramos-capitalismo-sociologia/ramos-capitalismo-sociologia.shtml>](http://br.monografias.com/trabalhos915/ramos-capitalismo-sociologia/ramos-capitalismo-sociologia.shtml).
- BARIANI, Edison. *Guerreiro Ramos: uma sociologia em mangas de camisa*.  
[Link: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/n11/07.pdf>](http://www.cchla.ufpb.br/caos/n11/07.pdf).

### Luiz de Aguiar Costa Pinto (1920-2002)

Luiz de Aguiar Costa Pinto, também baiano, nasceu em Salvador, em 6 de fevereiro de 1920, filho de família abastada, proprietária de engenhos no recôncavo baiano. Seu avô foi senador da República e o pai diplomou-se em Medicina, tendo trabalhado com Nina Rodrigues na Faculdade de Medicina da Bahia e ocupado o cargo de diretor da instituição. Com a morte do pai, Costa Pinto abandonou o segundo ano do pré-médico e preparou-se para entrar na Faculdade de Direito.

Em 1937 veio, com parte da família – mãe e dois irmãos –, para o Rio de Janeiro, onde (o futuro sociólogo) envolveu-se com o movimento estudantil e militância na Juventude Comunista. Em 1939, por conta de sua atividade política anties-tadonovista, permaneceu preso durante oito meses.

Em 1942 Costa Pinto concluiu seu bacharelado em Ciências Sociais pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade do Brasil, atual UFRJ. Nessa mesma instituição, em 1944, foi convidado para ser assistente de Jacques Lambert na cadeira de Sociologia, e nela concluiu seu doutorado e livre-docência.

Suas afinidades profissionais com o professor francês resultaram na publicação de dois livros: *Problèmes démographi-*

*ques contemporains*, em 1944, e *Lutas de Famílias no Brasil*, em 1949, um estudo monográfico sobre o poder privado no Brasil colonial. Costa Pinto publicou diversos artigos na revista Sociologia, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, sobre o ensino das ciências sociais e aspectos teóricos e empíricos da pesquisa sociológica.

No final de 1949, Costa Pinto foi convidado por seu ex-professor, Arthur Ramos, recém-empossado no cargo de diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, para participar de um encontro em Paris sobre a questão racial. A partir de então, Costa Pinto participou da investigação a cargo da Unesco sobre relações raciais, que teve, além de grande importância em sua trajetória pessoal, grande importância para a própria história das Ciências Sociais no Brasil.

Na publicação de *Recôncavo: laboratório de uma experiência humana*, de 1958, pelo Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), uma investigação cuja condução foi compartilhada com Herbert Blumer, da Universidade de Columbia, são tomados, como pontos-chave, as relações de trabalho e as formas de propriedade. Nesses trabalhos, Costa Pinto apresentou o conceito de *marginalidade estrutural*, negando a figura do brasileiro como agente portador dos males sociais e afirmando o caráter estrutural do estancamento econômico.

A carreira internacional do professor Costa Pinto representou uma parte significativa de sua trajetória acadêmica. Seu vínculo com a Sociologia de outros países está presente desde o começo de sua carreira. Além da afinidade com Jacques Lambert, foi amigo de Donald Pierson e, a partir deste, procurou estudar na Universidade de Chicago, mas não teve sucesso em virtude de lhe ter sido negado o visto de entrada nos Estados Unidos da América.

Participou da fundação da Associação Brasileira de Sociologia (a atual Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS), da qual foi presidente, e foi também vice-presidente e membro do Comitê Executivo da International Sociological Association (ISA).

Foi professor em universidades da América Latina, da França, dos Estados Unidos da América e do Canadá, onde fixou residência como professor da Universidade de Waterloo, tendo se aposentado em 1985. Faleceu em novembro de 2002, vítima de falência múltipla dos órgãos, e foi sepultado em Salvador.

Sua obra é vasta, tendo sido publicada também em espanhol: ↓

- *Quinta Coluna e integralismo brasileiro* (1943);
- *O padrão de vida do comerciário no Distrito Federal* (1944);
- *Problèmes démographiques contemporains* – com Jacques Lambert (1944);
- *Lutas de famílias no Brasil* (1949);

- *Uma pesquisa sobre a vida social no estado da Bahia* – com Charles Wagley e Thales de Azevedo (1950);
- *Migrações internas no Brasil* – com J. Sá (1952);
- *Análise das profissões comerciais* – com R. N. Danneman e M. M. Carvalho (1952);
- *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança* (1953);
- *O balconista: estudo sociológico de uma ocupação* (1954);
- *A população comerciária* (1954);
- *As ciências sociais no Brasil* – com Edison Carneiro (1955);
- *Comércio metropolitano no Distrito Federal* – com T. P. Accioly Borges (1956);
- *Recôncavo: laboratório de uma experiência humana* (1958);
- *Resistências à mudança: fatores que impedem ou dificultam o desenvolvimento econômico* – (Org.) (1960);
- *Sociologia e desenvolvimento: temas e problemas do nosso tempo* (1963);
- *Textos de sociologia: problemas de abordagem interdisciplinar* – com Maurício Vinhas de Queiroz e W. Bazzanella – (Orgs.) (1963);
- *La sociologia del cambio y el cambio de la sociologia* – Argentina (1963);
- *Estructura de clases y cambio social* – Argentina (1964);
- *Teoria do desenvolvimento* – com W. Bazzanella – (Org.) (1967);
- *Desenvolvimento econômico e transição social* (1967);
- *Processos e implicações do desenvolvimento* – com W. Bazzanella – (Org.) (1969);
- *Nacionalismo y militarismo* – México (1969);
- *Estúdios de sociologia del desarrollo* – Colômbia (1970);
- *Transición social en Colombia* – Colômbia (1970).

Para se conhecer um pouco mais das ideias de L. A. Costa Pinto recomendamos a leitura dos seguintes artigos: 

- VILLAS BÔAS, Gláucia. *Por que rever mais uma vez o conceito de marginalidade estrutural de L. A. Costa Pinto?*. Disponível em:  
**Link:** <[http://www.ifcs.ufrj.br/~nusc/costa\\_pinto.pdf](http://www.ifcs.ufrj.br/~nusc/costa_pinto.pdf)>.
- DOMINGUES, José Maurício. *Desenvolvimento, modernidade e subjetividade*. Disponível em:  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091999000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091999000200007&script=sci_arttext)>.

### Florestan Fernandes (1920-1995)

Florestan Fernandes nasceu em São Paulo, em 1920. Sua luta pela vida começou na infância, pois para sobreviver começou a trabalhar aos seis anos. Trabalhou em todos os lugares e atividades possíveis, de engraxate e garçom a vendedor. Essa condição o impediu de estudar regularmente, ou seja, de completar a educação escolar fundamental. Posteriormente, para poder ingressar no ensino superior, fez um Curso de Madureza (depois Supletivo), que lhe deu a condição de ingressar na universidade.

No período de 1941-1944 fez sua graduação e licenciatura em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Realizou seu mestrado em Antropologia, na Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo, apresentando em 1947 a dissertação *A organização social dos Tupinambá*. Iniciou sua carreira docente em 1945, como assistente do professor Fernando de Azevedo, na cadeira de Sociologia II. Seu doutorado em Sociologia foi concluído em 1951, na Universidade de São Paulo, com a tese *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. Tornou-se livre-docente em 1953, com a tese *Ensaio sobre o Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia*, e professor catedrático da cadeira de Sociologia I da Universidade de São Paulo em 1964, com a tese *A integração do negro na sociedade de classes*. Aposentado compulsoriamente pela ditadura militar em 1969, foi *Visiting Scholar* na Universidade de Columbia, professor titular na Universidade de Toronto e *Visiting Professor* na Universidade de Yale. Regressou ao Brasil no final de 1972, quando passou a ministrar cursos de extensão cultural no Instituto *Sedes Sapientiae*, em São Paulo. Em 1977 foi contratado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Após todos esses anos de vida acadêmica, e tendo em vista a convocação de uma Assembleia Constituinte, resolveu candidatar-se a uma vaga como deputado federal constituinte pelo Partido dos Trabalhadores. Foi eleito para o período de 1987 a 1990, e reeleito para o período de 1991 a 1994. Faleceu em São Paulo, em 1995.

Uma das suas preocupações foi o estudo das perspectivas teórico-metodológicas da Sociologia. Seus ensaios mais importantes acerca da fundamentação da Sociologia como ciência foram, posteriormente, reunidos no livro *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. Seu comprometimento intelectual com o desenvolvimento da ciência no Brasil, que entendia ser um requisito básico para a inserção do país na sociedade moderna, científica e tecnológica, marca sua atuação na Campanha de Defesa da Escola Pública, em finais da década de 1950, e em prol do ensino público, laico e gratuito como direito fundamental do cidadão do mundo moderno.

Orientou dezenas de dissertações e teses acerca dos processos de industrialização e mudança social no país e teorizou os dilemas do subdesenvolvimento capitalista. Inicialmente, no bojo dos debates em torno das reformas de base e, posteriormente, após o golpe de Estado de 1964, nos termos da reforma universitária, coordenada pelos militares, produziu diagnósticos substanciais sobre a situação educacional e a questão da universidade pública, identificando os obstáculos históricos e sociais ao desenvolvimento da ciência e da cultura na sociedade brasileira inserida na periferia do capitalismo monopolista.

Em 1975 veio a público a obra *A revolução burguesa no Brasil*, que renovou radicalmente concepções tradicionais e contemporâneas acerca da burguesia e do desenvolvimento do capitalismo no país, mediante uma análise tecida com diferentes perspectivas teóricas da Sociologia, que abre um diálogo de problemas formulados em tom weberiano com interpretações alinhadas à dialética marxista.

No início de 1979, a convite dos estudantes do Centro Acadêmico de Ciências Sociais, retornou à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, agora reformada, para um curso de férias sobre a experiência socialista em Cuba. Em suas análises sobre o socialismo, apropriou-se de perspectivas do marxismo clássico e moderno, forjando uma concepção teórico-prática que se diferencia a um só tempo do dogmatismo teórico e da prática das concepções de esquerda.

O nome de Florestan Fernandes está obrigatoriamente associado à pesquisa sociológica no Brasil e na América Latina. Sociólogo e professor universitário, ele transformou o pensamento social no país e estabeleceu um novo estilo de investigação sociológica, marcado pelo rigor analítico e crítico, e um novo padrão de atuação intelectual. Em torno dele criou-se um núcleo de pensadores que formam o cerne do pensamento sociológico da USP, e possui uma influência e abrangência muito grande no Brasil, mesmo que ainda não tenha sido pesquisada e avaliada como deveria.

A sua obra é vasta e composta por livros, coletâneas e artigos. Eis uma relação de seus textos mais importantes: ⬇

- *Organização social dos Tupinambá* (1949);
- *A função social da guerra na sociedade tupinambá* (1952);
- *A etnologia e a sociologia no Brasil* (1958) [resenhas e questionamentos sobre a produção das Ciências Sociais no Brasil, até os anos 50];
- *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1959);
- *Ensaio de sociologia geral e aplicada* (1959);
- *Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira* (1960);
- *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo* (1961);

- *A sociologia numa era de revolução social* (1963);
- *A integração do negro na sociedade de classes* (1964) (2 v. – estudo das relações raciais no Brasil);
- *Educação e sociedade no Brasil* (1966);
- *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* (1968);
- *Elementos de sociologia teórica* (1970);
- *O negro no mundo dos brancos* (1972);
- *Mudanças sociais no Brasil* (1974);
- *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios* (1975);
- *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica* (1975);
- *A universidade brasileira: reforma ou revolução?* (1975);
- *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1975);
- *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento* (1977);
- *Circuito fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”* (1977);
- *A condição de sociólogo* (1978);
- *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana* (1979);
- *A natureza sociológica da Sociologia* (1980);
- *Brasil em compasso de espera: pequenos escritos políticos* (1980);
- *Movimento socialista e partidos políticos* (1980);
- *O que é revolução* (1981);
- *Poder e contrapoder na América Latina* (1981);
- *A ditadura em questão* (1982);
- *A questão da USP* (1984);
- *Nova República?* (1986);
- *A constituição inacabada: vias históricas e significado político* (1989);
- *Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo* (1989);
- *Significado do protesto negro* (1989);
- *Parlamentarismo: contexto e perspectivas* (1992);
- *Democracia e desenvolvimento: a transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual* (1994);

Existem inúmeros trabalhos acadêmicos, livros e coletâneas sobre o trabalho e pensamento de Florestan Fernandes. Escolhemos os três que se seguem por entendermos serem os que melhor explicam a trajetória e o essencial do pensamento desse sociólogo e cidadão do Brasil. ⬇

- FREITAG, Barbara. *Florestan Fernandes: revisitado*.  
Link: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300016&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300016&lang=pt)>.

- FERNANDES, Florestan. *Ciências Sociais: na ótica do intelectual militante*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000300011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000300011&script=sci_arttext)>.
- FREITAG, Bárbara. *Florestan Fernandes por ele mesmo*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141996000100015&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100015&lang=pt)>.

### Polêmicas que marcaram a década de 1950

Nesta década ocorreram duas polêmicas importantes para se entender o desenvolvimento da Sociologia no Brasil e que envolveram os três sociólogos aqui relacionados.

A primeira polêmica se deu entre A. Guerreiro Ramos e Luiz A. Costa Pinto sobre a questão racial, e pode ser conhecida a partir da leitura do seguinte texto: ⬇

- MAIO, Marcos Chor. *Uma polêmica esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações raciais*.  
**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52581997000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000100006)>.

A segunda se deu entre Florestan Fernandes e A. Guerreiro tendo por tema central a questão da particularidade e/ou universalidade do conhecimento social produzido no Brasil e sobre a ação política dos cientistas sociais. Esta polêmica pode ser mais bem conhecida através do texto: ⬇

- MALTA, Márcio; KRONEMBERGER, Thaís Soares. *Nem melhor nem pior, apenas divergentes: uma contribuição acerca da sociologia brasileira e da polêmica entre Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos*.  
**Link:** <[http://www.achegas.net/numero/42/marcio\\_thais\\_42.pdf](http://www.achegas.net/numero/42/marcio_thais_42.pdf)>.

Esta última polêmica, que trata da discussão da questão entre uma sociologia que deve prezar a ênfase na análise científica ou na militância política (não havendo necessidade que uma exclua a outra) ainda se faz presente no nosso universo sociológico.

### A consolidação da Sociologia no Brasil – Anos 1960-1980

Se as bases da Sociologia foram dadas no período anterior, mesmo com a presença de uma ditadura militar no Brasil, foi a partir de 1964 que a Sociologia começou a se expandir, em particular nos grandes centros urbanos, onde passou a se rela-

cionar com outros campos de conhecimento das ciências humanas. As discussões relacionadas ao processo de industrialização crescente formaram o centro das atenções, incluindo-se aí o grande debate sobre a presença do capital estrangeiro e a indústria nacional. Apareceram as teorias da dependência e as teorias da modernização, tão em voga naquele momento, e que configuraram a relação com as discussões que os economistas faziam e que era uma das tônicas dos debates de então.

A discussão sobre a educação e a juventude tornou-se uma questão presente, pois, de alguma forma, todas as questões sociais estavam vinculadas à precariedade da educação nacional. Neste caso, a relação se estabeleceu com os pedagogos.

Muita debatida, considerando a tradição e o contexto nacional na época, foi a questão do autoritarismo, principalmente depois do golpe militar de 1964, fazendo uma interface com a ciência política, e também a questão do planejamento.

Outras discussões e polêmicas também se fizeram presentes, principalmente as vinculadas ao trabalho industrial e ao sindicalismo, a formação da classe trabalhadora, a urbanização crescente e as transformações no campo, migrações rural/urbana e os problemas da marginalidade social.

No interior das universidades, principalmente nos cursos de Ciências Sociais, houve a criação de várias disciplinas que espelham essa realidade: Sociologia do Desenvolvimento, Sociologia Urbana, Sociologia Rural, Sociologia Industrial e do Trabalho (incluindo aí a questão sindical), Sociologia do Planejamento, Sociologia da Educação e da Juventude.

Concomitantemente, uma quantidade significativa de artigos e livros com essas temáticas foi publicada.

A partir da década de 1970 se expandiram os cursos de pós-graduação, (mestrado e doutorado) em Ciências Sociais e em Sociologia por todo o território nacional, elevando o nível, em número e qualidade, das pesquisas e do ensino de Sociologia. Isso significou que a presença da Sociologia no ensino superior e de pós-graduação se consolidasse no Brasil através das mais variadas abordagens e com uma multiplicidade de temas, que levou ao surgimento de muitas “sociologias” especiais: do desenvolvimento, do trabalho, do conhecimento, da arte, da educação, urbana, rural, da saúde, da família, etc. Pode-se dizer que houve uma profissionalização da Sociologia, na medida em que vários sociólogos resolveram enfrentar temas específicos aceitando o desafio de analisar os diferentes aspectos da realidade brasileira que se tornava cada vez mais complexa.

Muitos foram os que, em diferentes áreas do pensamento sociológico, desenvolveram suas pesquisas e seu trabalho docente. Entre outros, além dos mencionados, relacionamos alguns daqueles que a partir das décadas de 1960/70 passaram a ter suas obras lidas e reconhecidas no Brasil e também no exterior: Octávio Ianni (1926-2004); Fernando Henrique Cardoso (1931-); Leôncio Martins Rodrigues (1934-); Heleieth Saffioti (1934-); Marialice Mencarini Foracchi (1929-1972); Maurício Tragtenberg (1929-1998); Francisco de Oliveira (1933-); Luiz Pereira (1933-1985); Luiz

Eduardo W. Wanderley (1935-); José de Souza Martins (1938-); Gabriel Cohn (1938-); Roberto Schwarz (1938-); Elide Rugai Bastos; Luiz Werneck Vianna (1938-) e Simon Schwartzman (1939-).

Um fato importante é que, junto com a expansão dos cursos de pós-graduação que foram criados e consolidados como centros de ensino e pesquisa, houve um contraponto: a criação e as atividades de centros privados de pesquisa, tais como o Cebrap – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o Cedec – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea em São Paulo, e o IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

### Diversificação da Sociologia no Brasil – Últimos 20 anos

Mais recentemente outras preocupações passaram a ser foco de interesse de muitos estudiosos, inclusive com a realização de encontros e congressos específicos, envolvendo temas como violência, gênero e sexualidade, corpo, religião, saúde, cotidiano, comunicação, informação e indústria cultural, representações sociais, arte, consumo, cidadania, questão ambiental, lazer, globalização, ciência e tecnologia, sem esquecer os temas anteriormente apontados que seguiram seu curso, agora sob novos enfoques, como urbanização, ruralidades, juventude, família, trabalho, classes e mobilidade social, cultura, questões étnicas e raciais, relação estado/sociedade, entre outros.

Uma nova geração de sociólogos, como Sérgio Miceli, José Vicente Tavares dos Santos, Renato Ortiz, Gláucia K. Villas Bôas, Ricardo Antunes, Elisa Reis, Brasília Sallum Júnior, Laymert Garcia dos Santos, entre tantos outros, encontra-se atuando agora nas universidades brasileiras, participando de congressos e encontros, debatendo e tornando público suas pesquisas e reflexões.

#### A volta da sociologia no ensino médio

Depois de uma luta que se desenvolveu a partir de meados da década de 1990, através de organizações que representavam e envolviam sociólogos de variadas tendências, e também pela atuação de pequenos grupos nas universidades do país, a Sociologia retornou oficial e obrigatoriamente ao currículo do Ensino Médio brasileiro, mediante a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) pela Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008.

## CONHECENDO MAIS SOBRE

### A sociologia no Brasil

**a** No texto abaixo relacionado, você poderá ter uma ideia da relação entre dois autores brasileiros importantes: Euclides da Cunha e Gilberto Freyre. ↓

- VILLAS BÔAS, Gláucia. *Casa grande e terra grande, sertões e senzalas: a sedução das origens.*

**Link:** <<http://www.ifcs.ufrj.br/~nusc/casa.pdf>>.

**b** Nos textos seguintes você poderá conhecer os primeiros momentos do desenvolvimento da Sociologia no Brasil. Como um complementa o outro, ambos devem ser lidos: ↓

- CÂNDIDO, Antônio. *A Sociologia no Brasil.*

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702006000100015&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000100015&lang=pt)>.

- CÂNDIDO, Antônio. *Radicalismos.*

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141990000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100002)>.

**c** Duas entrevistas com Antônio Cândido permitem entrar em contato com o pensamento do autor bem como da constituição da Sociologia em São Paulo. ↓

- Entrevista – Entrevista com *Antonio Candido* – concedida a Gilberto Velho e Yonne Leite (Museu Nacional, UFRJ), publicada em junho de 1993.

**Link:** <<http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/txt.php?id=15>>.

- Entrevista com *Antônio Cândido* concedida a Heloisa Pontes, publicada em 2001.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092001000300001&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300001&lang=pt)>.

**d** Os textos abaixo favorecem o conhecimento de mais detalhes acerca do desenvolvimento da Sociologia no Brasil e de algumas influências importantes: ↓

- LIEDKE FILHO, Enno. *A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios.*

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222005000200014&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222005000200014&lang=pt)>.

- MENDOZA, Edgar S. G. *Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222005000200015&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222005000200015&lang=pt)>.

- MAIO, Marcos Chor. *O projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*.

**Link:** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091999000300009&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300009&lang=pt)>.

- JACKSON, Luiz Carlos. *Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970)*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000300004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000300004&lang=pt)>.

- VILLAS BÔAS, Gláucia. *A recepção da Sociologia alemã no Brasil. Notas para uma discussão*.

**Link:** <<http://www.ifcs.ufrj.br/~nusc/recepcao.pdf>>.

- WAISBORT, Leopoldo. *Simmel no Brasil*.

**Link:** <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/218/21850102.pdf>>.

- DIAS, Fernando Correia. *Presença de Max Weber na Sociologia brasileira contemporânea*.

**Link:** <<http://www16.fgv.br/rae/redirect.cfm?ID=2807>>.

- RIBEIRO, Luiz Carlos. *Civilização e cordialidade. Norbert Elias e Gilberto Freyre: diálogos sobre um processo*.

**Link:** <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais7/Trabalhos/xCivilizacao%20e%20Cordialidade%20-%20%20Norbert%20Elias%20e%20Gilberto%20Fr.pdf>>.

**e** Estes são alguns livros que possibilitam um conhecimento mais amplo de alguns pensadores/sociólogos brasileiros: ↓

- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz. *Um enigma chamado Brasil – 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- BASTOS, Elide Rugai *et al.* *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

Um dos momentos importantes foi quando a Unesco escolheu o Brasil para desenvolver um projeto sobre a questão racial. Isso pode ser conhecido com mais propriedade através da bibliografia referenciada a seguir:

- MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Gláucia (Orgs.). *Ideias de Modernidade e Sociologia no Brasil. Ensaio sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

- VILLA-BÔAS, Gláucia. *Mudança provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

A coleção *História do Marxismo no Brasil*, em 6 volumes, é a principal contribuição de vários autores para o entendimento da presença e da apropriação do pensamento de Karl Marx no Brasil.

- AARÃO REIS FILHO, Daniel; MORAES, João Quartim de (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil*. 2. ed. V.1. O impacto das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

- MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. 2. ed. V. 2 – Os influxos teóricos. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

- MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. 2. ed. V. 3 – Teorias e interpretações. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

- MORAES, João Quartim de; DEL ROIO, Marcos (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil*. V. 4 – Visões do Brasil. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

- RIDENTI, Marcelo; AARÃO REIS FILHO, Daniel (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil*. V. 5 – Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

- RIDENTI, Marcelo. *História do Marxismo no Brasil*. V. 6 – Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

### ➔ Dicas:

- Uma resenha destes volumes pode ser encontrada em MUSSE, Ricardo. *O legado de Marx no Brasil*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142008000200026&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142008000200026&script=sci_arttext)>.

- Ainda sobre a presença do marxismo no Brasil indicamos consulta à Biblioteca Virtual de História do Marxismo no Brasil.

**Link:** <<http://www.fafich.ufmg.br/marxismo/inicio.htm>>. [site em construção]

## f Entrevistas: ↓

Nestas duas entrevistas você poderá conhecer um pouco mais do pensamento de dois dos maiores sociólogos brasileiros:

- Entrevista com *Florestan Fernandes* no programa RODA VIVA da TV Cultura em 05/12/1994.

**Link:** <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/335/entrevistados/florestan\\_fernandes\\_1994.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/335/entrevistados/florestan_fernandes_1994.htm)>.

- Entrevista com *Octavio Ianni* no programa RODA VIVA da TV Cultura em 26/11/2001.

**Link:** <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/45/entrevistados/octavio\\_ianni\\_2001.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/45/entrevistados/octavio_ianni_2001.htm)>.

## COMO VIMOS NESTA AULA...

A sociologia no Brasil que teve um começo profundamente marcada pelas influências europeias, fundamentalmente francesas e alemãs, pouco a pouco foi integrando também a influência da sociologia desenvolvida nos EUA. Deste modo foi mesclando diferentes tradições e inventando seu próprio caminho. Pode se afirmar que a partir das décadas de 1940-1950 a sociologia no Brasil começa a dar seus primeiros passos na construção de uma sociologia com temas e debates nacionais baseada em análises e autores que procuraram responder às questões que a própria sociedade brasileira exigia. Ainda que muitas vezes dialogando com interpretações de autores estrangeiros desenvolveu-se uma sociologia vigorosa e com uma diversidade de temas e enfoques significativa.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

- 1 Nos dois textos abaixo relacionados apresentamos duas interpretações sobre a utilização de Max Weber para explicações acerca da realidade brasileira. Destaque os pontos de semelhança e diferença entre essas duas análises indicando quais os conceitos weberianos mais utilizados. ↓

- VIANNA, Luiz Werneck. *Weber e a interpretação do Brasil*.

**Link:** <[http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/weber\\_e\\_a\\_interpretacao.pdf](http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/weber_e_a_interpretacao.pdf)>.

- SOUZA, Jessé. *A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro*.

**Link:** <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300006&script=sci_arttext)>.

- 2 Leia os dois textos abaixo, envolvendo a polêmica entre Florestan Fernandes e A. Guerreiro Ramos, e analise como deve ser a posição do professor de Sociologia no Ensino Médio levando em conta as duas posições assumidas então, mas que ainda estão presentes no imaginário dos professores. ↓

- MALTA, Márcio; KRONEMBERGER, Thaís Soares. *Nem melhor nem pior, apenas divergentes: uma contribuição acerca da sociologia brasileira e da polêmica entre Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos*.

**Link:** <[http://www.achegas.net/numero/42/marcio\\_thais\\_42.pdf](http://www.achegas.net/numero/42/marcio_thais_42.pdf)>.

- BARIANI, Edison. *A sociologia brasileira nos anos 1950: heterogeneidade e heteronomia*.

**Link:** <<http://br.monografias.com/trabalhos915/sociologia-heterogeneidade-heteronomia/sociologia-heterogeneidade-heteronomia.pdf>>.

## REFERÊNCIAS

---

AZEVEDO, Ariston. *A redução sociológica em perspectiva histórica*. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-epqa-0598.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

BRANDÃO, Gildo Marçal. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil – um prefácio*. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf902/caio-prado-jr/caio-prado-jr.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida. Estudo sobre a sociologia de Antônio Cândido*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092001000300008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300008&lang=pt)>. Acesso em: 17 ago. 2010.

VELHO, Gilberto. *Gilberto Freyre – Trajetória e singularidade*. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65292008000300002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65292008000300002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 ago. 2010.

LEONÍDIO, Adalmir. *Utopias sociais e científicas no Brasil no final do século XIX*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702007000300013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702007000300013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 ago. 2010.

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

A Sociologia no Brasil desenvolveu-se, desde seus primórdios, influenciada por diversos pensadores aqui relacionados e analisados, sendo que, dependendo de cada período, alguns estiveram mais presentes que outros. Com o tempo nossos pensadores foram realizando análises que poderíamos dizer que passaram a ter um caráter propriamente nacional.

Nos limites desta aula vamos considerar o desenvolvimento da Sociologia no Brasil a partir da década de 1920.

## PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Ter uma visão geral da produção sociológica sobre juventude.
- ▶ Perceber a diversidade de abordagens produzidas e levar em conta esta produção para auxiliar no conhecimento do(a)s aluno(a)s no cotidiano escolar, dentro e fora das salas de aula.

## CONHECENDO SOBRE

### **Sociologia e juventude**

Desde o século XVIII, principalmente depois de Rousseau (1712-1778) e sua obra *Emile*, e de Johann H. Pestalozzi (1746-1827), vários desdobramentos procuram entender o desenvolvimento do que se considerou como infância e juventude, na passagem do séc. XVIII ao XIX.

O tema juventude não foi tratado na teoria sociológica clássica de forma extensa. Karl Marx, num breve texto para o Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Traba-

lhadores, em 1866, fez uma classificação etária em relação ao trabalho e à educação de crianças e jovens.

### *O trabalho dos adolescentes e das crianças dos dois sexos*

Por adulto entendemos toda pessoa que tenha atingido dezoito anos de idade.

Consideramos a tendência da indústria moderna de fazer cooperar as crianças e os adolescentes dos dois sexos, no grande movimento da produção social, como um progresso e uma tendência legítima e razoável, embora o reino do capital tenha feito disso uma abominação. Numa sociedade racional, qualquer criança, desde a idade de nove anos, deve ser um trabalhador produtivo, da mesma maneira que um adulto de posse de todos os seus meios não se pode isentar da lei geral da natureza. Se a pessoa quer comer, precisa trabalhar, e não somente com o cérebro, mas também com as mãos. Contudo, agora, só nos ocuparemos das crianças e dos jovens das classes trabalhadoras. Julgamos útil dividi-los em três classes, que devem ser tratadas diferentemente.

A primeira compreende as crianças de 9 a 12 anos, a segunda aquelas de 13 a 15, e a terceira de 16 a 17 anos. Propomos que o emprego da primeira classe em todo trabalho, na fábrica ou a domicílio, seja legalmente restrito a duas horas, o da segunda a quatro horas, e o da terceira a seis. Para a terceira classe, deve haver uma interrupção de uma hora ao menos para a refeição e o repouso.

Seria desejável que as escolas elementares começassem a instrução das crianças antes da idade de nove anos; mas para o momento, só podemos pensar nas medidas absolutamente exigidas para contrapor-se às tendências de um sistema social que degrada o trabalhador a ponto de torná-lo um simples instrumento para a acumulação do capital, e que, fatalmente, transforma os pais em mercadores de escravos que vendem os próprios filhos. O direito das crianças e dos adultos deve ser defendido já que eles próprios não o podem fazer. É, então, dever da sociedade agir em seu nome.

[...]

A sociedade não pode permitir, nem aos pais nem aos patrões, empregarem para o trabalho as crianças e os adolescentes,

a menos que este trabalho produtivo seja combinado à educação. Por educação queremos dizer três coisas:

- 1) educação mental;
- 2) educação corporal, tal como é produzida pelos exercícios de ginástica e militares;
- 3) educação tecnológica, englobando os princípios gerais e científicos de todo modo de produção, e, ao mesmo tempo, iniciando as crianças e os adolescentes no manejo dos instrumentos elementares de toda indústria.

A divisão das crianças e dos adolescentes em três classes, de 9 a 18 anos, deve corresponder a uma marcha graduada e progressiva para a educação mental, física e tecnológica.

MARX, Karl. Trabalho, juventude e educação politécnica. In: BRITTO, Sulamita. (Org.). *Sociologia da juventude I. Da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 16 e 17.

No texto de Marx, como se percebe, a questão da educação e o do trabalho para as crianças e jovens pode fazer pensar que ele defendia o trabalho para as crianças. Entretanto, é necessário pensar que o trabalho vinculado à educação, para Marx, tinha a finalidade, desde cedo, de ensinar aos jovens trabalhadores os conhecimentos da produção necessários à criação de um novo proletário mais instruído e conhecedor dos processos industriais. Mas é importante entender que a juventude é condicionada social e economicamente pela sociedade mais ampla.

Vale considerar que, muito embora a tradução (acima) registre a expressão “adolescente”, ela é incorreta, pois foi somente em 1902 que o psicólogo norte-americano G. Stanley Hall (1844-1924) cunhou essa expressão para tratar, do ponto de vista psicológico, da juventude de seu tempo.

Este autor, *Stanley Hall*, foi outro autor clássico na discussão sobre a juventude. Mesmo trabalhando a questão a partir da psicologia (psicologia social), enfocou-a como elemento de renovação social.

Com efeito, há, pois, duas perspectivas aí postas, a de Marx, que vê a juventude condicionada social e economicamente pela sociedade abrangente, e a de Stanley Hall, que a considera como uma promessa e possibilidade de uma nova sociedade.

### Durkheim e a infância

Apenas para lembrar, faz-se necessário assinalar que Durkheim também se preocupou com a questão da criança e da educação (não a juventude) em suas aulas na Sorbonne, no ano letivo de 1902-1903. Essas aulas foram publicadas na forma de livro somente em 1925, e uma edição revisada apareceu em 1963 na França, chegando agora ao Brasil, em 2008. Nessas aulas,

Durkheim discute, entre outras questões, como constituir na criança os elementos da moralidade. Temas como disciplina e penalidade escolar, a influência do ambiente escolar, o ensino histórico e das ciências e a cultura estética estão presentes nesse livro.

(DURKHEIM, Émile. *A educação moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.)

Durante todo o século XIX e início do século XX houve uma série de análises e de pesquisas, principalmente nas áreas da psicologia e da pedagogia, preocupadas com o tema juventude e que, poderíamos dizer, apresentavam alguma sociologia quando se referiam ao comportamento e ao meio social em que os jovens viviam. Mas não eram trabalhos efetivamente sociológicos.

Pode-se afirmar, sem dúvida, que o primeiro trabalho sociológico e teórico sobre a juventude foi o de *Karl Mannheim* (1893-1947) que, em 1928, escreveu o texto “*O problema das gerações*”. Neste trabalho, que teve outras versões, Mannheim procurou realizar uma revisão dos enfoques teóricos sobre gerações comparando a ‘vertente positivista’, predominante no pensamento liberal francês, com o pensamento histórico-romântico alemão. Depois disso, o autor desenvolveu uma série de conceitos e ideias como a *não-contemporaneidade dos contemporâneos, a situação de classe e a situação geracional, a relação entre posição geracional – conexão geracional – unidade geracional*, que configuram elementos essenciais para o entendimento de sua análise sociológica.

Posteriormente, em 1943, foi publicado outro artigo de Mannheim sobre a juventude, agora em outro contexto, o da Inglaterra da Segunda Grande Guerra: *O problema da juventude na sociedade moderna*. Trata-se de um texto em que o autor procurou destacar o papel a ser assumido pela juventude no processo de uma nova sociedade planejada e democrática, ou seja, como “força desbravadora de uma democracia militante”.

Na década de 1920, e a partir dela, alguns sociólogos norte-americanos da Escola de Chicago, levando em conta a urbanização crescente e a chegada de imigrantes de muitas nacionalidades, raças e religiões, procuraram pesquisar o comportamento dos jovens, com uma preocupação vinculada à delinquência e à marginalidade. Entre outros, temos os exemplos de Frederic M. Trasher e August B. Hollingshead. Trasher publicou, em 1927, o seu livro *A Gang – Um estudo de 1313 gangs em Chicago*, no qual mapeou a localização das gangs naquela cidade e suas formas de ação. Até a década de 1960 publicou uma série de outros trabalhos envolvendo a questão da delinquência e juventude. Hollingshead, em 1941, pesquisou a juventude (735 jovens de ambos os sexos, com idade entre 13 e 19 anos) de uma pequena cidade do centro-oeste norte-americano chamada Elmtown, levando em conta o comportamento dos jovens de diferentes classes no que se

referia ao trabalho, família e também a jogos de azar, sexualidade, roubo e uso de bebidas alcoólicas. Sua conclusão: “Existe uma relação funcional entre a posição de classe da família de um adolescente e seu comportamento social dentro da comunidade”.

Esta preocupação se estendeu pela década de 1950, através de alguns filmes que demonstraram o momento vivido pela sociedade norte-americana, que usa o discurso do cinema para afirmar uma determinada visão sobre a juventude e que, de alguma forma, repercutiu pelo mundo ocidental: ⬇

- **Juventude transviada** (*Rebel without a cause*)

Dir.: Nicholas Ray. Warner Bros. (EUA, 1955)

Filme baseado num romance de Robert Lindner, escrito em 1944, trata de questões que envolvem a delinquência juvenil e as relações entre jovens e suas famílias e as autoridades locais. Os dados deste filme podem ser encontrados em:

**Link:** <[http://www.65anosdecinema.pro.br/809-JUVENTUDE\\_TRANSVIADA\\_\(1955\)>](http://www.65anosdecinema.pro.br/809-JUVENTUDE_TRANSVIADA_(1955)>).

- **Amor sublime amor** (*West Side Story*)

Dir.: Robert Wise e Jerome Robbins. Seven Arts Productions e outros (EUA, 1961)

É um filme-musical, ganhador de muitos prêmios, e trata da relação entre gangues em Nova York em disputa por território. Trata da disputa entre a gangue de brancos norte-americanos e a dos descendentes de porto-riquenhos. Os dados deste filme podem ser encontrados em:

**Link:** <[http://www.65anosdecinema.pro.br/1976-AMOR,\\_SUBLIME\\_AMOR\\_\(1961\)>](http://www.65anosdecinema.pro.br/1976-AMOR,_SUBLIME_AMOR_(1961)>).

- **Sementes de violência** (*The Blackboard Jungle*)

Dir. Richard Brooks. MGM (EUA, 1955)

Este filme trata especialmente da relação entre a questão da delinquência e a escola, o que o torna importante ser conhecido e debatido. Sobre este filme, assim se expressa Amaury C. Moraes, no artigo “A escola vista pelo cinema”:

*Sementes de violência*: é a história de um professor, ex-soldado que retorna ao país e busca um emprego numa escola pública do subúrbio. São os anos '50 e a juventude está passando por um processo de mudança de comportamentos: é o *rock'n'roll*, são os *blue jeans*, é o consumo de bebidas, são as experiências sexuais, é a contestação ao sistema representado pela escola e professores. A “indisciplina escolar”, como em nossos dias, talvez seja a expressão que sintetize esses comportamentos ditos desviantes. O momento também marca uma das etapas de implantação de “políticas de inclusão” das populações marginalizadas: negros e latino-americanos. Os jovens se ressentem de uma educação

escolar diversa daquela que recebem em seus lares. Lá, na vida privada, as políticas de inclusão não são reconhecidas como naturais na democratização de oportunidades, mas, simplesmente, como desgoverno. Algo semelhante se passa entre os professores: as políticas de inclusão – ou de democratização do ensino – não passam de mecanismos de controle social da violência dos jovens, transferidos da família ou da polícia para os professores. “- A escola é uma grande lata de lixo da sociedade e nossa função é sentarmo-nos sobre a tampa para que o lixo não transborde” ou “- Nós mantemos esses jovens delinquentes na escola para que as senhoras, mães de família, possam andar em paz pelas ruas da cidade”, diz o professor experiente, em fim de carreira. O professor recém-contratado, Dadier, traz uma novidade consigo: ele não está animado pelos velhos preconceitos nem pensa na escola como um fim em si mesmo. Apesar dos muitos conflitos que vive, consegue vencer: de um lado, combate a liderança negativa – West, um jovem irlandês, envolvido com bebidas e roubo de carros – e valoriza a liderança positiva – Miller, um jovem negro que trabalha como mecânico para ajudar em casa. Ele vence também porque pensa na escola como meio, sobretudo de preparação para a vida. Pois bem, um dos recursos que utiliza para alterar suas relações com a classe é justamente a projeção de filmes, a partir dos quais mantém debates sobre a vida: o certo e o errado, o justo e o injusto, o bem e o mal etc.. Mas o filme, desde o início, desde o discurso lido por um locutor, objetiva o combate à delinquência juvenil em tom de nacionalismo e militarismo. O professor que foi combater um inimigo externo, volta e deve combater um inimigo interno. O uso do mastro da bandeira no último conflito do filme é emblemático: com ele imobiliza-se o inimigo e restabelece-se a paz e a ordem necessária.

(<http://www.hottopos.com/videtur21/amaury.htm>)

Um depoimento sobre a repercussão deste filme demonstra a sua importância cultural naquele momento da década de 1950 e do papel da cultura de massas:

Em 1956, na primeira exibição do filme *Sementes da violência*, em Salvador, no atual [...] Cine Glauber Rocha, a galera, incluindo Raul Seixas, que estava na plateia, ficou tão ensandecida ao ponto de vandalizar o cinema. Anos mais tarde, Tom Zé contou que também viu o filme na época e imediatamente sentiu vontade de compor. A reação, segundo os jornais da época, foi mundial: cinemas foram destruídos na Grã-Bretanha, Canadá, Estados Unidos. O filme dirigido por Richard Brooks, com Glenn Ford e Sidney Poitier, abordou tema tabu na época como racismo, tensão sexual e violência juvenil, e tinha na trilha sonora a canção *Rock around the clock*. Cultura de massa enlouquecendo as massas e semeando o rock.

(<http://www.overmundo.com.br/overblog/sementes-da-violencia>)

Como se pode perceber, todas essas análises da década de 1920 a década de 1950 olharam a juventude como um problema social a ser pensado por todas as instituições sociais.

Nesse sentido, vale lembrar ainda S. N. Eisenstadt que, em 1956, publicou o seu conhecido livro *De geração a geração* (com forte influência de T. Parsons), onde, nas palavras iniciais do seu prefácio, pode-se ler:

Este livro tem por objetivo analisar os vários fenômenos sociais conhecidos como grupos etários, movimentos juvenis etc., e averiguar se é possível especificar as condições sociais sob as quais surgem, ou os tipos de sociedades nas quais ocorrem. A tese principal deste livro é que a existência destes grupos não é fortuita nem casual e que surgem e existem somente sob condições sociais muito específicas. Tentamos também demonstrar que a análise destas condições não tem apenas um interesse etnológico ou de antiquário, mas que pode possibilitar a compreensão das condições de estabilidade e continuidade dos sistemas sociais.

(EISENSTADT, S.N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. XI)

Assim, a partir da década de 1960, com a emergência de vários movimentos de jovens, em várias partes do mundo, pode-se perceber uma guinada nos estudos sobre juventude, quando a questão passa a exprimir nas noções de contracultura, movimento hippie e revoltas estudantis, num contexto em que a cultura de massas, em especial a chamada música jovem trazida pelo rock e mais recente pela cultura do funk e pelo hip-hop, desempenha papel de destaque.

Sobre o movimento de contracultura, é importante entender o contexto em que ela aconteceu nos Estados Unidos da América e também no Brasil. No Brasil, a versão da contracultura veio vestida com as roupas coloridas do Tropicalismo, um movimento de caráter cultural que participou dessa “onda internacional” que nasceu nos Estados Unidos da América e que entre nós recuperou discussões antropofágicas propostas pelo poeta Oswald de Andrade e pelo movimento modernista de 1922. Com expressões que envolviam o cinema, em especial o cinema de Glauber Rocha, o teatro, em especial o Teatro Oficina de José Celso Martinez Corrêa, a artes plásticas, traduzidas na obra de Hélio Oiticica, e especialmente a produção musical envolvendo muitos nomes e que teve sua expressão mais popular nas vozes e canções de Caetano Veloso e Gilbert Gil, o Tropicalismo assumiu os canais de comunicação de massas e traduziu com vigor esse momento especial da contracultura brasileira, contrariando tanto os interesses e a moral conservadora do militares e das famílias brasileiras de classe média quanto os ideais da tradicional cultura da esquerda brasileira que ainda respirava os valores nacionalistas dos centros populares de cultura (os CPCs). Seus líderes foram perseguidos, tendo que se exilar, mas a verdade é que o panorama da cultura no Brasil nunca mais foi o mesmo.

Para saber da contracultura, vale ler o pequeno texto 

- *Contracultura e movimento hippie*.

**Link:** <<http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?p=171>>.

Para conhecer mais sobre a contracultura e suas relações com a música brasileira, recomendamos a leitura do texto 

- Os reflexos da contracultura no Brasil: debates sobre produção musical (1967-1972).

**Link:** <<http://www.artigonal.com/musica-artigos/os-reflexos-da-contracultura-no-brasil-debates-sobre-producao-musical-1967-1972-896244.html>>.

A vasta bibliografia produzida até então tratou a juventude como uma força nova que poderia mudar a sociedade. As revoltas estudantis de 1968 (mais conhecidas como de Maio de 1968) e o grande evento musical realizado em Woodstock, nos Estados Unidos da América, em 1969, podem ser considerados representativos desse momento, e até hoje são emblemáticos, sempre citados e rediscutidos.

Dois filmes que retratam alguns aspectos desse momento: 

- **Sem Destino** (*Easy Rider*).

Dir.: Dennis Hopper. Columbia Pictures (EUA, 1969).

Trata-se de um retrato bem realizado da contracultura dos anos 60, do movimento beat (uma lembrança e referência do seu herói Jack Kerouac e seu livro *On the road*) e do papel das drogas naquele momento. O filme conta a história de dois motociclistas que saem pelas estradas para encontrar a liberdade pessoal. A música “Born to be Wild” virou um hino daquela geração. Uma pequena resenha do filme pode ser encontrada em

**Link:** <<http://www.editoras.com/rocco/022282.htm>>.

- **Hair** (*Hair*).

Dir. Miles Forman. Fox Films (EUA, 1979).

Musical que retrata um momento da vida de Claude (John Savage), um jovem do Oklahoma que foi recrutado para a guerra do Vietnã. Indo para Nova York, ele foi “adotado” por um grupo de hippies comandados por Berger (Treat Williams), que tenta convencê-lo dos absurdos da atual sociedade, e que manifestam conceitos nada convencionais sobre o comportamento social. Claude também se apaixona por Sheila (Beverly D’Angelo), uma jovem proveniente de uma rica família, o que engrossa o conflito da história. O filme foi feito quando a guerra do Vietnã já havia acabado e os hippies já estavam segregados em vários grupelhos ao redor do mundo. Mesmo assim é um belo retrato cinematográfico e musical da geração do final dos

anos 1960 e seus ideais. Para uma análise deste filme, ler o que está em

**Link:** <<http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?p=157>>.

E foi também nessa década que começaram a aparecer trabalhos sociológicos sobre a juventude no Brasil. Os livros de Marialice M. Foracchi são muito importantes: *O estudante e a transformação da sociedade brasileira* (1965), *A juventude na sociedade moderna* (1972), e o artigo de Octavio Ianni – *O jovem radical* – são exemplos de análise da participação política estudantil e dos jovens nesse momento.

Mas o fato mais importante para a reflexão sobre juventude no Brasil foi a publicação, em 1968, de uma coletânea – *Sociologia da juventude* – (em quatro volumes) organizada por Sulamita de Britto (ver bibliografia), que trazia uma série de artigos muito importantes que mapeavam a discussão sociológica sobre juventude à disposição do público brasileiro de então.

Uma questão pouco analisada sociologicamente, mas presente em vários livros e artigos, normalmente histórico-analíticos, ou autobiográficos, é a que considera a participação dos jovens na luta armada durante a ditadura militar. Dois filmes e um documentário sobre a luta armada na década de 1970, que envolve a juventude de então, por razões diversas, são importantes para ilustrar esse momento, na Europa e no Brasil: ↓

- **No olho do furacão.**

Dir.: Renato Tapajós e Toni Venturi. (Brasil, 2003).

Este documentário reúne entrevistas com diversos ex-militantes de esquerda, que pegaram em armas e foram presos ou exilados durante a ditadura militar brasileira. Para uma análise deste documentário leia o que está em

**Link:** <<http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?p=205>>.

- **Cabra cega.**

Dir.: Toni Venturi. (Brasil, 2005).

Baseado em depoimentos e no contexto conhecido da luta armada no Brasil, durante o regime militar, este filme retrata a vida de militantes de esquerda. Para uma análise deste filme leia o que está em

**Link:** <<http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/?p=199>>.

- **O grupo Baader Meinhof**

(*Der Baader Meinhof Komplex*).

Dir.: Uli Edel. (Alemanha, 2009).

Baseado em uma história real, esta adaptação para os cinemas é um filme de ação repleto de mortes, explosões e drama psicológico, com um roteiro que vai fundo nos bastidores do grupo Baader Meinhof. Na Alemanha, nos anos de 1970, os radicais filhos da geração nazista, liderados por Andreas Baader, Ulrike Meinhof e Gudrun Ensslin, travam

uma violenta guerra contra aquilo que eles denominam a nova face do fascismo: o imperialismo americano apoiado pelo establishment alemão, sendo muitos dos seus membros com passado nazista. O objetivo do grupo era criar uma sociedade mais humana, mas, ao empregar atos desumanos, o que fizeram foi espalhar o terror e derramar sangue, perdendo assim a própria humanidade. Ironicamente, o único que os compreende é também aquele que os caça: o chefe da polícia alemã, Horst Herold. Ao mesmo tempo em que obtém sucesso em sua cruel perseguição contra os jovens terroristas, Horst também sabe que está lidando apenas com uma ponta do iceberg.

Depois disso, a discussão sobre juventude no Brasil ficou um pouco estagnada, até que na década de 1990 se iniciou uma nova fase dos estudos sobre a juventude, agora com outras características, ou seja, cada um abordando alguns de seus aspectos, e que assim podemos exemplificar:

- Juventude e trabalho;
- Juventude, gravidez e paternidade precoces;
- Juventude e sexualidade;
- Juventude e violência;
- Juventude e comportamentos de risco;
- Juventude e participação política;
- Juventude e religião;
- Juventude operária;
- Juventude indígena;
- Juventude e campo (rural – camponesa – agrária);
- Juventude e “baladas”;
- Juventude e os movimentos funk, punk e hip hop;
- Juventude e segregação social.

Alguns filmes correspondem e podem ilustrar alguns desses enfoques: ↓

- **Christiane F – 13 anos, drogada e prostituída...**

(*Christiane F. - Wir Kinder vom Bahnhof Zoo*).

Dir.: Uli Edel. (Alemanha, 1981).

Uma adolescente alemã conta sua história de envolvimento com álcool, as drogas pesadas e a prostituição em Berlim. História real, em um filme que causou polêmica em todo mundo.

- **Curtindo a vida adoidado** (*Ferris Bueller's Day Off*).

Dir.: John Hughes. Paramount Pictures (EUA, 1986).

No último semestre do curso colegial, um estudante (Matthew Broderick) sente um incontrolável desejo de matar a aula e planeja um grande programa na cidade com a namorada (Mia Sara), seu melhor amigo (Alan Ruck) e uma Ferrari. Só que para poder realizar seu desejo ele pre-

cisa escapar do diretor (Jeffrey Jones) do colégio e de sua própria irmã (Jennifer Grey).

- **O ódio** (*La haine*).

Dir. Mathieu Kassovitz. Canal + e outros (França, 1995).

Nos subúrbios de Paris, três amigos – um judeu, um negro e um árabe – se envolvem em conflitos com policiais após um amigo ficar em coma por ser espancado durante um interrogatório. O filme poderia ser feito hoje em qualquer comunidade urbana do Brasil. Pobreza, xenofobia, juventude sem perspectivas = ódio.

- **Kids** (*Kids*).

Dir.: Larry Clark. Excalibur Films e outros (EUA, 1995).

Nova York serve de cenário para mostrar o conturbado mundo dos adolescentes que, indiscriminadamente, consomem drogas e quase nunca praticam sexo seguro. Um garoto, que deseja só transar com virgens, e uma jovem, que só teve um parceiro, mas é HIV soropositivo, servem de base para tramas paralelas, que mostram como um adolescente pode prejudicar seriamente sua vida se não estiver bem orientado.

- **Trainspotting** – Sem Limites (*Trainspotting*).

Dir.: Danny Boyle. Channel Four e outros (Inglaterra, 1996).

Num subúrbio de Edimburgo, quatro jovens sem perspectivas mergulham no submundo para manter seu vício autodestrutivo em heroína. Um dos filmes mais cultuados dos últimos anos, graças à originalidade e vitalidade do diretor Danny Boyle e do elenco encabeçado por Ewan McGregor.

- **Pixote**. A lei do mais fraco.

Dir.: Hector Babenco. Embrasil, HB Filmes (Brasil, 1981).

Neste filme, o diretor construiu um dos mais cruéis retratos da realidade das ruas de São Paulo, onde crianças têm sua inocência retirada ao entrarem em contato com um mundo de crimes, prostituição e violência.

➔ **Obs.:** O ator Fernando Ramos da Silva, que interpreta o personagem-título, tempo depois do êxito do filme voltou à sua vida de sempre, vivendo num ambiente de total miséria. Chegou a tentar seguir a carreira de ator, porém não conseguiu (foi demitido) por ser incapaz de decorar os textos, já que era semianalfabeto. Devido à influência dos irmãos, retornou à criminalidade, sendo assassinado por policiais em 1987. Tema explorado em outro filme: *Quem matou Pixote?* Brasil – 1996 – Dir. José Joffily.

- **Meninas**.

Dir.: Sandra Werneck. Cineluz Prod. Cinematográficas (Brasil, 2006).

Documentário que apresenta a questão da gravidez precoce no Brasil. As protagonistas são quatro adolescentes grávidas e de baixa renda. O tema desenvolve-se a partir das explicações que cada uma dá para sua situação, quais são os seus problemas familiares e quais as alternativas para resolverem as questões básicas de sobrevivência. Maior comentário ver em

**Link:** <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2006/05/04/ult26u21441.jhtm>>.

- **Cama de Gato**.

Dir.: Alexandre Stockler. Prodígio Filme (Brasil, 2002)

Retrata a juventude paulistana de classe média, tendo como temática a relação entre violência, baladas e sexualidade.

**Link:** <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u23639.shtml>>.

## CONHECENDO MAIS SOBRE

**a** Para se conhecer mais sobre o que K. Marx e F. Engels escreveram sobre a infância, a juventude e a educação, é fundamental a leitura do seguinte trabalho ↓

- NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação, saber, produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez, 1990.

**b** Para uma análise mais específica da contribuição de Karl Mannheim, conferir o trabalho ↓

- WELLER, Wivian. *Karl Mannheim: um pioneiro da sociologia da juventude*.

**Link:** <[http://www.sbsociologia.com.br/congresso\\_v02/papers/GT26%20Sociologia%20da%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Juventude/GT26\\_SBS2007\\_PAPER\\_WIVIANWELLER\\_VF%5B1%5D.pdf](http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT26%20Sociologia%20da%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Juventude/GT26_SBS2007_PAPER_WIVIANWELLER_VF%5B1%5D.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2009.

Sobre juventude, ensino e escola:

- DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*.

**Link:** <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

- FORQUIN, J.-C. *Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. São Paulo, SESC, out. 2003.  
**Link:** <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/83.rtf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.
- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. *Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas*.  
**Link:** <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>>.
- ROBERTS Kenneth; PARSELL Glennys. *Culturas da juventude, transformação social e a transição para a vida adulta na Grã-Bretanha*. *Análise Social*, v. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 167-192.  
**Link:** <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122303380405iSY6he9Rl69PD0.pdf>>.
- FRAGA, Paulo Denisar. *Juventude e cultura: identidade, reconhecimento e emancipação*.  
**Link:** <<http://www.espacoacademico.com.br/075/75fraga.htm>>.

## COMO VIMOS NESTA AULA...

A análise sociológica sobre a juventude teve várias fases e também demonstra uma diversidade muito grande de alternativas e possibilidades teóricas, o que procuramos demonstrar para que fique igualmente clarificado que um objeto pode ser analisado de diferentes ângulos. Uma questão de suma importância para se conhecer também como a juventude, em vários momentos de nossa história, é um importante sujeito na transformação cultural da sociedade.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

- 1 Na sua sala de aula faça uma pequena enquete (pesquisa) com seus alunos e procure analisar o que eles entendem sobre o que é ser jovem, ou seja, quais as características que eles identificam para este período da vida. Para orientar este trabalho, utilize este texto: ↓

- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. *Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas*.  
**Link:** <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>>.

- 2 Leia o texto de Helena W. Abramo e a entrevista com Anthony Giddens abaixo e disserte sobre a validade do uso destas ideias para entender a juventude de hoje no Brasil, principalmente levando em conta as observações que você colheu na atividade acima indicada e realizada. ↓

- ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Disponível em:  
**Link:** <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_05\\_HELENA\\_WENDEL\\_ABRAMO.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf)>.

### Entrevista com Anthony Giddens – A longevidade da adolescência por [...]

*Segundo o historiador Phillipe Ariés, o conceito de infância nasceu num contexto histórico específico, respondendo a uma necessidade de classificação de uma fase do crescimento. Como o sr. vê as mudanças do conceito de adolescência?*

A definição que temos do adolescente está relacionada com a definição que temos da infância e da fase adulta. Se os conceitos de criança e de adolescente estão mudando por razões históricas, é porque ambos são invenções históricas. Com o nascimento da definição da criança, tivemos a formulação de uma ideia sobre um tipo específico de infância, a infância tardia, o adolescente.

*Quais são as transformações do papel social do adolescente, com o passar do tempo?*

Nos países ocidentais, a afirmação do adolescente correu paralelamente ao declínio das taxas de nascimento. Isso porque, quando se tem muitas crianças, o comportamento dos adultos em relação a elas é diferente. Simplificando, se há muitas crianças e a morte no começo da vida é comum, devido a doenças e condições precárias de saúde, a vida desses pequenos seres humanos é banalizada, em termos gerais, pela sociedade. Quando passa a ocorrer menos nascimentos e há maior qualidade de vida, os jovens tornam-se uma possibilidade de investimento concreto para a sociedade, porque se sabe que irão viver e trabalhar mais.

*Isso refletiu uma mudança no conceito de família também?*

Sim, o nascimento do conceito de adolescente está vinculado à ideia de família com poucos filhos. Seu crescimento é acompanhado mais de perto, o que faz com que se percebam as diferenças de comportamento entre uma criança e uma criança quase adulta. Eis que temos o adolescente.

*Então, o surgimento do conceito de adolescente tem a ver com o apogeu da vida urbana e burguesa?*

Sim. Foi sendo criada uma necessidade de proteção dos adolescentes e das crianças. Hoje em dia, um crime contra uma criança, um jovem, é inaceitável, mas não era assim no passado. Não ha-

via leis que os protegessem sequer do abuso dos pais. A particularização do crescimento, a classificação do adolescente, resultou na criação de leis para protegê-los.

*Como o sr. vê as transformações nas relações entre adolescente e trabalho?*

O trabalho redefine o conceito de criança e de adolescente onde quer que seja, pois diz respeito a conceder responsabilidade dentro da sociedade. Na Inglaterra medieval as crianças eram mandadas a trabalhar, como ocorre hoje em países de Terceiro Mundo, como o Brasil. O trabalho pode dar autoridade ao adolescente, em sociedades que os valorizam por seu papel na coletividade, ou pode abandoná-los às más condições de trabalho, com a justificativa de não serem adultos “de verdade”, o que costuma acontecer no Terceiro Mundo.

*O sr. não considera que as crianças de hoje estariam agindo como os adolescentes de ontem? Acredita que os adolescentes percebam isso?*  
Percebem, inconscientemente. É por isso que, ainda que inconscientemente, eles buscam dar à sua cultura um caráter permanente. Os adolescentes querem ser desassociados da ideia de que estão numa fase passageira e indefinida.

*O sr. não concorda que os adolescentes estejam mais integrados à ordem capitalista por serem mais flexíveis e voláteis, como é a própria sociedade capitalista?*

Não. Acho que a adolescência busca uma identidade sólida dentro das transformações ocasionadas pelo processo de globalização. As transformações que aconteciam com um indivíduo na adolescência foram transferidas para a infância. A exposição à mídia, as mudanças físicas, as primeiras questões sobre sexo, o desenvolvimento da relação com o corpo acontecem hoje na infância. Assim, quando adolescente, o indivíduo já não tem o mesmo tipo de dúvida que tinha no passado.

*Com que o sr. acha que eles estão preocupados hoje?*

É um fato curioso, mas os adolescentes de hoje, diferentemente dos gerados pela contracultura, estão menos preocupados com política e luta de classes e mais interessados em questões como

direitos humanos, ecologia e direitos sexuais; enfim, valores mais universais do que os de antes.

*O sr. concorda que os meios de comunicação de massa, o mercado de cultura pop e do entretenimento perceberam a potencialidade do filão que é o adolescente mais do que os acadêmicos tiveram como interpretar o aumento da importância desta fase da vida humana?*

Em parte é verdade. O impacto da comunicação de massa é muito forte. Antes, os adolescentes flutuavam entre dois tipos de cultura, agora têm uma própria, e ela é alimentada pela mídia, num processo em que a comunicação globalizada e a Internet são fatores importantes. Isso tem um lado positivo, que é o de colocar os jovens em contato com outras culturas. Por outro lado, acho que o culto ao corpo celebrado pela mídia tem causado disfunções.

*Por exemplo?*

Fiquei impressionado com o aumento do número de casos de anorexia na Europa. Meninas, crianças que, obcecadas pela ideia de ficarem magras como as modelos, deixam de comer numa fase importante do crescimento. É um exemplo de como as transformações sociológicas interferem nas fisiológicas e vice-versa.

*O sr. acha que a mudança na postura e no papel do adolescente nestes tempos está propiciando transformações nas outras fases da vida humana também?*

Sim, a natureza do crescimento humano está mudando e o que temos é a liberalização dos dogmas que regem cada fase do crescimento humano. Acho que a transformação da velhice terá grandes consequências na forma como a sociedade se estrutura. Antes, a doença e a morte vinham mais cedo. Hoje se faz muito mais coisas na última fase da vida. Temos idosos entrando e saindo de relacionamentos, dirigindo, indo a bares. Enfim, temos mais idosos – e idosos ainda mais idosos do que antes – ativos. A indústria do entretenimento, que hoje focaliza o adolescente, deve descobrir isso em breve, pois o potencial consumidor desse grupo está crescendo.

(Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0201200028.htm>>).

## REFERÊNCIAS

### LIVROS:

ALMEIDA, Maria Isabel M. de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites Nômades. Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais e juventude*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1990.

BRITTO, Sulamita de (Org.). *Sociologia da juventude I. Da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da juventude II. Para uma sociologia diferencial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da juventude III. A vida coletiva juvenil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da juventude IV. Os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

EISENSTADT, S.N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

\_\_\_\_\_. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.

FURTER, Pierre. *Juventude e tempo presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*. 1968 – Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude*. Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

JEOLÁS, Leila S. *Risco e prazer*. Os jovens e o imaginário da AIDS. Londrina, PR: EDUEL, 2007.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos jovens: da antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos jovens: a época contemporânea*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor (Org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

POERNER, Arthur José. *O poder jovem*. História da participação política dos estudantes brasileiros. 2. ed. rev. il. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PONTE de SOUSA, Janice Tirelli. *Reinvenções da utopia*. A militância política de jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

### ARTIGOS:

CRUZ, Vieira da; SILVA, José Maria de Oliveira da. *Juventude e modernidade: conceitos, representações e debates*. Disponível em: <[http://hopnet.sites.uol.com.br/juventude\\_modernidade.pdf](http://hopnet.sites.uol.com.br/juventude_modernidade.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2009.

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes?* Reflexões em torno da socialização juvenil. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

FORQUIN, J.-C. *Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. São Paulo, SESC, outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/83.rtf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

GONÇALVES, Hebe Signorini. *Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702005000200009&script=sci\\_arttext&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702005000200009&script=sci_arttext&lng=pt)>. Acesso em: 23 nov. 2009.

JESUS, Altair Reis de. *A imagem da recriação da juventude: televisão e propaganda*. Disponível em: <[http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/23\\_6\\_2009\\_21\\_41\\_37.pdf](http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/23_6_2009_21_41_37.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2009.

MANNHEIM, Karl. *El problema de las generaciones*. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=766796>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_03\\_ALBERTO\\_MELUCCI.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2010.

MISCHE, Ann. *De estudantes a cidadãos*. Redes de jovens e participação política. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_13\\_ANN\\_MISCHE.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_13_ANN_MISCHE.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2010.

PEREIRA, Cláudia da Silva. *O conceito de “juventude” na publicidade: modernidade, felicidade, sociabilidade, amizade e liberdade*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0741-1.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

SILVA, Valéria. *Juventude e modernidade brasileira – Fragmentos contemporâneos de um processo secular*. Disponível em: <<http://www.nejuc.ufsc.br/artigos/juventudemodernidadebrasileira.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

### DOSSIÊS:

a) *Revista Política & Sociedade* – Dossiê Juventude, movimentos e contestações. v. 5, n. 8, 2006. O texto integral deste dossiê está disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/issue/view/971/showToc>>. Acesso em: 18 ago. 2010.